ANO 35.º

SEXTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 1955

N.º 11.878

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Dir-se-ia que, na abóbada do Ceu, o supremo pintor dispõe em grinalda, cenográficamente, as mais belas estrelas para saudar 1956.

Vai por lá um coro de anjos que, se o microfone das emissoras pudesse captar encheria este pobre planeta, perdido na mais obscura galaxia, de rumores de esperança, de frémitos de alegria, de hossanas vitoriosas! E o homem olha surpreso para o delírio dos astros, sentindo que, nesta curta noite, pelo menos, haverá em toda a Terra umas fugazes horas de paz, e que o seu coração será melhor, a sua alma mais compreensiva, o seu amor mais profundo, quando o velho Kronos, de barbas pluviais, com a simbólica ampulheta de oiro, por onde escorre a areia do tempo, atravessar o pórtico coruscante do Ano Novo.

Que feérico palácio de magia! O que haverá lá dentro? Delírios de cor, tesouros maravilhosos, veus faiscantes, encantados segredos e o rubro fogo da vida, deixando as suas cinzas, que também serão chama, ardendo em perpétua imortalidade.

1956! Que surpresas no seu transito ele nos dará, como a semente que se lança á terra lavrada de fresco, e que tanto se converte em pão e abundancia, como em fome e amargura!

Qual será o seu destino? Que mensagem escreverá ao longo da sua misteriosa existência? Será um numero feliz, que traga melhor destino á Humanidade? Que realize os seus sonhos, não muito ambiciosos, porque a felicidade só o é quando, de exigua, cabe na palma tamanina de uma criança.

Façamos dele um ano generoso, claro e feliz, de boa vontade e de fraternidade humana! Abramos as suas portas de oiro e de cristal. Glorifiquêmo-lo, com jubilosas auriflamas, como uma aurora triunfal, que nasce sobre o planeta, não apenas uma só manhã, mas todos os 366 dias em que vai viver, ser o nosso sangue, a nossa carne, o nosso espírito, a nossa vontade, o nosso destino!

Por enquanto, ainda é puro, imaculado como este lindo bambino!

Chora de alegria! Sorri com as próprias lágrimas! Ergue os braços ao Sol, asas a vibrar na luz diamantina do Ceu, e grita, clama, afirma num evoé de esperança, desafiando os fados maus e os deuses cruéis:

— Eu sou a vida! Eu sou o amor! Eu sou a alegria! Sou o que vós próprios vierdes a ser! Bom ano a todos! 1956 será o melhor ano do século!

A campanha eleitoral em França

faz-se toda à volta dos problemas relacionados com a situação na Africa do Norte

PARIS, 31—Os candidatos aos lugares do Palais Bourbon prosseguem nas visitas aos seus departamentos e circunscrições, multiplicando as reuniões, antes que finde a campanha eleitoral.

Em Arras, Guy Mollet, falando a um auditório numeroso, referiu-se á questão da Africa do Norte, citando as soluções preconizadas pelo Partido Socialista. «E' necessário—disse—rejeitar toda e qualquer ideia de guerra e, firmemente, prosseguir nas negociações».

Menos felizes, os candidatos independentes e camponeses, Jacquinot e Rousselot, não puderam expor o seu programa eleitoral. Com efeito, na Casa de Trabalho de Verdun, durante três quartos de hora, a algazarra aumentava sempre e tanto que Jacquinot entrou em vias de facto com um membro do auditório.

A Argélia foi o tema principal da reunião que se realizou na Salle Wagram, em Paris, organizada pelos candidatos independentes do 1.º e 2.º sector: Frederic Dupont, Jacques Féron e Isorni. Segundo estes, as dificuldades na Africa do Norte eram agravadas pela incompreensão de certos meios ingleses e americanos que estimulam os nacionalistas árabes e pela táctica soviética que visa semear a anarquia no continente africano e desassociar a União Francesa.

Em Laval, Robert Buron (M. R. P.), dominando a obstrução poujadista, conseguiu expor o seu programa. Depois de examinar a questão da União Europeia, declarou-se a favor da criação dum Fundo Na-

(Continua na ultima página)

O velho mercado de Karachi

LISBOA-GOA E VOLTA — (11)

O milagre do Paquistão

— do nosso enviado especial
Urbano Tavares Rodrigues

KARACHI, Dezembro — Em todas as repartições publicas de Karachi, vê-se o retrato de um homem moreno, sem idade, muito magro, as feições finas, no olhar aveludado uma expressão de quem conheceu do Mundo as decepções e os triunfos, as lutas e as misérias, os compromissos e as baixezas, sem jámais perder a fé inaballável numa ideia. E' essa chama interior nos seus olhos escuros, essa centelha de fé, que dá aos retratos de Mohammed Ali Jinnah, fundador do Paquistão, um reflexo de eterna juventude.

Foi em 1948 que Jinnah morreu, na hora do triunfo, legando ao porvir o maior Estado muçulmano do Mundo. Figura singular a deste «gentleman» oriental, que entalava

(Continua na página seguinte)

A oficialidade da P. S. P. durante os cumprimentos

O ministro do Interior recebeu cumprimentos

das corporações armadas dependentes do seu Ministério

Nos diversos gabinetes ministeriais, receberam-se nos ultimós dias muitos telegramas e cartões com os tradicionais cumprimentos do fim do ano. Hoje, véspera de Ano Novo, em conjunto ou individualmente, os funcionários passaram pelos gabinetes dos ministros e dos subsecretários de Estado, a expressar votos de feliz Ano Novo aos respectivos titulares.

No Ministério do Interior, a cerimónia da apresentação de cumprimentos teve a habitual solenidade. O titular da pasta, sr. dr. Trigo de Negreiros, recebeu, a partir das 11 horas, e sucessivamente, os comandantes-gerais da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Publica de Lisboa, respectivamente, general Afonso Botelho e coronel Mário Cunha, acompanhados dos oficiais em serviço nos comandos-gerais e das unidades de Lisboa; director da Policia Internacional e de Defesa do Estado, capitão Agostinho Lourenço, com o subdirector e inspectores; e dr. Antônio Pedrosa Pires de Lima, secretário-geral do Ministério, acompanhado dos directores-gerais, chefes de repartição e outros funcionários superiores e dirigentes dos organismos e instituições dependentes daquele departamento do Estado.

Os srs. general Afonso Botelho, coronel Mário Cunha, capitão Agostinho Lourenço e dr. António Pedrosa Pires de Lima saudaram o ministro, aqueles em nome das respectivas corporações e este em nome dos funcionários dos serviços internos e externos do Ministério do Interior.

Todos salientaram, ao expressar os seus votos de feliz Ano Novo ao sr. dr. Trigo de Negreiros, a satisfação de o verem á frente daquela pasta, ao mesmo tempo que formularam os seus agradecimentos, pelo estimulo e a colaboração amiga nunca recusados. Todos manifestaram também o seu regozijo pelo prestigio alcançado por Portugal, em 1955, no campo internacional, mencionando, especialmente, o êxito das visitas do chefe do Estado a Londres e do ministro dos Negócios Estrangeiros aos Estados Unidos e ao Canadá, e pediram ao ministro que fosse intérprete dos seus sentimentos de gratidão junto dos chefes da Nação.

Ao agradecer os cumprimentos, o sr. dr. Trigo de Negreiros, depois

(Continua na 7.ª página)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
32 páginas

Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, pelo que não se publica o

«Diário de Lisboa»

Londres festejou ontem a passagem do ano...

LONDRES, 31.—A morte do «ano velho» e o nascimento do «ano novo» foram festejados ontem em Londres. Estas manifestações, que se verificam, geralmente, na noite de hoje, foram adiantadas um dia, visto a noite de S. Silvestre cair num sábado, dia em que as festas terminam, obrigatoriamente, á meia-noite. No Royal Albert Hall, o «Chelsea Arts Ball» — idêntico ao famoso «Bal des Quat'z Arts» de Paris — manteve-se toda a noite, em grande alegria, rapazes e raparigas, que reservaram um acolhimento ardente e ruidoso aos carros de cartão endurecido e ás suas graciosas passageiras. O tema, este ano, foi «a luta contra o fogo». Assim, a maior parte daqueles representava vários carros de bombeiros, mais ou menos burlescos, enquanto os passageiros e passageiras ostentavam magníficos vestuários e capacetes ou, então, absolutamente nenhum vestuário. Por toda a cidade, como por exemplo nos hoteis, realizaram-se bailes de fim do ano, onde a assistência se manteve até ao romper do dia. O produto da maior parte destas festas destina-se á caixa de socorros dos cegos e dos velhos artistas.— (France Presse).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Primeiras imagens do maior Estado muçulmano

(Continuação da página anterior)

na órbita o monóculo londrino com a mesma naturalidade e elegancia com que punha na cabeça o seu gorro de astracã. Conjugava uma integridade absoluta com um esclarecido realismo. Possuía uma força e uma firmeza que a sua frágil e esguia silhueta não deixava adivinhar. Soube sempre opôr aos golpes mais adversos, como ás tentativas de aliciação, ás promessas e ás ameaças, a mesma inflexível determinação. Ninguém conseguia desviá-lo do seu objectivo.

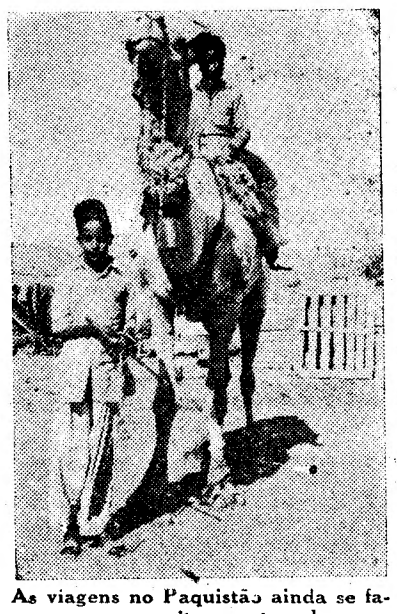
O choque do hinduísmo com o Islão, que a perspectiva da independencia havia de precipitar, abalava já a India milenária quando, em 1877, nasceu no deserto de Sind, numa família pobre, muçulmana, da seita Khoja, Mohammed Ali Jinnah, que viria a ser o intérprete da consciência nacional do futuro Paquistão. Aos sete anos chegava o pequeno Mohammed a Karachi — cidade então bem diversa da actual metrópole — onde habitou numa velha casa de madeira, como as que ainda hoje subsistem em violento contraste com os arranha-céus de onze e doze pisos. Aqui suportou privações que lhe haviam de temperar o carácter e aguilhoá-lo a guindar-se pelo seu esforço até ás camadas dirigentes da sociedade em que nascera. Dura e austera foi desde muito cedo a sua vida de trabalho e estudo, primeiro em Karachi, depois em Bombaim e em Londres. A aprendizagem da alma ocidental, os seus êxitos de advogado no regresso a Bombaim, podiam tê-lo desviado dos anseios do seu povo moral. Tal não sucedeu, porém. Um profundo amor pela gente muçulmana afogada entre a maioria hindu na terra em que ele abrira os olhos para a vida vinculava á sua pátria religiosa este intelectual de aspecto sereno, vestido quase sempre á moda britanica. Não tardaria Jinnah a aparecer na política como o defensor da teoria das duas nações. Ainda hoje a sua concepção genial da troca de populações assombra o mundo ocidental. O que parecia irrealizável, porém, operou-se.

Com firmeza e tenacidade excepcionais pugnou Jinnah pelo separatismo, resistindo á pactuação e á lisonja, ás propostas de entendimento, á mão estendida e á mão armada. Foi na antiquíssima cidade de Lahore, residência sumptuária dos imperadores mongois, aonde chegaram as lanças macedónias de Alexandre Magno, que, em 1940, num «meeting» que ficaria histórico, Jinnah prometeu aos muçulmanos ali reunidos que seriam fortes e livres.

Amargos revezes levaram-no a exilar-se em Londres, onde foi buscá-lo a dedicação de Liaquat Ali Khan, que seria mais tarde o seu primeiro ministro. Estava próxima a vitória almejada. Em 1947 consumava-se a separação, fixavam-se as fronteiras. Realizava-se assim o sonho de Muhammad Iqbal, o poeta iluminado que predissera o surto duma grande nação muçulmana no solo atormentado da India.

Jinnah, aos setenta anos, era o primeiro governador-geral do Paquistão — a terra dos «paks», os espiritualmente puros e limpos. Mas o novo país, constituído pelo Paquistão Ocidental e pelo Paquistão Oriental, separado pela massa formidável da União Indiana, representava um verdadeiro paradoxo geográfico. A oeste falava-se o urdu, a Leste o bengali. As comunicações eram difíceis. O Paquistão Ocidental compreendia o Panjab, a Afgania, parte do Irão, o Sind, incluindo Kutch e Kathiawar, parte do Tucaristão, do Afeganistão e do Baluquistão (1) e ainda o Cachemira, actualmente ocupado por hindus numa grande extensão e cujo destino se espera seja decidido por um plebiscito.

O mais grave problema que Jinnah teve de defrontar foi o da própria permuta de populações. Logo á sua nascença como estado, olhado cépticamente pelo Mundo, o Paquistão esteve á beira de sossobrar, ante a maior migração dos tempos históricos. Foi um êxodo sem par, horrível, lancinante, bárbaro, apocalíptico. Inumeros depoimentos aqui pude recolher sobre os crimes inomináveis que de um e de outro lado se cometeram. Millhões de criaturas, tudo abandonando, empreendiam a marcha para a sua terra sagrada, uns de comboios, outros a pé ou em carros de bois. Fugiam os hindus para a União Indiana, enquanto os muçulmanos tentavam atingir a fronteira do Paquistão. Uns e outros, porém, eram detidos por bandos de assassinos, por emboscadas crueis. Jorravam balas das florestas; no solo abrasado dos desertos, punhais selváticos dilaceravam ainda as carnes dos feridos. O fanatismo á solta transformava os rios azuis onde se iam lavar os fugitivos em espessas torrentes de sangue. Comboios que se despedaçavam so



As viagens no Paquistão ainda se fazem, para muitos pontos, de camelo

bre as vias férreas dinamitadas, caravanas inteiras massacradas, campos de mortos, de olhos abertos... Falei com pessoas que assistiram a alguns desses horrores e que ainda despertam trémulas e geladas se um pesadelo as restitui por instantes a essas cenas de carnagem. Foi um dos mais tenebrosos delírios homicidas de que há memória na Asia. Mas o caudal de sangue correu — dizem-me essas mesmas pessoas —, correu duma só vez, e transbordou, e o sangue secou, e o Paquistão existe.

Apesar de todos os cadáveres de muçulmanos que ficaram apodrecendo nas plagas da União Indiana, o numero dos foragidos que chegaram ao Paquistão foi tão elevado que a economia do jovem país esteve ameaçada de ruina. Era impossível alojar de repente aquela onda humana, alimentá-la, ocupá-la. Uns houve que morreram de frio, no Norte, outros de insolação, no Sul, e outros de fome, ao longo dos caminhos. Como que miraculosamente, porém, as colheitas, vieram, nesse ano, favoráveis. Abundaram o trigo e o arroz. E o pulso firme de Jinnah, a sua clarividencia e decisão salvaram a situação. Conseguiu dar trabalho a muitos dos fugitivos e conseguiu dar-lhes esperança em dias melhores.

Os ultimos tempos da sua vida foram absorvidos por dois grandes problemas, o dos bens dos refugiados e a questão de Cachemira (posição estratégica para a União Indiana), ocupado pela força numa grande área, onde uma maioria muçulmana equivalente a 80% da população está hoje dominada por uma poderosa minoria hindu.

O Paquistão em peso reage contra essa situação de facto. Aqui mesmo, em Karachi, na companhia do meu velho amigo e condiscípulo António da Silva Branco, secretário da Legação de Portugal, pude ver o recinto onde os grevistas da fome protestam contra a ocupação do Cachemira.

Jinnah faleceu, mas o exemplo da sua longa vida coerente e persistente frutificou. Mohammed Ali, o actual primeiro-ministro, manteve a sua política de austeridade económica. E, com a colaboração de um notável técnico de finanças, o seu quase homónimo Mohammad Ali, realizou uma obra simplesmente prodigiosa.

E' certo que os técnicos estrangeiros, especialmente os ingleses, contribuiram muito para a espantosa alvorada mecanica, cujas vibrações se sentem em Karachi. Foram os ingleses que ajudaram a instruir e a treinar o aguerrido e disciplinado exército que é hoje o paquistanico, um dos mais poderosos da Asia. Escasseavam os técnicos especializados. Vieram muitos de fora — britanicos, holandeses, alemães. Hoje, nove anos apenas volvidos sobre a sua fundação, já o Paquistão dispõe de técnicos nacionais e começa a dispensar os estranhos. Portentosos foram também, no meio de tantas dificuldades, o estabelecimento do crédito nacional, a criação de fábricas de aço, a organização de industrias básicas com capital do estado, especialmente têxteis á base do algodão e da juta, os grandes produtos do Paquistão Ocidental. Estas industrias foram depois e estão sendo ainda vendidas a particulares. E, enquanto isto acontece, uma avalanche de gente incessantemente aflui a Karachi. Porque o êxodo não parou. Continua, noite e dia. Por estradas ermas, silentes de bambus, os muçulmanos acodem á terra de promissão. Cada mês traz ainda a Karachi milhares de crentes.

Daí o aspecto miserável e pungente desses inevitáveis cancros sociais que são em Karachi os campos de refugiados, que tão sinistramente enodoam uma cidade fremente de progresso. Vista de alguns pontos, a capital do Paquistão, que só pode ser percorrida de automóvel, tão extensa é, lembra, se abstrairmos da colorida multidão oriental que em baixo gravita, uma gigantesca cidade americana em crescimento, com os seus uniformes blocos e arranha-ceus, onde moram as administrações. Raros se nos antolham os edifícios de estilo árabe e nos vastos terrenos pedregosos que isolam os bairros uns dos outros começam já a elevar-se novos blocos, ainda em construção — escritórios, fábricas, oficinas — num ritmo que sentimos vertiginoso. Os bairros dos refugiados existem, todavia, como podres cogumelos, fruto da intérmina migração. Com assombro e aflição os vi, quando da minha primeira passagem por Karachi, apertando as narinas, tão nauseabundo é o odor que ali invade a atmosfera. E agora, no escasso intervalo dos «partys» e das recepções em honra da Marinha portuguesa, tornei a vê-los, já sem o mesmo sobressalto, pois a habituação gasta os nervos. Revi as casas, quase pegadas umas com as outras, feitas de bosta seca e de esteiras e de barro que secou ao Sol. De novo se me ofereceu, como uma chaga necrosada, a promiscuidade que ali reina; o solo alagado e coberto de detritos; os bufalos, as vacas, os cães e os gatos circulando no espaço tacanho onde se aglomera uma infinidade de seres humanos; os homens acobreados, de olhos abismados no vazio, com brincos de ouro nas orelhas e no nariz, semi-desnudados, acocorados, silenciosos; as mulheres enrodilhadas nos seus obscuros saris, tristes e misteriosas. E, sobrenadando aquela massa humana, o cheiro horrível dos córpos e da água apodrecida... Ao anoitecer, os corvos e as gralhas repastando-se nas imundícies.

Nada pode contra isto, sem o favor do tempo, a cidade das residências floridas, dos campos de criquete, dos hospitais modernos, das legações, das embaixadas, das grandes empresas de sabão e de óleo, a cidade de Bunder Road, de Victoria Road, do formiguejante Saddar comercial, a capital que em 7 anos viu aumentada a sua população de 300.000 para mais de um milhão e meio de habitantes.

O Paquistão venceu o terrivel problema da sua sobrevivencia. A migração está práticamente processada. Lutou vitoriosamente contra a baixa de preço da juta e do algodão no mercado internacional. Estabilizou as suas finanças. Realizou um verdadeiro milagre, de esforço e de esperança. O futuro está-lhe aberto. Só lhe resta continuar. E ele vai-se erguendo aos olhos do Ocidente e do Oriente, orgulhoso da sentença inscrita na sua constituição: «Todo o Universo pertence a Allah omnipotente e a autoridade por ele concedida ao Paquistão é uma herança sagrada».

A unidade do Paquistão vem-lhe da força espantosa da religião muçulmana, cheia de vitalidade e que é a sua própria razão de ser, o seu sangue e a sua alma. Uma grande tarefa espera este poderoso estado nascente e pleno de fé. Cumpre-lhe, para mais se engrandecer, reduzir o numero considerável de seus analfabetos; promover, com a rapidez possível, a justiça social, unica garantia de estabilidade real e duradoira, que habilita o povo a fruir as liberdades essenciais que dignificam a existência e a que todo o homem civilizado deve aspirar.

(1) Territórios que pertenciam já á India inglesa.

MÁQUINAS
Exacta
LIMITADA

Desejam aos seus estimados CLIENTES e AMIGOS BOAS FESTAS e NOVO ANO MUITO PRÓSPERO.

BALANÇAS — BÁSCULAS — MEDIDORAS — CORTADORAS — MOINHOS PARA CAFE' — REGISTADORAS

Fábrica e Escritórios:
R. João Saraiva — Alvalade
Telefones P. B. X. 777068 - 723253
Lisboa

Park das Malhas

Tem o gosto de participar aos seus Ex.mos Clientes de que continua a receber diáriamente as ultimas novidades em camisas, pijamas, gravatas, gabardines, peugas, coletes, «pullovers», casacos, blusas, «kimonos», tunicas, «echarpes», meias, combinações, plásticos, etc., cujos preços têm constituído enorme êxito.
O maior sortido em malha a metro com 1,20, a 45$, 50$, 60$ e 65$00.
IMPORTANTE: durante as festas temos para oferecer a todos os clientes interessantes brindes, seja qual for o valor das suas compras.

Oiça no Clube Radiofónico de Portugal, ás segundas, ás 19 e 55, e ás terças-feiras, ás 14 horas, o nosso passatempo e habilite-se ao interessante concurso

PARK DAS MALHAS
Largo Martim Moniz, Pavilhão 4 — Tel. 20998

NUNCA

despreze o valor da boa aparência. Os objectos expostos nas ARTES DECORATIVAS são autênticas maravilhas
Rua do Ouro, 280-284
Av. Guerra Junqueiro, 23-B

De ontem para hoje

✱ **MIRAGEM — Tinham-se encontrado numa taberna e ali haviam deixado que alargasse a medida das suas ambições. O mar é longo — e ao cabo dele havia de haver terra rica e promissora. Era tudo gente nova — gente que pensa o mesmo que D. Sebastião e toda a bela aventura portuguesa que nos deu a fama e a epopeia. Iam-se para Américas, com destino incerto: a unica certeza era a sua ambição. Um barco, a bruma do rio a servir de biombo á ilegalidade, depois — o infinito. Mas enganaram-se. O barco que havia de os levar seguia para outro destino. Dos seis homens — dois perderam-se no mistério da noite escura das águas do Tejo. Dos restantes está a Polícia a ocupar-se. Título: tentativa de emigração clandestina.**

✱ **POR TÃO POUCO... — Uma senhora do Entroncamento veio a Lisboa e, ás tantas, deu conta de que estava sem a carteira, pelo que teve de pedir dinheiro emprestado para regressar á terra, desgostosa mas quase conformada. Não foi pequena a sua surpresa quando a avisaram de que a carteira fora recolhida num marco postal e lhe seria devolvida. «Paciência (pensou), o ladrão fica-me com o dinheiro mas devolve-me os papéis». Surpresa: a carteira foi encontrada com o dinheiro e tudo. Será que aos larápios a magra quantia de duzentos escudos já não interessa?...**

✱ **A CERTEZA CERTA — O lugarzinho chama-se da Azucira e corre lá perto a ribeira de Pedrulhos, sobre a qual passa ponte de madeira. Ia a caminho do cemitério, com grande acompanhamento, o funeral do sr. Francisco Pessanha, pessoa muito estimada na região. Mal tinha passado o caixão, a ponte desabou e do acompanhamento quinze pessoas caíram ao ribeiro, algumas delas com fortes contusões, de que tiveram de ser tratadas. A morte, porém, passou incólume, triunfal, indiferente ás incertezas da vida.**

✱ **MAIS MUSICA E MELHOR — A Emissora, depois de fazer o seu balanço do fim do ano, tomou algumas resoluções. Propõe-se melhorar os seus programas musicais, principalmente os de musica erudita. Criou uma nova orquestra que vai ser regida pelo maestro Frederico de Freitas. E para que o teatro ocupe nela o lugar que a televisão há-de um dia chamar a grande plano, deu-lhe um lugar de divulgação, através de um programa orientado por Eurico Lisboa. Mais musicos, mais actores, mais cantores, serão chamados á sua colaboração na hora própria em que a musica, o canto e o teatro parecem votados a uma vida mesquinha. Parabens, pois, aos radiouvintes, pelas «broas» que lhes promete a Emissora...**

✱ **JORNAL PEQUENO — O tribunal de Luxemburgo (Luxemburgo, onde se bebe, aliás, muito «Porto») condenou um falsificador dos nossos vinhos generosos na multa de 100 mil francos (50 contos), na pena de prisão por dois meses, e 12 e 500 escudos para o Instituto do Vinho do Porto. ✱ Numa barragem da Quinta de Vale Longo, perto da Idanha-a-Nova, morreu afogado António Dias Cordeiro que, com dois amigos, resolvera improvisar uma jangada, a qual se voltou. ✱ Cerca de cinquenta veteranos da Grande Guerra reuniram-se no seu jantar anuel de confraternização, a que presidiu o general Daniel de Sousa, na sua qualidade de presidente da comissão central administrativa da Liga dos Combatentes. ✱ Morreu de doença subita o chefe da estação do caminho de ferro de Tomar, sr. Manuel Dinis. ✱ Armindo Morgado, de 16 anos, residente em Lisboa e a passar as férias em Nespereiro (Vila de Rei), foi á caça e sofreu grave desastre.**

Bulganine exprime
a sua fé num entendimento entre a Rússia e os Estados Unidos

LONDRES, 31. — O marechal Bulganine, presidente do Conselho da U. R. S. S., concedeu uma entrevista a um jornalista americano, que foi transmitida hoje pela rádio de Moscovo, na qual afirmou estar convencido de que em 1956 se reforce a cooperação internacional e a confiança entre os diferentes países, contribuindo para um abrandamento da tensão internacional.

O marechal Bulganine declarou: «Desejo aproveitar-me desta oportunidade para transmitir ao povo americano calorosas saudações e os melhores votos para o Ano Novo. A experiência histórica indica que os povos dos nossos dois países podem viver em paz e amizade».

O marechal Bulganine ocupou-se, ainda, de vários assuntos: espírito de Genebra, perspectivas de nova conferência quadripartida, ameaça atómica e perspectivas para o próximo ano. E concluiu a sua entrevista, que foi concedida a um representante da American Telenews Agency (companhia americana de televisão e radiodifusão) exprimindo a sua fé em futura cooperação e entendimento entre a Russia e os Estados Unidos. — (F. P. e R).

Adenauer refere-se ao malogro da Conferência de Genebra

BERLIM, 31.—Um sistema que dê a segurança a todos os participantes é inimaginável na base da partilha da Alemanha, e esta verificação que fizemos na Conferência de Genebra tanto vale para as negociações futuras como para as havidas no passado—declara o chanceler Adenauer, em artigo de fim de ano publicado no «Der Tag», jornal oficioso do Governo federal de Berlim.

Adenauer salientou os «exitos políticos decisivos» da Republica federal em 1955 e depois de lamentar que não tenha sido possível, na Conferência de Genebra, chegar a acordo com a União Soviética no que toca ás questões litigiosas entre Leste e Oeste, conclui: «A todos os Alemães, peço no limiar do novo ano que não se esqueçam de que só com perseverança poderemos vencer as dificuldades que a guerra nos deixou. Todos nós devemos esforçar-nos por fazer da Republica Federal uma comunidade que seja considerada no Mundo como a unica Alemanha e como o futuro modelo de toda a Alemanhã».—(F. P.).

Churchill critica o desejo sovietico de «coexistência pacifica»

LONDRES, 31.—Em mensagem á associação conservadora «Primrose», sir Winston Churchill declara: «São muitas as dificuldades que nos esperam, mas não duvido de que acabaremos por vencê-las. Os dirigentes soviéticos fizeram todo o possível por suscitar uma corrida aos armamentos no Médio-Oriente. É uma maneira bizarra de interpretar o princípio da «coexistência pacífica». Não me parece que a fé comunista assente na dominação estrangeira dos Estados e na perseguição do homem possa ser um dia qualquer tida por mais sedutora como modo de vida de que a liberdade nacional e individual em que o mundo ocidental se baseia. Tenhamos, portanto, confiança em nós mesmos e nos nossos idcias, e a razão triunfará certamente».—(F. P.).

Trabalha-se para conseguir um motor atómico para avião

WASHINGTON, 31—Prosseguem actualmente, em boas condições e em completo segredo, nos laboratórios de várias firmas americanas, os trabalhos para se conseguir um motor atómico para avião—provavelmente um aparelho da aeronáutica naval—que, segundo os meios competentes, o almirante Strauss, presidente da Comissão da Energia Atómica, declarou que estava «altamente satisfeito» pelos progressos conseguidos neste capítulo. O local dos laboratórios onde se efectuam os trabalhos do «motor de avião atómico» não é revelado pelos dirigentes dos serviços de defesa americanos. Nos meios competentes, toda e qualquer indicação a este respeito é qualificada de «hipótese». Crê-se saber que o trabalho dos técnicos diz respeito, principalmente, á maneira de poder preservar, das radiações atómicas, a tripulação do aparelho. Trata-se, com efeito, de dotar o motor de um corpo blindado, suficientemente resistente, mas sem alterar o peso do avião. Sabe-se de boa fonte que o carburante a usar será o «uranio U-235». Apenas alguns gramas deste produto permitiriam ao aparelho fazer várias vezes a volta ao Mundo a uma velocidade supersónica.—(F. P.).

Terminou a greve
nos aeródromos franceses

PARIS, 31.—Os dirigentes do pessoal terrestre em greve da aviação civil francesa decidiram hoje terminar a greve proclamada há sete semanas.

Roger Legall, secretário-geral do Sindicato da Aviação Civil, que representa a maior parte dos 3.000 grevistas, disse que tinham decidido regressar ao trabalho ás 8 horas de terça-feira, sob a condição de que o pessoal de segurança da aviação militar, que tem estado a ocupar as torres de «contrôle», em Orly e Le Bourget, fosse retirado. —(Reuter).

Manhã na praça
Preços aos altos e baixos

Sob os efeitos da descida do mercurio no termómetro, era infalivel a descida dos preços. Vinha esta manhã dos lados do rio um friozinho cortante que entrava no mercado da Ribeira, antes de o pálido Sol o temperar. Talvez por isso — simbólicamente... — os preços desceram e o peixe fugiu do mar, para se refugiar nas bancas das vendedeiras. Havia bastante e descera de preço, em relação á véspera do Natal.

Efectivamente, o linguado vendia-se a 28 e a 25$00, a pescada a 28, 26 e 22$00 (a de enrolar a 11$) o salmonete a 30 e a 28$00, as enguias a 16$00, o goraz, a 16, 15 e 12$00 (dependia, sobretudo, do seu tamanho), as lulas e o robalo a 18$00, as ovas a 22$00, o pargo a 14 e a 15$00, o safio a 10$00. Havia, naturalmente, camarão a 100$00 (a 70, o cozido e a 12$00, o negro) lagosta a 78, lagostim — que o não é, pois chama-se «cigala»... — a 45 e 60$00, lavagante a 50$00...

Mas também havia, naturalmente, chocos a 6$50 e 6$00, cachucho, a 3$50, carapau, a 7$00, chicharro, a 3$00, sardas, a 8$00, sardinhas (poucas) a 6$50 e a 8$00.

Esta perspectiva calma para a bolsa dos pobres desfazia-se, porém, diante das bancas de hortaliça, onde os preços se mantêm muito além da alta função dos encargos e do custo na origem. Na verdade, os molhos de brócolos não se tiram por menos de 7 ou 11$00, segundo os tamanhos (e calculam-se, pela diferença de preços...) e os molhos grandes de grelos ninguém os terá pago por menos de 6$00. Vimos pagar três olhinhos de couve por 2$00, duas pequenas couves portuguesas, por 4$00, feijão verde, por 15$00 o quilo, duas mãocheias de nabiça, por 1$50 (os molhos grandes pagavam-se a 5, 5$50 e 6$00) cinco cabecinhas de nabo, por 4$00 (ou três, por 2$00) uma pequena couve-flor, por 3$50, quilos de ervilha, a 10 e 13$00, feijão debulho, a 12$50 e tomate a 9 e a 10$00.

O publico andava verdadeiramente alvoroçado (viam-se muitos homens de pensões que eram os menos recalcitrantes) e, por tudo, compradoras e vendedeiras «pegavam-se» por dá cá aquela palha:

— Não meta a unha nos nabos! Ora, o «raio» da mulher que tem a vista nas unhas!

Quanto aos perus, santo Deus, os de 75$00 não só eram pequenos, como estavam engangrenados há muito. Os bons, de três a quatro quilos, não se tiravam por menos de 100$00 (a peso, 25$00). Quanto ás galinhas, vendiam-se a 35 ou 45$00, consoante o peso: o palo, a 20$00, o cabrito, a 22$00, metades de galinha, a 20$00 (claro, havia-as mais baratas mas menos recomendáveis) cochos médios a 25$00 (pediam a 35$00...) pequenos a 18$00. Os ovos, já de bom tamanho, mantinham-se a 15$60.

Pela primeira vez, vimos, nas bancas de flores, as primeiras hastes de mimosas doiradas, manchas de Primavera precoce, pagas a 10$00 cada pernada...

DONA DE CASA

Correio das leitoras

Dona de casa — Uma maneira de se poder baratear a vida do pobre consumidor, seria proteger os vendedores ambulantes e não os perseguir, como vejo fazer. Não os deixar montar o seu negócio dentro de uma certa área, em torno da praça, estaria bem; mas fora dessa área não seria justo permitir-lhes o comércio, pela forma como se exerce, destinado a todo o êxito? Se os seus encargos tributários são justamente menores, os preços por que vendem são também forçosamente inferiores.

Zita — Conheço alguns mercados estrangeiros e em todos eles vejo que as hortaliças se vendem a peso. Por que não se usa em Portugal o mesmo processo? Não acham antipático isto de estar a apreçar e regatear, como nos tempos do comércio árabe? Já não somos bem ciganos...

Apelo para respeitar a vida privada da família real inglesa

LONDRES, 31. — Sir Linton Andrews, presidente do Conselho da Imprensa, fez a noite passada um apêlo para se respeitar a vida privada da familia real britanica.

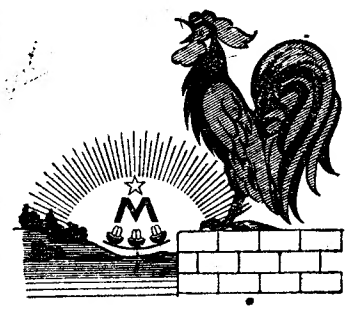
O caso da princesa Margarida exigia certa meditação — declarou — respondendo a perguntas num programa da rádio acerca da familia real. «Se a princesa pensa na possibilidade de casamento deve permitir-se-lhe que pense sobre isso como e quando julgar, sem que os jornais peçam que apresse a sua decisão» — disse sir Linton Andrews.

O director do «Yorkshire Post», influente jornal do Norte, acrescentou que deve ser permitido á familia real que faça a sua vida particular como a de qualquer outra familia. «Muitas pessoas, quase todas, desejam ler bastante sobre a familia real e julgo que o que interessa não é tanto o tratamento á maneira de Hollywood da familia real mas sim uma atitude calorosa e amigável. Há imenso afecto e imenso respeito pela familia real e a Imprensa reflecte as suas qualidades» — declarou. — (R.).

OFEREÇA E ORNAMENTE O SEU LAR COM FLORES DA
COPÉLIA
AV. ROMA, 59 B/59 C
TEL. 778907

Leiam o jornal humorístico
«SEMPRE FIXE»

NINA
"REVEILLON"
Uma noite inesquecível
COM
SIMONE DEBY
E NOVY GILBERT (ADULTOS)



Ano Novo!
A Mariazinha
ao raiar do Novo Ano

Sauda todos os seus estimados clientes; que, tão dedicadamente a têm acompanhado; e para com os quais se sente devedora de sincera gratidão.

Pede a Deus que lhes conceda a graça de um Novo Ano cheio de alegria e bem estar; para que o gozem com satisfação. E, também, para que possam saborear, com prazer:

Os seus cafés
Os seus chás
As suas cevadas
As suas farinhas
O seu chocolate
Os seus pudins
E o seu Leite-Creme

Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

ROMEX

A conhecida marca que revolucionou a industria de camisaria, com o seu colarinho imutável, apresenta as ultimas criações em malhas e camisaria, a preços que são já do domínio público.

Brindes: Oferecemos graciosamente a todos os nossos Ex.mos Clientes interessantes e uteis brindes para senhora, cavalheiro e criança.

ROMEX
Av. de Roma, 12-D e 12-E — Telef. 726977

VENHA HOJE AO

RITZ CLUB

Rua da Glória — Tel. 25140 — (ADULTOS)

ASSISTIR AO GRANDE

REVEILLON

FESTA INESQUECÍVEL ATÉ ALTA MADRUGADA COM A ALEGRIA DA FAMOSA

ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ

A MAIS ANIMADA ORQUESTRA DE TODOS OS DANCINGS EUROPEUS

E UMA FORMIDÁVEL PARADA DE ATRACÇÕES

Com os grandes bailarinos portugueses PALEIA & CONSTANTE

FREGOLIM

o rei da ventriloquia e sua partenaire **Miss Mareo** e o **Tio Roque**

BALLET MONTES

8 estonteantes vedetas 8

HERMANAS NAVARRO

Uma linda aguarela andaluza e o guitarrista **MANOLO BARON**

E OUTRAS SURPRESAS SURPREENDENTES

CEIAS TODA A NOITE NO SALÃO RUSTICO COM UMA ORQUESTRA TIPICA

O REVEILLON DO RITZ É O ACONTECIMENTO DO NOVO ANO

TEATRO Monumental

«Réveillon» Sensacional

EM DUAS SESSÕES, ás 20,45 e 22,45 (Maiores de 13 anos)

MARIEMMA

E O SEU "Ballet de España"

apresentam um programa inteiramente novo

«Escuela Bolera Española»
«Suite Popular Vasca»
«La Vida Breve»
«Barcarola»
«Chiclana y Huelva»

«EL AMOR BRUJO»

Baile até de Madrugada

com duas orquestras: «INTERNACIONAL» e «CASANOVA»

*

MUITAS SURPRESAS! ANIMAÇÃO PERMANENTE! LUZ A JORROS!

*

UM «RÉVEILLON» QUE NINGUÉM ESQUECERÁ!

*

N. B.— Para os espectadores da primeira sessão, o baile começa ás 24 horas.

*

AMANHÃ: ESPECTÁCULO À TARDE (16 horas)

Mais um ano vai acabar!

Tia Adelina e Mesquita aproveitam para desejar aos seus queridos amigos clientes, que sempre os têm distinguido com a sua presença

Feliz Ano Novo

englobando nestes votos Artistas da Rádio, Cinema, Teatro, Fado, Tauromaquia, Aficionados, Ganaderos, Poetas, Escritores, Jornalistas, Industriais, Comerciantes, Desportistas e, também, aos seus fornecedores

A

ADEGA MESQUITA

continua na sua senda de bem servir e divertir os seus estimados frequentadores por intermédio da **Tia Adelina** e os seus artistas de Fado: **Cidaliza do Carmo, Natalina Bizarro, Fernando Farinha, Alfredo Duarte Júnior, Raul Nery** e **Alberto Correia**, que também desejam Festas Felizes a todos os seus admiradores e frequentadores desta

ADEGA PORTUGUESA

Oiça amanhã

EM

Rádio Clube Português, ás 21.30 horas; Rádio Graça, ás 21.25; Rádio Porto, ás 19.15 e Rádio Ribatejo, ás 11

O PROGRAMA ESPECIAL DE ANO NOVO

APRESENTADO PELA

ROBBIALAC PORTUGUESA

●

O JULGAMENTO DO ANO

Fantasia radiofónica de caracter simbólico. Interpretação de: Dulce de Oliveira, Mário Sargedas, Manuel Correia, António Palma e Jaime Santos. Locução de Julieta Fernandes

●

«ANO NOVO»

UM FADO POR

MARIA PEREIRA

Restaurante BEIRA SERRA

Estrada do Casal Pedro Teixeira, 78

CARAMÃO DA AJUDA

SUCURSAL DA FLORESTA DA BAIRRADA

A Gerência destes dois restaurantes, deseja aos seus amigos e clientes um Novo Ano muito próspero.

HOJE — REVEILLON — HOJE

Reserve a sua mesa pelo telef. 638975 para logo á noite, com um esmerado serviço de cozinha, e os melhores vinhos verdes

ABERTO ATÉ ÁS 3 1/2 HORAS DA MADRUGADA

Amanhã, domingo, Ano Novo, almoços e jantares especiais

O SEU **REVEILLON**
É O DA **FESTA DA RÁDIO**
NAS **BELAS ARTES**
ORGANIZADO POR **ALBERTO RIBEIRO**
COM GRANDES ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— TEL. 727977 — 41293

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje, ás 21 e 45 (13 anos)
O grande êxito da temporada

A MURALHA

Amanhã, ás 15 h. **A MURALHA** ás 17 h., um novo programa de **O TEATRO DE BONIFRATES**

(Entrada pelo Largo D. João da Camara)

Empresa **«Azinhal Abelho»**, subsidiada pelo Fundo do Teatro

HOJE, ás 21 e 30 horas

«As Três Irmãs»

de **ANTON TCHEKOV**

OBRA-PRIMA DO TEATRO RUSSO REPRESENTADA PELO **TEATRO D'ARTE**

Domingo: ás 15 e 30 e ás 21 e 30 horas

Preços: de **3$50** a **35$00**

Adultos **Trindade—Tel. 20000**

RUA DAS GAVEAS, 55 — TEL. 34006

O mais novo e mais castiço Restaurante Típico do Bairro Alto.

O melhor serviço de cozinha

O melhor conjunto artístico do momento

«REVEILLON»

A noite de S. Silvestre na **«SEVERA»** será um acontecimento

ADULTOS

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

BREVEMENTE

ADEGA DO FILIPE

Restaurante Típico

Transferência de sorteio

Com autorização do ministro do Interior, foi transferido para 30 de Junho de 1956 o sorteio organizado pela Associação Académica da Amadora, que se devia efectuar hoje.

"O FAIA"

Restaurante Típico
BAIRRO ALTO
Telefone 29387

Hoje:

GRANDIOSA FESTA DE FIM DE ANO

Fados, Marchas, Canções e Baile

até de manhã

DIA 1 (ANO NOVO)

Jantar com ementa especial

(ADULTOS)

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ALMADA na Tabacaria Arcada.

O «Reveillon» de momento

AMAZONAS-BAR

MARQUE A SUA MESA

Telef. 41892

Av. Duque d'Ávila, 47-A

MARIA VITORIA

Empresas «Eugénio Salvador e Rui Martins» e «Giuseppe Bastos»

Salvador

2 SESSÕES às 20,30 e 22,45

PARA ADULTOS

Barroso Lopes

Irene Izidro

António Silva

Carmen Flores

Humberto Madeira

COMECE O ANO A RIR

APLAUDINDO O GRANDE ESPECTÁCULO DE

SALVADOR

A ALEGRE REVISTA POPULAR

FESTA E' FESTA!

COM

IRENE IZIDRO, ANTÓNIO SILVA, BARROSO LOPES, HUMBERTO MADEIRA, ANITA GUERREIRO, AIDA BAPTISTA, CARMINDA PEREIRA, NINA MONTEIRO, CELESTINO RIBEIRO, GUIDA DE CARLO, CARMEN DE ALMEIDA e a atracção

CARMEN FLORES

Carlos Alberto, Auzenda Miranda, Fátima Maria, Sara de Abreu, Maria Madalena e Maria Vitória

Anita Guerreiro

Aida Baptista

Carminda Pereira

Nina Monteiro

Guida de Carlo

AMANHÃ

ESPECTACULO

À TARDE

A'S 16 HORAS

Carmen d'Almeida

Celestino Ribeiro

PARA ENTRAR O NOVO ANO COM O PE' DIREITO...

não deve faltar hoje à

MAXIME

NOITE DE «REVEILLON»

SEMPRE MAIS SENSACIONAL EM CADA NOVO ANO

A MAIOR PARADA DE ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS ATÉ HOJE APRESENTADAS EM LISBOA

com o famoso cantor português **ALBERTO RIBEIRO**

e ainda: AURA RIBEIRO, MARIA AMELIA MARQUES, LILIA MARTINS, ALBERTO RAMOS, ANTONIO ALVARINHO E OS GRANDES EXITOS

dancing

BALLET MARUJA HERRERO | NICO FERRY | OS «CLIPPER'S»

ANGELINES RASO, HERMANOS HEREDIA, RUISEÑOR GITANO

LOCUÇÃO DE LUIZ GONZAGA e do animador brasileiro JOSÉ CELCIO

UM «REVEILLON» COM A MARCA «MAXIME»

TODOS SABEM QUE NÃO TEM RIVAL!

(PARA ADULTOS)

MUITAS SURPRESAS
BAILE SELECTO
ABRILHANTADO
PELA ORQUESTRA
TROPICAL BOYS
E
CONJUNTO VILAÇA

AMANHÃ Das 17.30 Às 20 horas NO 1.º CHÁ DANÇANTE DE 1956

O «MAXIME» APRESENTA UM MAGNÍFICO PROGRAMA DE ATRACÇÕES ADULTOS

BREVEMENTE

ADEGA DO FILIPE

Restaurante Típico

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Márcia Condessa

RESTAURANTE TÍPICO

PRAÇA DA ALEGRIA, 38 — Telef. 367093

HOJE (ADULTOS)

GRANDE «REVEILLON» 1955/56

MARCIA CONDESSA, apresenta cumprimentos de Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes, Colegas, Artistas e Amigos, desejando-lhes um Ano Novo cheio de Prosperidades.

MOROCCO

ADULTOS

AMBIENTE PARISIENSE

ÊXITO ABSOLUTO DO EXTRAORDINÁRIO BALLET

CASSEL FLICKORNA

10 ELEGANTES E ESCULTURAIS BAILARINAS SUECAS

HOJE

VELADA DO ANO NOVO

SENSACIONAL PROGRAMA COM A ESTREIA EM PORTUGAL DA MAIS FAMOSA SAMBISTA BRASILEIRA

Déo Maia

A MULATA MAIS CARA DO MUNDO
E DA FAMOSA ATRACÇÃO

Irmãos Guarás

VERDADEIROS INTERPRETES DA MUSICA BRASILEIRA
MUSICA CONSTANTE PELAS ORQUESTRAS

CARAVANA e JOSÉ MESQUITA

COM OS CANTORES *CARLOS ROCHA* E *TITO*...

RESERVE A SUA MESA. AMANHÃ, «MATINÉE» COM TODAS AS ATRACÇÕES

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27172
(Adultos)
A's 15.15-18.15 e 21.30
O sumptuoso filme de Christian Jaque
NANA
Paraíso e inferno dos homens
com Martine Carol, Charles Boyer e Walter Chiari

EDEN TEL. 20760
(Para 13 anos)
COLORIDO
15,15 e 21 horas em ponto
Em 3.ª semana
Um filme de deslumbrante beleza, que nos conta a vida inteira do imperador
NAPOLEÃO

IMPÉRIO PLATEIA 55134 BALCÕES 55135
A's 18,15 e 21,15
A famosíssima produção em SUPERSCOPE
VERA CRUZ
Inteiramente filmado no México, com Burt Lancaster, Gary Cooper e Cesar Romero (Adultos)

MONUMENTAL TEL. 55131
15,15-18,15-21,30
Em 2.ª semana
A ultima maravilha de WALT DISNEY
A DAMA E O VAGABUNDO
Falado em Português — CINEMASCOPE — Technicolor
A' tarde: MAIORES DE 6 ANOS.
A' noite: 13 ANOS.

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
(13 anos)
15,15-18,15-21
2.ª semana
VENENO DE COBRA
c/ Humphrey Bogart - Aldo Ray e Peter Ustinov
em VISTAVISION

RESTELO Tel. 610375
A's 21,15 (13 anos)
A empolgante superprodução em cinemascope
O homem que veio de longe
com James Stewart e Arthur Kennedy

ROYAL T. 845037
A's 21 h. (18 anos)
Exito total do estupendo filme
ALMAS EM PECADO
com Kerima, May Britt e Tania Weber
(em gevacolor)
Em compl.: A farsa O PROFESSOR DIVERTE-SE, com Walter Chiari

LIZ TEL. 48560
A's 21,15 (13 anos)
Marcelino pão e vinho
O drama duma paixão

CINEMA IDEAL
A's 21 (13 anos)
Inferno branco
GOLPE DE MISERICÓRDIA

TIVOLI TEL. 50595
Fred Astaire e Leslie Caron
no famoso filme em Cinemascope
O papá das pernas altas
com «ballets» de Roland Petit
As 3 e 6,15 da tarde (a or red.) e 9 da noite
Em 2.ª semana
(Para 13 anos)

POLITEAMA TEL. 26305
15,15-18,15-21,15
O notável filme em cinemascope
O mistério da casa de Bambu
com Robert Ryan e Shirley Yamaguchi
AVISO: Para o publico poder festejar a entrada do ANO NOVO, o espectáculo da noite começa ás 21,15 e acaba ás 23,30.
(Para 18 anos)

CONDES TEL. 22523
(Adultos)
15,15-18,15-21,15
4.ª semana
O sensacional e empolgante drama
ANJO BRANCO
com Amedeo Nazari e Yvonne Sanson

AVENIDA (Adultos)
15,30 - 21,30
O maravilhoso Eastmancolor
NANA
Paraíso e inferno dos homens
com Martine Carol e Charles Boyer

CAPITÓLIO TEL. 27493
(13 anos)
Às 21,15 em ponto
2.ª semana de êxito
ALLAN LAD
no vibrante filme em Cinemascope
A ÚLTIMA ORDEM
Hoje e amanhã: Espectáculos infantis

PALÁCIO T. 47163
Em 2.ª semana
A's 21,30 um grandioso espectáculo cheio de ternura
HISTÓRIAS DA RÁDIO
com Francisco Rabal, Margarita Andrey e José Isbert (13 anos)

ODEON T. 26283
(Para 18 anos)
15,15-18,15-21,15
Grandioso exito do vibrante filme
ALMAS EM PECADO
AVISO: A fim do publico poder festejar a entrada do ANO NOVO, o espectáculo da noite começa ás 21,15 e acaba ás 23,30.
(col.) com Kerima e May Britt

TERRA SOL TEL. 20917
A's 21,15 (13 anos)
O CONDE DE MONTE CRISTO
A mais antiga aliança

CASINO ESTORIL
VELADA DO ANO

BAR RIBATEJO — 3 1/2 da manhã — UMA PEGA 6$50

Teatros e Cinemas

Atras do reposteiro

A companhia Rafael de Oliveira inaugurou ontem em Leiria a temporada que ali vai efectuar no Teatro Desmontável, representando a peça «O Grande amor».

— Prolonga-se até 8 de Janeiro a representação, no Teatro Avenida, da peça «Joana d'Arc».

— No Teatro Monumental terminaram as representações da peça infantil «Aí vêm os Palhaços».

— E' provável que seja substituido o actual titulo da peça em ensaios no Teatro da Trindade.

— «Toninho», «Animador», «Tá mer» e «Juca», são as figuras da revista «Abril em Portugal», em ensaios no Teatro Variedades, que o actor Raul Solnado vai desempenhar.

— No Teatro Apolo vai fazer-se a reposição da revista «Viva o homem», pela Companhia Feminina de Revistas.

— Por se ter dissolvido a companhia, regressaram hoje a Lisboa todos os artistas que efectuaram uma digressão pela Provincia com as revistas «Porto é Porto» e «O' Zé aperta o laço».

— O actor Carlos Walenstein vai desempenhar, na peça «Santa Joana», em ensaios no Teatro D. Maria II, a figura de «La Hire».

— A temporada de teatro declamado no Teatro Monumental começará, na primeira quinzena de Janeiro, com a peça de Ibsen, «João Gabriel Borckman».

— Ainda não foi possivel fixar a data da inauguração da nova casa de espectáculos do Parque Mayer, o Teatro A. B. C., continuando, o seu elenco a ensaiar a revista «Haja saude».

«El Amor Brujo»

de Mariemma

O «Ballet de España» de Mariemma, apresenta esta noite, no Monumental, em duas sessões, um novo programa do qual faz parte «El Amor Brujo», a famosa obra de Manuel de Falla, executada tal como o genial compositor deseja va, com perfeito respeito pelo texto e sem exageros contrários ao severo espírito do mestre.

Gilbert Becaud

Gilbert Becaud, o grande intérprete da canção francesa, estará na segunda-feira, das 16 ás 18 horas, nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97, para autografar os seus discos e receber os seus admiradores.

Feérica passagem do ano

Esta noite, as crianças podem ir ao Coliseu vêr a gigantesca companhia de circo. Avalanche de atracções. Amanhã, dia de Ano Novo, duas «matinées» ás 14,30 e 17,15

Circo maravilhoso, como nunca se viu outro no Coliseu. Desfile sensacional das mais belas atracções do Globo. País bizarro de imagens e atracções ultra-maravilhosas. Esta noite, todas as crianças, dos seis anos em diante, podem ver o espectáculo, assistindo á gloriosa apoteose do Ano Novo, á Meia Noite. A nova companhia de circo apresenta, num programa monstro, dezenas de prodigios, como nunca se viram. 2 parelhas de palhaços. Um urso siberiano em motocicleta e acrobática descida da morte. O rei dos detectives. Cavalos em carrossel, com bailarinas e acrobatas. Trampolinistas alemães. «Troupe» nipónica, e muitas outras atracções. Domingo, 2 «matinées».

Amanhã, primeiro dia do Ano Novo, duas «matinées», ás 14 e 30 e 17 e 15, com entrada gratuita a todas as crianças, até aos 10 anos, quando acompanhadas. A' noite, ás 21 e 30.

João Viana (Vianinha)

LUSO

I. da Queimada 8-A — Tel. 32889

(Para adultos)

Hoje (até de madrugada) **Brilhante «RÉVEILLON»** com a categorizada **Orquestra «INTERNACIONAL»** **Fados** por Natividade Pereira, Natalina Proença, Angela Nunes, Armando Dias, Raul Dias e o «ás» da boa disposição João Viana (Vianinha). Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.

Em estreia, a desgarrada **«Borda d'Água».**

AMANHÃ—**Grandiosa «Matinée»** com entrada a menores autorizada pela Ex.ma Inspecção dos Espectáculos.

Gilbert Bécaud no Casino Estoril

No Casino Estoril estreou-se ontem, com êxito excepcional, o célebre artista francês Gilbert Bécaud, autêntica revelação para o publico, que o obrigou a cantar—facto inédito na história do «music-hall»—trinta e duas vezes. Todas as canções, a maior parte divulgadas através da rádio, foram mimadas em perfeito domínio de composição de grande actor e algumas, acompanhadas por ele próprio ao piano, surgem como verdadeiras obras-primas, revelando, além do cantor, um pianista extraordinário. Gilbert Bécaud traz consigo um conjunto musical que valoriza ainda mais o seu «tour de chant». Gilbert Bécaud despede-se na segunda-feira.

Em VENDAS NOVAS o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa José Inácio Simões Junior.

Vida musical

Sequeira Costa nas comemorações de Mozart

Sequeira Costa

O pianista Sequeira Costa será um dos principais colaboradores da empresa do Teatro Nacional de S. Carlos, no ciclo de comemorações mozartianas que esta vai promover. Este notável pianista nasceu em Luanda, em 1929. Com a idade de 8 anos, deu o seu primeiro recital e pouco depois veio para Lisboa, onde os seus estudos musicais foram dirigidos por Viana da Mota, tendo obtido as mais elevadas classificações do Conservatório Nacional, cujo curso terminou aos 16 anos. Em seguida deu recitais e concertos com orquestras, em Portugal, e visitou a Africa do Sul. Na Suiça continuou os seus estudos com Edwin Fischer e, em França, com Marguerite Long. Em 1949 tocou em Inglaterra, Holanda, França e Austria, voltando depois a Portugal, onde participou com Edwin Fischer num Festival Bach.

Em Junho de 1951 Sequeira Costa obteve, no famoso Concurso Internacional Long-Thibaud, realizado em Paris, o grande prémio «Ville de Paris». Distinguiu-se entre cerca de setenta pianistas representantes de 23 países. Em Julho do mesmo ano deu um recital em Aix-en-Provence, tendo a crítica francesa feito as mais elogiosas referências ao «grande virtuoso português». Tem tocado com orquestras em Lisboa, Paris, Cidade do Cabo e Johannesburgo, desde então, e em Junho de 1952, sob a regência do maestro Paul Klecki, deu quatro concertos em Portugal. Em Dezembro de 1952, levou a efeito uma série de trinta recitais em França e no Norte de Africa, tendo mais uma vez sido calorosamente elogiado pela crítica francesa.

Em Março de 1953, Sequeira Costa visitou o Extremo-Oriente, onde deu recitais em Macau e Hong-Kong, cuja Imprensa o classificou como «brilhante Artista, — o melhor que visitou Hong-Kong desde a ultima guerra». Em Inglaterra, também, os seus frequentes recitais têm sido recebidos com o maior interesse do publico, e a Imprensa de Londres referiu-se, em Janeiro de 1953, a Sequeira Costa como sendo «um dos melhores pianistas da actual geração». No ano findo a sua arte foi admirada no Brasil e Sequeira Costa volta de novo á Europa para prosseguir a sua brilhante carreira de concertista, colaborando em Lisboa com o maestro belga Van Remoortel e continuando a grangear os mais merecidos triunfos. Em Maio do ano corrente tocou em Paris para a Societé Philarmonique.

AVENIDA

A's 21,30 (13 anos)

(Em ultimas representações)

O GRANDE ACONTECIMENTO TEATRAL

JOANA D'ARC

com EUNICE, ALVES DA CUNHA, MADALENA, GAMBOA e BENAMOR

Amanhã espectáculo ás 15,30

VIELA

O restaurante mais típico da capital

RUA DAS TAIPAS, 14—Tel. 27256

NOVA CERÊNCIA

TODAS AS NOITES FADOS E GUITARRADAS por apreciados artistas. O «RÉVEILLON» na VIELA ficará memorável pelo seu ambiente acolhedor e esplêndida musica.

Marque a sua mesa

Selecção rigorosa (ADULTOS)

Grande Reveillon de 1955

NOS

Bombeiros V. Lisbonenses

BAILE ATÉ DE MADRUGADA

Alegria! Surpresas! Brindes!

BICO DOURADO

(Adultos)

SALÃO DE CHA—BOITE DE NUIT

Noite de S. Silvestre

com as atracções internacionais

NATI SIMAL

e **GLORIA DEL MAR**

MUSICA CONSTANTE PELA ORQUESTRA

MOULIN ROUGE

TEIMA DANCING **TEIMA**

CALÇADA DA GLORIA, 2

(Junto á Avenida)—ADULTOS

Hoje NOITE DE FESTA

COM O MAIS ALEGRE

REVEILLON

DE LISBOA

DELICIOSAS CEIAS ATE' ALTA MADRUGADA

Amanhã, CHA DANÇANTE com TODAS AS ATRACÇÕES E a animação da famosa ORQUESTRA FERRER TRINDADE

Jogo ciência

Correspondência a Costa Moreira

MATE ELEMENTAR DE REI E TORRE CONTRA REI

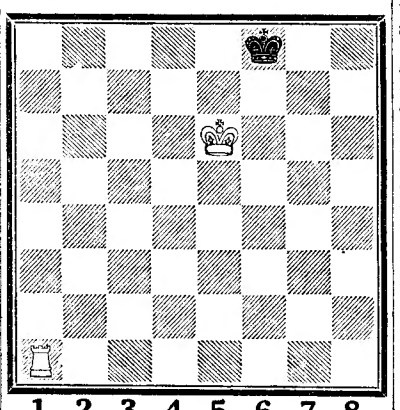
2.º Esquema de perseguição (Bloqueio da linha de fuga)

A — Na margem do tabuleiro

Consideremos a seguinte posição:

Diagrama n.º 1

Negras (1+0=1): r68.



1 2 3 4 5 6 7 8

BRANCAS (2+0=2): R56; T11. *As brancas jogam e dão mate em dois lances (2++)*

Análise da posição:

I

Os dois Reis encontram-se *á distancia de um lance de Cavalo.*

Se fossem as negras a jogar, o rei negro só poderia:

ou *ir para a oposição (1...(r58),* ou *fugir para a coluna 7* (1.., r78 ou 1..., r77).

Mas, se 1..., r58 (oposição); 2. T18++.

Portanto só conviria ao rei negro fugir para a coluna 7 (esta coluna é a *linha de fuga).*

II

Convém ás brancas *impedir o rei negro de ocupar a linha de fuga.* Para este efeito *ameaçam as casas desta linha acessiveis ao rei negro* (Ver diagrama n.º 1):

1. T11-71 (ameaçando as casas 77 e 78).

A este lance (1. T71) chama-se *bloqueio da linha de fuga.*

1..., r58 (lance forçado);

2. T71-78 xeque-mate.

NOTA — Como se vê, tanto para o 1.º esquema de perseguição *(dilema)* como para o 2.º esquema de perseguição *(bloqueio da linha de fuga),* é muito importante a *distancia de um lance de Cavalo* entre os dois Reis.

B — No meio do tabuleiro

I

Coloquemos as peças na seguinte posição:

Negras (1+0=1): r67.

BRANCAS (2+0=2): R55; T11. *Jogam as brancas e ganham (1,0)*

Análise da posição:

Os dois Reis encontram-se *á distancia de um lance de Cavalo.* Portanto, para concluir o *bloqueio da linha de fuga,* basta jogar:

1. T11-71,

e as negras, agora, *ou vão para a oposição ou recuam para a margem* do tabuleiro.

Como *só podem levar mate na margem do tabuleiro,* as negras preferem ir para a oposição:

1..., r67-57 (oposição); mas de nada lhes pode valer:

2. T71-77+ (obrigando o rei negro a recuar para a margem, onde levará mate),

2.... r68 (ameaçando a torre);

3. R66! (defendendo a Torre e, ao mesmo tempo, colocando-se em *oposição á margem do tabuleiro* para efeitos do mate ao rei negro.

3..., r58 (lance forçado);

II

A posição depois do 3.º lance das negras é a seguinte:

Negras (1+0=1): r58.

BRANCAS (2+0=2): R66; T77. *As brancas jogam e ganham (1,0).*

Análise desta posição:

1.º) Os dois Reis encontram-se á *distancia de um lance de Cavalo; 2.º) O rei negro encontra-se de um lado e a Torre do outro lado,* relativamente ao Rei branco; *3.º) A Torre encontra-se na linha intermédia,* relativamente aos dois Reis. Para haver *dilema* basta: 4.º) que *a Torre esteja pelo menos á distancia de um lance de Cavalo,* relativamente ao Rei branco; 5.º) que sejam *as negras a jogar.*

Para colocarem o rei negro em *dilema,* as brancas devem jogar: 4. T67-87 (a T coloca-se á distancia de um lance de Cavalo, relativamente ao Rei branco, e agora já são as negras a jogar. Portanto, completaram-se as condições do *dilema.* Quer dizer: *ou o rei negro vai para a oposição* e leva mate, *ou afasta-se da oposição* e o Rei branco vai colocar-se novamente á distancia de um lance de Cavalo reconstituindo o dilema).

A posição depois do 4.º lance das brancas é a seguinte:

Negras (1+0=1): r58.

BRANCAS (2+0=2): R66; T87. *As negras jogam e as brancas ganham)1,0(*

4.... r48 (afastando-se da oposição);

5, R56 (colocando-se á distancia de um lance de Cavalo e reconstituindo o dilema);

5.... r38, afastando-se da oposição);

6, R46 (dilema);

6.... r28; 7. R36 (dilema), r18;

8. R26, r28 (forçado a ir para a oposição);

9. T87-88 xeque-mate.

JOSE' DA COSTA MOREIRA

VIDA RELIGIOSA

O núncio apostólico visitou os Inglesinhos

Na igreja dos Inglesinhos e em comemoração das suas bodas de oiro sacerdotais, o sr. nuncio apostólico mons. Fernando Cento, celebrou missa de pontifical, no que foi assistido por dois sacerdotes professores daquele seminário.

Na capela-mor, em ambos os lados, tomaram lugar os seminaristas, que se fizeram ouvir durante a cerimónia.

No decorrer da missa, dois alunos do seminário dos Inglesinhos receberam das mãos do celebrante a tonsura.

Homenagem a um médico

SANGALHOS, 31.—A comissão organizadora do cortejo de oferendas da vila, em beneficio do Hospital da Misericórdia desta freguesia, prestou homenagem ao seu director clínico, sr. dr. Luís Carlos da Conceição, estimado correspondente do «Diário de Lisboa», descerrando o seu busto, no átrio do hospital.

O homenageado foi recebido com uma grande salva de palmas, pela mesa administrativa, pelo presidente da mesa da assembleia geral e todos os membros da referida comissão.

Falou, neste acto, o sr. José Joaquim Bento Lopes, presidente da Camara Municipal e provedor da Misericórdia, que afirmou: «A simplicidade desta pequena, mas sincera homenagem, tem significado grandioso, porque é ditada por sentimentos de gratidão que todos devemos ao sr. dr. Luís Carlos da Conceição, distinto director clínico do nosso hospital».

Fez, depois, o elogio do homenageado, terminando por afirmar que o sr. dr. Luís Carlos da Conceição é o grande obreiro dos progressos da terra e da Misericórdia.

Por fim, o sr. dr. Luís Carlos da Conceição, vivamente impressionado, agradeceu a homenagem, afirmando que não tem feito mais do que cumprir o seu dever.

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Na sua sede, no Hospital Miguel Bombarda, reuniu-se a assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria. Presidiu o sr. professor Correia de Oliveira, de Coimbra, que estava ladeado pelos srs. professor Pedro Polónio e dr. João dos Santos.

Lidos e aprovados os relatórios, do tesoureiro e dos secretários, foram eleitos para a nova direcção: presidente, professor Almeida Lima; vice-presidente, dr. Manuel de Almeida Amaral; 2.º secretário, dr. Fragoso Mendes; e tesoureiro, dr. Pimentel das Neves.

Em seguida foi eleita a comissão de admissão, que ficou assim constituída: drs. José Pedro Horta, Nunes da Costa e Orlando de Carvalho, de Lisboa; drs. Henrique Gregório Pereira e Vítor da Cunha Ramos, do Porto; e drs. Alberto Mesquita e Elias Vicente, de Coimbra. Foram admitidos novos sócios.

AGENCIA EFE

MADRID, 31 — O nuncio apostólico, monsenhor Antoniuto, visitou a sede da agência Efe e percorreu todas as dependências acompanhado pelo director, D. Pedro Gomez Aparicio, e pelo presidente do conselho de administração, D. Jesus Pavon, aos quais felicitou por tudo quanto viu. — (Efe).

O Ano Novo

Os cumprimentos do comandante da G. N. R.

O director da P. I. D. E. durante os cumprimentos ao ministro

Cumprimentos no Patriarcado

As noelistas da diocese de Lisboa, em numero de mil, representadas por cerca de 500, estiveram hoje de manhã no Paço do Campo de Santana, a apresentar cumprimentos de fim de ano ao sr. cardeal-patriarca de Lisboa.

Pouco depois das 9 horas, as senhoras deram entrada na sala do trono, onde foi lido o relatório da organização pela sr.ª D. Maria Isabel Pimentel, presidente diocesana, tendo assistido, como presidente nacional, a sr.ª D. Maria Manuela Saraiva e outras dirigentes.

A' frente das senhoras encontravam-se trinta raparigas que iam ser admitidas na organização.

Após a leitura daquele documento, foram entregues ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, 25 bolsas para seminaristas, num total de 50 contos.

Fez-se depois a chamada das raparigas, uma por uma, as quais foram apontadas ao sr. cardeal-patriarca e responderam a um questionário.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira agradeceu a visita e as saudações, fazendo a habitual alocução ás noelistas.

Seguidamente, o eminente antistite, acompanhado pelas dirigentes da organização, passou ao salão de recepção, onde se encontravam expostos 25 artísticos paramentos completos, destinados a outros tantos seminaristas a ordenar no próximo ano.

Ali viam-se também três ricas capaz de asperges e numerosas roupas de igreja num total de 600 peças.

Um jornal perfumado como brinde aos leitores

NEUFCHATEL, 31. — «Feuille d'Avis de Neufchatel» perfumou com jasmim o seu exemplar de 31 de Dezembro. Trata-se do mais velho diário da Suiça francesa e italiana. Fundado em 1738, este jornal nunca interrompeu a sua publicação e pertence há quatro gerações á mesma familia de mestres-impressores.—(F. P.).

(Continuação da 1.ª página)

de expressar o seu apreço pela forma como todos tinham cumprido as respectivas missões, associou-se á satisfação ali manifestada pelo êxito das viagens dos srs. genêral Craveiro Lopes e prof. Paulo Cunha, e acrescentou que o prestigio de Portugal no Mundo se baseia, principalmente, na ordem interna — que as forças de segurança garantem — e nos fortes laços que unem todas as parcelas do território nacional. Disse que muito havia ainda a esperar da fraternidade dos Portugueses espalhados pelo Mundo e da firmeza do Governo na defesa dos interesses nacionais, bem concretizada nos propósitos de não ceder a nossa posição na India, de onde outras nações poderosas se demitiram dos seus direitos e das suas obrigações. Confiava, pois, no patriotismo e no desejo de bem servir de todos os funcionários do seu ministério para que no próximo ano, as condições favoráveis criadas em 1955 mais se acentuassem e continuassem a traduzir-se num clima de paz e de bem estar social.

Um almoço no Castelo de S. Jorge

Para assinalar a passagem do ano, o comandante-geral da G. N. R., sr. general Afonso Botelho, ofereceu hoje, no restaurante da Casa do Leão—Castelo de S. Jorge—um almoço em hónra do sr. dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior, em que participaram também o comandante-geral da P. S. P., director da P. I. D. E., director da Polícia Judiciária, 2.º comandante da G. N. R., chefe de gabinete e secretário do ministro e ajudante do comandante-geral da G. N. R.

No final, trocaram-se brindes afectuosos.

No Governo Militar

O sr. general Lionel Vieira, governador militar de Lisbôa, recebeu esta manhã, no Palácio de Vilalva, cumprimentos dos oficiais ali em serviço e dos comandantes das unidades dependentes do Governo Militar de Lisboa.

Saudou o governador militar, em nome dos oficiais presentes, o sr. brigadeiro Nascimento e Silva, 2.º comandante militar de Lisboa.

Bodo no Campo Grande

No passado dia 24, distribuiu a Junta de Freguesia do Campo Grande o seu tradicional bodo de Natal a trezentos pobres. Hoje, pelas 10 e 30, distribuiu, mercê da generosidade dos seus paroquianos, agasalhos e brinquedos a cem crianças pobres.

A festa no Clube de Tenis

A noite de hoje, nas acolhedoras instalações do Clube de Ténis de Lisboa, no Parque Florestal de Monsanto, vai certamente decorrer num ambiente de grande alegria e animação, alcançando o completo êxito das iniciativas anteriores da comissão de senhoras do C. T. L. A decoração das salas tem sido gentilmente dirigida pelo artista Fernando Abranches. Uma excelente orquestra tocará até de madrugada, havendo entradas para depois do jantar. As informações são dadas pelo telefone do clube, 638073.

ANO NOVO

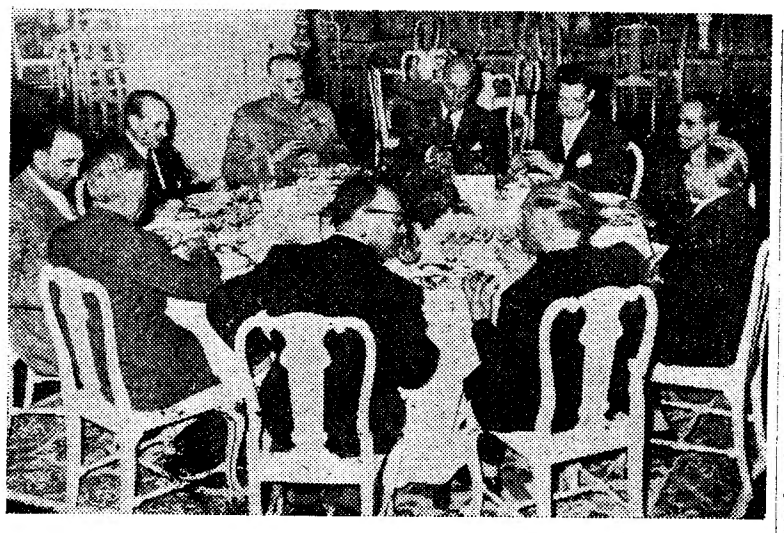
— ESPERANÇA NOSSA

Escuta, irmã: não olhes o passado;
não perturbes a crença, em sendo calma;
pousa no meu teu braço delicado,
em ti apoiarei a minha alma;

arranca do teu corpo as roupas belas;
descalça o pé, medroso de pisar,
e veste, inteira, a luz dessas estrelas
que ainda uma ilusão te podem dar;

e vem comigo, de cabeça erguida,
ciente de que a estrada vai mudar.
Nossos passos avançam para a vida
e á vida, em breve, havemos de chegar.

JOÃO FRANÇA



O almoço em que o ministro do Interior se reuniu com os chefes das corporações militares do seu ministério e outros colaboradores

Serviço religioso para os Espanhois

Nos dias de Ano Novo e dos Reis, haverá missa, com homília em espanhol e canticos acompanhados a órgão, na igreja do Loreto, na Rua Garrett, ás 12 horas.

Hoje e no dia 5, haverá na referida igreja, confissões em espanhol das 17 ás 19 horas.

Na fábrica de chocolates Regina

Com o mesmo entusiasmo com que se realizou, recentemente, a festa das crianças, efectuou-se ontem, á noite, uma sessão solene para distribuição de prémios pecuniários aos empregados e operários da empresa Regina Ld.ª, que mais se distinguiram durante o ano de 1955. Na mesma sessão foram entregues lembranças aos operários que concluiram com aprovação o exame de 3.ª classe do ensino primário do curso de adultos e, por ultimo, a entrega de medalhas aos vencedores dos torneios organizados ou em que tomou parte o Regina Club, Centro de Alegria no Trabalho n.º 312.

Na Associação Escolar de S. Mamede

Na Associação Escolar de S. Mamede realiza-se, amanhã, ás 16 horas, uma festa de Natal, dedicada aos 98 alunos do seu externato, cujo programa consta de: árvore de Natal, distribuição de roupas e brinquedos, uma merenda e variedades com palhaços.

Na sede de «Os Albertos»

Amanhã, ás 12 e 30, o Grupo Onomástico «Os Albertos» distribui, por cerca de 50 dos seus protegidos, um bodo composto por agasalhos e dinheiro.

Dois ex-soberanos que vivem em Roma citados para comparecer perante o tribunal

ROMA, 31. — Dois antigos soberanos que vivem no exilio, na capital italiana — o ex-rei do Egipto, Faruk, e o ex-rei do Afeganistão, Aman-Ullah — foram citados para comparecer no tribunal de Roma. Faruk é processado pelo seu antigo secretário particular, Alfredo Oscuro, que não está de acordo com o total da indemnização que lhe deve ser paga por terem sido dispensados os seus serviços. Foi contratado pelo ex-soberano em 19 de Junho de 1954 e despedido, com oito dias de aviso, em 22 de Outubro ultimo. Nessa altura, corria a noticia de que os seus serviços tinham sido dispensados devido ao escandalo das suas relações com «Miss Finlandia», á qual, nesse momento, foi recusada autorização para residir em Roma. Alfredo Oscuro reclama uma indemnização de 1.608.130 liras, enquanto Faruk apenas deseja pagar-lhe 290.000 liras.

Quanto ao ex-rei Aman-Ullah, foi a ex-rainha do Afeganistão, Soraja, quem lhe moveu uma acção. Esta ultima pede que o tribunal lhe conceda a propriedade parcial de um edificio situado, na Via Cassidoro, em Roma, que o ex-rei estaria prestes a vender. Soraja afirma que seu marido lhe fez dom da metade do valor desta casa e sustenta que a sua venda, que liquidaria completamente o património familiar, representaria um grave prejuizo para os seus filhos. —(F. P.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 12°8; minima, 7°,7.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 14°,3; minima, 8°,7.*

Grande Feira de Inverno

Prosseguindo na sua campanha de simpatia, que tão gentilmente tem sido correspondida pelos seus estimados Clientes, apresenta as ultimas novidades do seu fabrico em: malha a metro com 1,20 a 45$00, 50$00, 60$00 e 65$00; casacos, blusas, «kimones», tunicas, «echarpes», combinações, camisas, pijamas, gravatas, gabardines, meias, peugas, etc., a preços de fábrica.

Brindes: oferecemos interessantes brindes a todos os clientes durante as festas.

GRANDE FEIRA DE INVERNO

Rua da Trindade 1 (ao Largo do Carmo) — Telef. 21311

TAP

UTILIZE NAS SUAS DESLOCAÇÕES A ÁFRICA O

SERVIÇOS BISSEMANAIS

Partidas de Lisboa:

Quintas e Domingos

Partidas de Lourenço Marques e Luanda:

Terças e Sábados

Os serviços com partidas de Lisboa, ás Quintas, e partidas de Lourenço Marques e Luanda, aos Sábados, têm ligação directa com S. Tomé

TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens habitual ou a TAP, na Rua Braamcamp, 2 Lisboa—Telefone 59101 (10 linhas)

OLHOS DA ALMA

Uma grande parte da nossa existência não chega a ser vida, pois não passa de sonho e de pura imaginação.

■

Os nossos inimigos vêem em nós, não o que nós realmente somos, mas o que eles detestam, dentro de si.

■

Nas nossas mãos, há as bençoes que absolvem e perdoam e as maldições que condenam e repelem.

■

Para que possamos fazer da nossa vida a mais feliz e mais bela das nossas obras, temos de converter em lágrimas as nossas suaves alegrias.

■

Nos romances que escrevemos, vai sempre incluso um poema inacabado.

■

O nosso pensamento procura, muitas vezes, o Paraiso, no sítio onde há sómente a cinza das nossas ilusões.

■

Para salvar da ruina a torre que construimos, num rochoso promontório, é necessário revestí-la de bronze e mármore.

■

Devemos tudo ao tempo e por isso é indispensável semear nele as nossas quimeras e as nossas aspirações.

■

Quando julgamos que os nossos feitos têm a duração da Eternidade, sómos vítimas da nossa pequenez.

■

Deus criou-nos para as cousas grandes e justas, permitindo assim que o amemos e adoremos.

■

No nosso coração, cabem todas as grandezas e misérias—motivo porque, frequentemente, as nossas virtudes se confundem com os nossos vicios.

■

A guerra e a paz, quando pesadas na mesma balança, acusam um peso que varia, consoante os nossos sentimentos.

■

Quando visitamos terras desconhecidas, logo sentimos que o Mundo se repete, nas suas maravilhas e nas suas banalidades.

■

Os Faraós reinaram, no Velho Egipto, tendo na mão direita um azorraque e na esquerda a paz e o perdão.

■

No pão que comemos e no vinho que bebemos, está a vida, não cómo ela é, mas como nós a prezamos.

■

Os nossos amigos estão sempre connosco, menos nas horas em que os seus conselhos são contrários aos seus interesses.

■

No amor dos pais, os filhos figuram, não pelo que valem, antes pelo que significam de puro e de sincero.

■

Tomemos para nós sómente aquilo a que temos direito, deixando aos outros as riquezas que não nos cabem.

■

Há pessoas que nos seguem, mais pelo ódio que lhes inspiramos do que pela simpatia que nos votam.

■

Aos vinte ou aos trinta anos, cada um de nós tem a sua hora de inspiração, como as árvores se vestem de flores e de frutos, na Primavera.

■

Reparte pelos outros o pão da tua mesa e a alegria do teu coração!

GLAUCIAS

A remodelação da zona

onde sobressai o mosteiro dos Jerónimos

Depois dos estudos preliminares a que se procedeu para a urbanização da zona que fica em frente dos Jerónimos, parece que vai, finalmente, entrar-se no caminho da solução definitiva de um problema que se impõe, para a urbanização de um belo ponto da capital e para a defesa do ambiente que deve rodear um dos mais preciosos monumentos da cidade.

Com efeito, por decretos agora publicados, foi a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais autorizada a celebrar contrato com o arquitecto francês Jacques Carlu, para a «elaboração do ante-plano de urbanização da zona a Sul dos Jerónimos, destinado a localizar a construção dos edifícios: Palácio do Ultramar, Museu do Ultramar e Instituto Superior de Estudos Ultramarinos», e com o arquitecto Luís Cristino da Silva, para a elaboração do plano definitivo da mesma zona, pelas importancias, respectivamente, de 116 e 200 contos.

O arquitecto Carlu, que esteve há meses em Lisboa, a estudar o local, ficou com a incumbência de concluir o seu trabalho dentro de 1956 e o arquitecto Cristino da Silva terá de terminar o plano definitivo até 1957.

Como se sabe, o referido arquitecto português já anteriormente fora contratado para elaborar o projecto do Palácio do Ultramar, a erguer na faixa do terreno a nascente da actual Praça do Império, mas, reconhecendo-se, no entanto, conveniência de integrar a nova construção num plano de maior vulto, em que fossse considerada a construção de outros edifícios cuja localização não podia, na verdade, ser melhor do que a vizinhança do venerando mosteiro dos Jerónimos.

Esta decisão levantou, no entanto, outros problemas relacionados com a necessidade de fazer sobressair, justamente, a preciosa edificação manuelina e, em consequên-

(Continua na 10.ª página)

Automobilistas, *prudência!*

Um dia de exemplo para um ano inteiro

Por iniciativa da revista «O Volante» o dia de hoje foi considerado, em todo o País, como o «Dia da Prudência», concretizado num apelo aos automobilistas, principalmente, para evitar os desastres no dia de Fim do Ano, e para obedecerem em 1956 ás regras de transito.

Propagam-se, assim, princípios de segurança e de prudência — quem conduz um carro tem especiais responsabilidades—tendentes a criar em todos os condutores de veículos o espírito de acatamento voluntário das regras de transito, pois, estas, uma vez violadas, poderão provocar graves danos.

A revista «O Volante» justifica da seguinte maneira a sua iniciativa, sem duvida, util, dirigindo-se ao condutor nos seguintes termos:

«Trata-se de, hoje, 31 de Dezembro de 1955, abdicares de qualquer pedacinho de egoismo que a condução dum carro sempre fez nascer. Trata-se de pores á prova todos os teus dotes de inteligência, de cortesia, de educação. Trata-se de aplicares toda a tua condescendência e toda a tua paciente bondade. Trata-se, finalmente, de te mostrares disciplinado e decidido a, ao menos hoje, cumprires escrupulosamente as leis da circulação moderna».

O «Dia da Prudência» encontrou a mais viva simpatia em todos os automobilistas, que bem compreenderam a sua necessidade.

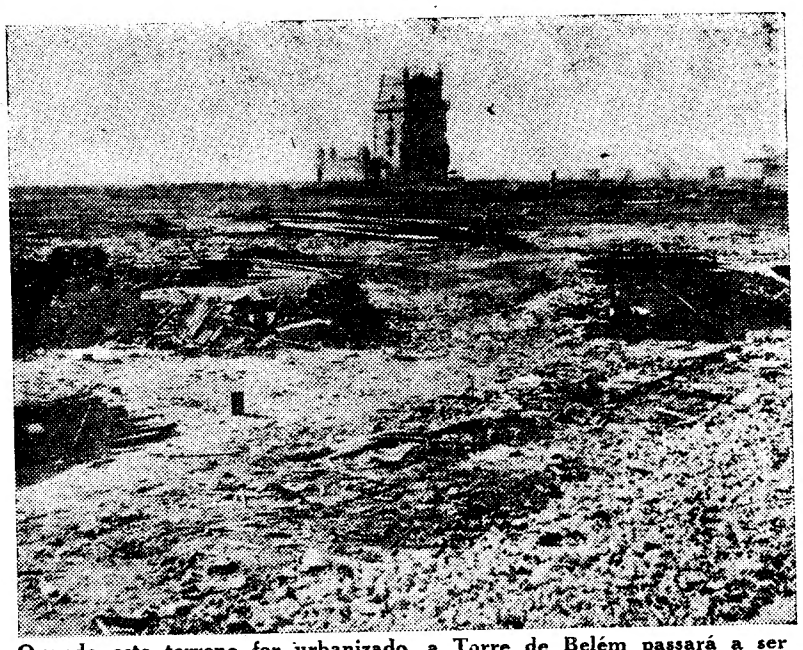
A corporação da Polícia de Viação e Transito determinou o seguinte, em ordem de serviço:

«Os agentes em serviço no dia 31 de Dezembro deverão evitar tanto quanto possível a multa, a menos que o transgressor demonstre claramente o propósito de transgredir.

Mais do que nos outros dias, devem os agentes da P. V. T. aconselhar em vez de reprimir, mandando parar os veículos que vão em velocidade viva, fazendo ver aos seus condutores o perigo e os inconvenientes de tal marcha, chamando-lhes a atenção para o facto de ser esse dia consagrado á prudência, numa palavra, aconselhando-os a colaborarem na campanha do «Dia da Prudência».

A revista «O Volante» mandou colar nos automóveis um pequeno cartaz alusivo á iniciativa, e a «Sonap» editou um folheto com as 8 «regras» (?) de mal conduzir, elaboradas pelo sargento norte-americano Carl Piker.

Oxalá que a iniciativa seja proveitosa, pois, á medida que os automóveis têm mais força, mais se impõe a prudência ou a maior cautela na arte de conduzir.



Quando este terreno for urbanizado, a Torre de Belém passará a ser toda vista da Avenida da India

A Torre de Belém

será desafrontada este ano e voltará a ficar cercada pelo Tejo

—afirmou-nos o presidente do Município

Conforme o «Diário de Lisboa» noticiou, o «Diário do Governo» publicou, em 6 de Agosto passado, o decreto-lei n.º 40.271, autorizando o Ministério das Obras Publicas a conceder á Camara Municipal de Lisboa um subsídio, não reembolsável, de 1.000 contos «como participação do Estado nos encargos inerentes ao arranjo urbanístico da zona envolvente da Torre de Belém», a efectuar pelo Município, de harmonia com o projecto aprovado pelo ministro das Obras Publicas, sr. engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira.

Dispunha-se, naquele diploma que tal encargo seria suportado pela dotação consignada a tal fim, no orçamento em vigor, daquele Ministério.

No preambulo do decreto-lei, anunciava-se que estavam «concluídos os estudos relativos ao arranjo urbanístico» daquela zona.

Tudo indica, pois, que, por fim, será satisfeita uma velha e justa aspiração do povo de Lisboa, tão eloquentemente expressa por algumas das mais categorizadas figuras: a libertação da Torre de Belém. E o desejo de poder informar, com segurança, os nossos leitores, sobre o que há a tal respeito, levou-nos a procurar o sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, presidente do Município, a quem perguntámos se o Ano Novo daria á população da capital esse esperado brinde:

—Posso afirmar-lhe que tudo ficará concluido em 1956. Como já tive ocasião de dizer, em sessões publicas, a Camara foi consultada, pelo ministro sr. engenheiro Arantes e Oliveira, sobre as linhas gerais do plano a adoptar para a urbanização da zona marginal de Belém, desde a Torre até ao quartel de Engenharia, incluindo a Praça do Império. Já há muitos anos — mesmo nos tempos do saudoso ministro Duarte Pacheco — o Município se interessou por este problema que provocou sucessivas discussões e alvitres, profundamente contraditórios. O actual ministro das Obras Publicas, baseando-se no que foi proposto, ou sugerido, resolveu concretizar a valorização daquela zona da cidade. Ouvida a Camara, esta fez a sua crítica e assentou com aquele membro do Governo e com os respectivos serviços do seu Ministério, nas linhas gerais do plano, que já está em plena execução.

—O que há, já de positivo?

—Como sabe, está assegurada a indispensável comparticipação do Estado. A administração-Geral do Porto de Lisboa realizará a parte marginal á Camara, já incluiu uma verba, no orçamento de 1956, para todo o arranjo urbanístico dos terrenos a Norte da Torre, e está a ultimar a elaboração do programa dos respectivos concursos. O projecto já foi aprovado e vai ser executado em breve.

—A quem se devem os estudos urbanísticos que serviram de base ao projecto?

—Ao engenheiro silvicultor e arquitecto paisagista António Barreto, da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, e ao engenheiro Viana, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

—A Torre ficará rodeada de água?

—Tal como antigamente, o Tejo envolvê-la-á.

—Nos terrenos a Norte, estão previstos lagos, estátuas, ou pérgolas?

—Não. O arranjo será muito simples, ao sabor da época em que a Torre foi consruída, e dentro dum conceito tradicional e paisagístico que tem por fim garantir os pontos de vista que melhor valorizem aquela formosa e histórica jóia arquitectónica.

Vá no dia de Ano Novo

ao RIBATEJANO, de Salvaterra para apreciar o folclore do Ribatejo, no seu verdadeiro ambiente.

CENTRAL DA BAIXA

94 — R. Aurea — 98

Ceias do fim do ano

Ensopado de enguias

Outro prato regional do «RIBATEJANO»—Salvaterra de Magos.

HOJE

GRANDIOSA NOITE DO FIM DO ANO

PALLADIUM

AV. DA LIBERDADE, 1 - TEL. 28395

SENSACIONAL

"REVEILLON"

COM BAILE ATÉ DE MADRUGADA ABRILHANTADO POR UMA DINAMICA ORQUESTRA

CEIA COM EMENTA ESPECIAL

DIA DE ANO NOVO

Antes que seja tarde. Reserve mesa no RIBATEJANO, de Salvaterra.

Café Chave d'Ouro

Salão de Festas

«REVEILLON» NO R/CHÃO, 1.º ANDAR, SALÃO DE FESTAS E RESTAURANTE

3 ORQUESTRAS, ATRACÇÕES E SURPRESAS

RESERVAM-SE MESAS EM TODAS AS SECÇÕES.

TELEF. 32148

Domingo, 1 de Janeiro, grandiosa «matinée»

Restaurante ALVALADE

TELEFONE 779151

A Gerência comunica aos seus Ex.mos Clientes que amanhã a «matinée» terá início ás 16,30.

BRINDES A'S SENHORAS E CRIANÇAS

Actuará a orquestra STAR-DUST dirigida por SOUSA PINTO

956 a poucas horas de vista

* Que mais desejaria lhe trouxesse o Ano Novo?

* Ao menos, o que espera que realmente lhe aconteça?

Um novo ano é sempre uma fon-nesgotável de desejos e aspira-s. Renova-se a esperança de ver izadas as quimeras que o «ano sado» não consentiu se transfor-sem em realidades.

futuro teve sempre uma atrac- especial para os homens. É cificação bastante de todos os s sonhos e anseios, unico espa-temporal onde cabem todos os sos projectos, por mais ilógicos rrealizáveis que eles sejam.

Um novo ano, 1956, vai principiar eu reinado. Não estranhemos, s, que cada um de nós se ocupe mentaneamente a deitar contas nais um ano de vida, a planear stelos no ar»... Assim, de um o ficarão os desejos do outro as lidades, os primeiros com o seu ranho sabor de intangíveis e os undos, por vezes, com o sabor e que tantas vezes a vida teima pôr diante de nós...

M EMPRESÁRIO

Américo Covões

Américo Covões é o gigante do sso circo. Um gigante bom que a as crianças e gosta de as ver .

—Que mais deseja para 1956?

—Queria do coração que a peti-da pudesse vir ao circo todas as ites. O Coliseu sem os gritos de oilo dos miudos é um corpo sem na.

—Que espera que lhe suceda na alidade?

—Não sou profeta. Espero saude. ra os outros e para mim. E che-

M LIVREIRO

Pedro de Andrade

Pedro de Andrade é um dos nos-s livreiros mais conceituados. aisemos ouví-lo, na «Portugal», de se agita uma multidão ledo-Recebeu-nos com simpatia, jo-al e activo.

—Que desejava que lhe aconte-sse no ano de 1956?

—Desejo ardentemente que se entue o gosto pela leitura de mo- a que nos coloquemos a par dos íses mais progressivos. Também e seria muito grato que os nos-s problemas culturais com o Bra- se resolvessem da melhor ma-ira.

—Que espera que lhe aconteça almente?

—Sou um optimista, meu amigo. spero o que desejo. Estou certo de e em 1956 o publico continuará ler muito e bem. Além disto, os vens autores nacionais terão com-adores e a compreensão das ca-s editoriais. E é tudo.

M MÚSICO

Tavares Belo

O nome do maestro Tavares Belo nda constantemente no ar. No er, se usarmos o termo radiofó-co. Todos conhecem as suas mu-cas. Alegres, populares, acessí-eis. Musicas de canções que o povo nta.

—Diga-nos, maestro, o que mais nbiciona para 1956?

—Aceito o destino. Espero, no en-nto, saude e faculdades para tra-lhar.

—E o que julga que lhe sucederá almente?

—Nada de especial. Discos, can-es, espectáculos. Um ano cheio.

M PINTOR

Carlos Botelho

Havia que interrogar um pintor. sorte esteve do nosso lado e trou-e-nos Carlos Botelho até á redac-io. O nosso distinto colaborador rontificou-se imediatamente a res onder ás perguntas que lhe fize-os.

—Que deseja lhe aconteça em 956?

—Poder galgá-lo e passar para 957.

—Que espera lhe aconteça real-ente?

—Não ficar debaixo de um auto-móvel.

Lagarto, lagarto, lagarto...

UM ESCRITOR

Romeu Correia

«O casaco de fogo» e «Trapo azul» são obras que bastam para definir e conceituar um autor. Es-creveu-as Romeu Correia, prosador moderno, forte, original.

—Diga-nos, então, o que mais de-sejaria para 1956...

—Um melhor nível de vida para o povo português. Uma produção literária mais intensa.

—Esse é o máximo. Qual é o mí-nimo de que pretende?

—Um ano literáriamente fecun-do. Pelo menos trabalharei para tal.

UM ACTOR

Assis Pacheco

Onze horas da manhã... hora im-própria para perturbar o descanso de um artista de Teatro. Mesmo assim, Assis Pacheco aparece-nos bem disposto do outro lado da li-nha telefónica.

—Que deseja para 1956?

—Eu? «Ó, filho»! Saude e dinhei-ro.

E logo a seguir, Assis Pacheco acrescenta, com a ironia que lhe é peculiar:

—Mais saude que dinheiro.

UMA MENINA DA RÁDIO

Maria de Lourdes Rezende

Classificada de «Rainha da Rádio Portuguesa», Maria de Lourdes Re-zende merece, sem favor, figurar no nosso inquérito. A «feia-bonita» de voz melodiosa tem inumeros admiradores que, por certo, anseiam por saber os seus desejos para 1956. Ei-los:

—Gostaria de fazer uma grande «tournée» artística, que incluisse espectáculos nas principais cidades de todo o Mundo. E desejava que me acompanhasse uma boa orques-tra nacional. Seria uma excelente jornada de propaganda da musica popular portuguesa. Todavia, só es-pero que realmente me aconteça ir ao Brasil, cumprir um contracto já firmado e... *(eis a grande novida-de)* espero casar-me.

Os leitores podem ir preparando as felicitações para Maria de Lour-des Rezende. Nós aproveitamos a oportunidade para lhe desejar já um bom... Ano Novo.

UM ORIENTADOR DE TRANSITO

Maia Loureiro

Havia uma só hipótese para en-contrar o capitão Maia de Lourei-ro. Procurá-lo em Santa Marta, no centro orientador do transito lis-boeta. A hipótese transformou-se em tese, graças ao telefone, e as respostas de Maia de Loureiro ao nosso inquérito foram fácilmente arquivadas.

—Que deseja lhe aconteça em 1956?

—Que me aconteça ter saude...

—Que espera lhe aconteça real-mente?

—Espero que não me aconteça... nada de mau. Espero, também, uma vida tranquila e de paz.

Desejos e esperanças acertados. Fazemos votos para que eles se realizem, não só em relação ao ca-pitão Maia de Loureiro, mas a tô-dos os homens de boa vontade.

POR TODOS OS TOUREIROS

Patricio Cecilio

Foi-nos impossível encontrar ho-je um matador de touros porque, retirado Manuel dos Santos e, além de Diamantino Viseu, que anda ago-ra preocupado com a sua apresen-tação no teatro, todos os actuais se encontram no México, como Antó-nio dos Santos e Francisco Mendes, ou em viagem para lá, como Joa-quim Marques. Telefonámos para a nascente de quase todos, para a Golegã, o viveiro, e mestre Paricio Cecilio respondeu-nos:

—O que eles desejam lhes acon-teça em 1956 é fácil de supor—sor-te com os touros. O que realmente esperam que lhes aconteça é fácil também de imaginar—que da sorte com os touros resultem exitos que os valorizem no conceito do publi-co, e das empresas, naturalmente...

A União Indiana

não ficou satisfeita com a resposta dos Estados Unidos

NOVA DELHI, 31—Jornais in-dianos classificaram hoje a res-posta americana ao pedido da India de esclarecimento do co-municado Dulles-Cunha sobre «provincias portuguesas no Ex-tremo Oriente», de «evasiva e não plenamente satisfatória». O Governo indiano recebeu on-tem a resposta.

O «Hidustan Times» diz cons-tar que a nota fazia uma refe-rência incisiva ao marechal Bul-ganine e a Kruchtchev, chefes soviéticos. A nota diria que de-clarações e discursos dos dois chefes russos sobre Goa e outras questões tinham aumentado a tensão e eram tentativas para fomentar ódio entre o Oriente e o Ocidente.—(R.).

Comentário do «N. Y. Times» aos discursos dos chefes russos

NOVA YORK, 31 — Comentando os ultimos discursos dos dirigentes soviéticos, o «New York Times» acentua que eles «reafirmaram a sua oposição a qualquer solução de problemas existentes que não divida e não desarme o Ocidente... E' difícil, acrescenta o grande jor-nal americano, concluir se os no-vos ataques devem ser tomados a sério. Por um lado, são o reflexo do carácter primitivo e manhoso de Kruchtchev que parece dar ho-je o tom á diplomacia soviética. Mas, por outro lado, seria erro não dar a importancia devida a estas declarações ou menosprezar a po-tente ambição e o poderio militar que constituem o seu pano de fun-do».—(F. P.).

Novas tropelias de bandos vindos da União Indiana

CIDADE DE GOA, 31.—Segundo um comunicado oficial distribuido hoje, uma patrulha da Polícia foi assaltada em Chandel, no concelho de Perném, pelas 23 e 30 do dia 25, por um grupo de 25 indianos arma-dos, vindos da União Indiana. Tra-vou-se luta corpo-a-corpo, mas não se registaram baixas.

Também segundo outro comuni-cado oficial, igualmente divulgado hoje, um grupo de 15 indianos ar-mados, vindos também da União Indiana, provocou desordens junto da devalaia (templo indu) de Ibrampur, no concelho de Perném, durante a festividade indu de Ka-lo, no dia 29. Os bandoleiros india-nos lançaram três granadas de mão na aldeia e mais duas nas vizinhan-ças da povoação, desaparecendo em seguida. Felizmente, não se regis-taram vítimas nem danos.—(A. N. I.).

NOTA SEMANAL

Os preços e o custo de vida

Observações sobre a sua evolução

por TRIBUNUS

Serão certamente poucas as pes-soas que hoje ousem negar a rea-lidade do aumento constante e in-sidioso do custo de vida que se tem verificado no nosso país nos ultimos tempos. Quer para a simples dona de casa, que tem de viver dentro do seu orçamento familiar geral-mente limitado, quer para as enti-dades oficiais encarregadas da fis-calização dos preços, o problema, encarado embora sob angulos dis-tintos, está presente na vida diária. Na verdade, desde os produtos ali-mentares até ao simples bilhete de cinema, passando pela renda de ca-sa e pelos artigos de vestuário, em tudo, de um modo geral, tem sen-tido o consumidor um agravamento dos preços ou, o que é o mesmo, uma baixa na qualidade dos produ-tos ou bens que normalmente con-some e que os seus rendimentos po-dem adquirir.

Esse movimento ascensional dos preços, que lentamente se tem pro-cessado, é especialmente sentido pe-las classes assalariadas ou detento-ras de rendimentos fixos, em geral baixos e médios rendimentos. Elas vêem diminuir progressivamente, mês após mês, o poder de compra que os seus fracos recursos pos-suiam, operando-se assim a baixa efectiva do seu nível real de vida. E como é precisamente nessas clas-ses que se situam as camadas popu-lacionais mais numerosas, o proble-ma da medida da variação do nível dos preços apresenta um interesse especial. Só sabendo de que modo essa variação se produziu e quais os factores que a determinaram, po-dem as entidades oficiais intervir eficaz e conscientemente nos mer-cados, quer no sentido de não per-mitir um agravamento dos preços, quer procurando ajustar os rendi-mentos nominais de maneira a compensar os aumentos do custo de vida e assim manter o poder de compra. E' exemplo desta política a adopção, já hoje corrente nalguns países, das chamadas «escalas mó-veis de salários», as quais implicam uma variação periódica dos níveis de salários coadunada com as alte-rações do custo de vida.

Os instrumentos estatísticos geral-mente utilizados para aferir essas alterações são os chamados «índices de preços». Tais índices resultam da comparação dos preços de dado bem ou conjunto de bens num pe-ríodo que se toma como referência — a chamada «base» do índice — e o preço ou preços correspondentes observados noutro período.

Os numeros-índices podem, con-sequentemente, ser calculados não só para uma unica mercadoria ou serviço, mas também para um con-junto de bens que definam um agre-gado com significado económico ou social. Nesse caso há que conside-rar no índice global os diferentes bens que compõem tal agregado, en-trando em conta com a importancia relativa de cada um nesse total. E' isso que se passa na elaboração dos «índices do custo de vida» (ou «índi-ces de preços no consumidor» como também são designados), nos quais os diferentes bens que normalmente

(Continua na página seguinte)

Saudemos o ano com alegria mas sem ruídos nem desmandos

Com o ano que finda, desfazem-se muitas ilusões e enterram-se preocupações que acompanharam a vida durante os doze meses passa-dos. O novo ano que vai principiar trará consigo, é certo, novas ilusões e, infelizmente, outro cortejo de preocupações. Mas nem por isso deixamos de assinalar com alegria o facto de termos vivido, precisa-mente mais um ano, com a espe-rança de irmos viver outro, num ambiente feliz e desanuviado.

Saudemos, pois, com alegria a passagem de 1955 para 1956 e fes-tejemos o advento dessa nova ilu-são! Façamo-lo, porém, sadiamente, sem as manifestações impróprias com que, em tempos passados, se costumava receber o novo ano. Acabemos de vez com os ruídos sel-vagens que ecoavam pela capital á meia noite do ultimo dia de De-zembro e refreemos o instinto que levava muitas pessoas a exteriori-zarem o seu contentamento atirando para a rua com quanta tralha lá ti-nham em casa, reservada para essa hora de impunidade.

A maioria da população já tem hoje a noção perfeita da medida em que deve exteriorizar a sua ale-gria, com respeito por si e pelos ou-tros, e não será, por isso, estamos certos necessário que as autori-dades intervenham numa atitu-de repressiva que todos desejam evitar e que é justo que não entre no programa das comemorações deste acontecimento festivo...

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — Telef. 14

O maior «REVEILLON» do ano em ambiente castiço

Inauguração do nosso Monumental Salão de Festas, unico no género no País, onde poucas mesas já restam — reserve antes que seja tarde

DIA DE ANO NOVO

Almoço regional com 2 Ranchos Folclóricos e 2 conjuntos mu-sicais na nossa Adega Típica e no Salão de Festas

Mais duas grandes organizações do Ribatejano

CASINO ESTORIL HOJE

A VELADA DO ANO NOVO

com a 2.ª apresentação de

GILBERT BÉCAUD

o maior intérprete da canção francesa da actualidade

ORQUESTRA LORENZO GONZALEZ

Conjuntos **MARIO SIMÕES** e **OLIVER**

BAILE COTILLON — Trajo de noite

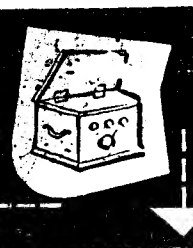
Um «**Réveillon**» que tem tradições (Adultos)

AMANHÃ — DIA DE ANO BOM

«CHÁ-DANÇANTE» com a Orquestra LORENZO GONZALEZ

A' noite -- Penúltima de Gilbert Bécaud

Não guarde o seu dinheiro!..



Empregue-o na compra de prédios

Para esta transacção diligente escolha uma casa COMPETENTE

A CONFIDENTE

a maior organização do país

LISBOA-Rossio, 3-Tel. 21391-30257-PORTO-R. P. Manuel, 14-Tel. 27011-28721

ara as Festas do Ano Novo

Visite a nossa exposição perma-ente onde encontra os mais ricos resentes pelos mais baixos pre-os. Ouro, Pratas, Jóias e Relógios. **ARATEIRO DE S. DOMINGOS RUA BARROS QUEIRÓS. 56**

á pensou onde passar o dia do Ano Novo?

Vá ao RIBATEJANO, de Salva-erra.

Uma encíclica de Pio XII
sobre as vantagens da música sacra

CIDADE DO VATICANO, 31—Na encíclica «Musicae sacrae disciplina», publicada hoje, o Padre Santo, depois de expor a finalidade deste documento, que consiste em reorganizar o canto e a musica sacras, mostra o interesse que a Igreja sempre atribuiu a esta forma de arte religiosa, âtendendo á sua ligação íntima com o culto divino.

Indica a seguir que os princípios que regem a forma de arte religiosa assumem todo o seu valor nesta ordem de ideias e que não seria consequentemente lícito invocar a liberdade da arte, porque, afirma Pio XII, toda a manifestação artística, como toda a acção humana, está sujeita ás leis morais. A dignidade da arte, como a liberdade do artista, não são por isso diminuidas, antes elevadas e aperfeiçoadas. Isto aplica-se em especial á arte sacra e religiosa, que tem por fim elevar até Deus o espírito dos fieis, agindo nos seus sentidos. Portanto, só o artista animado por fé religiosa profunda, poderá fazer arte sacra, e não aquele que não tem fé ou se acha afastado da prática religiosa.

Além da música liturgica, o Padre Santo recomenda a musica religiosa», em uso nas cerimónias extraliturgicas, e da qual sublinha a grande importancia do ponto de vista da instrução religiosa.

O Papa descreve a seguir as características da musica sacra que, diz, são as próprias á liturgia: «A santidade, a excelência da forma... a universalidade». A estas exigências, corresponde plenamente o canto gregoriano, que os Sumos Pontífices sempre recomendaram e que a Igreja quer sempre «ligada íntimamente ás palavras latinas da santa liturgia».

As excepções permitidas em certos casos pela Santa Sé e os costumes contrários referentes ao uso dos canticos em língua corrente, não contrariam o princípio de que «não se devam cantar em língua corrente as palavras da liturgia»

Ao lado do canto gregoriano, Pio XII lembra o lugar especial que tem na liturgia a polifonia sacra e determina as suas regras. De igual modo, deseja que sejam aplicadas as normas liturgicas quanto á execução do órgão e dos outros instrumentos de musica, como o violino. Recomenda a seguir, calorosamente, os canticos religiosos populares, e o uso dos canticos sacros em terra de missão, onde constituem eficaz instrumento subsidiário de apostolado.

Na ultima parte da enciclica, Pio XII indica algumas regras práticas para o desenvolvimento da musica sacra em cada diocese, e conclui deitando a benção apostólica em especial áqueles que se empenharem em pôr estas regras em prática — (F. P).

Domingos da Silva
Casa de empréstimos sobre penhores. Pianos, mobilias e secção de ourivesaria
Calçada do Combro, 10 a 16
(Loja e 1.º andar)
Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos e Clientes desejando-lhes Boas Festas e as maiores felicidades no Ano Novo.

Nota semanal

(Continuação da pagina anterior)

entram na composição dos orçamentos familiares são tomados com o «peso» relativo que têm num orçamento típico do grupo social em estudo. Então, quando o índice de preços no consumidor atinge, por exemplo, o valor 110, isso quer dizer que, em relação ao período base, se verifica uma subida de 10% naquele conjunto de artigos e serviços que se tomou como representativo do consumo típico analisado, mantendo as mesmas quantiddaes relativas e a mesma qualidade.

A elaboração de um índice deste tipo, com o objectivo de medir as variações do custo de vida, apresenta, como é natural, problemas complexos, não só de ordem técnica como também do volume administrativo do trabalho a executar. Em geral, são efectuados, para a sua montagem, inquéritos especiais aos consumidores, com o fim de, a partir dos gastos reais observados, se poder estabelecer o padrão relativo desses mesmos gastos, os quais irão definir a ponderação dos diversos componentes do índice, como acima dissemos.

E' evidente que trabalho de tal envergadura só pode ser executado por instituições privadas de largos recursos ou, então, pelos próprios organismos do Estado. Entre nós, como é sabido, são o Instituto Nacional de Estatística e o Banco de Portugal as unicas entidades que elaboram e apresentam índices de preços. Em particular cabe ao nosso organismo central de estatística a feitura de um índice de preços no consumidor, a par dos muitos outros que também publica.

Perante a conjuntura de preços que de início assinalámos e a repercussão e o significado que as alterações no índice de préços no consumidor podem e devem suscitar, é compreensível o interesse manifestado não só pelos estudiosos como por todo o publico pela evolução de tal índice. Todavia, a observação das séries publicadas para a cidade de Lisboa, que remontam a 1948, ano tomado para «base», leva-nos a manifestar fortes duvidas quanto á realidade da sua expressão, as quais, de certo modo, podem anular o interesse que deveria apresentar. Notemos que o valor médio do período Janeiro a Outubro deste ano cifra-se em 98,7, o que significa uma baixa no nível geral dos preços no consumidor de 1,3 % em relação ao período base de Julho à Junho de 1948/49.

A análise dos subgrupos do índice geral permite-nos localizar as rubricas de «alimentação» e «habitação» como sendo aquelas que precisamente provocaram a baixa. Na verdade, a rubrica de «higiene» sobe 17,8 % e as de «vestuário e calçado» e «diversos» demonstram ligeiras subidas, inferiores em média a 5 %. Deste modo, e dado o diferente «peso» de cada uma das rubricas citadas, teria sido a baixa de 1,4 % na «alimentação» e de 13,4 % na «habitação» que tornaram possível aquela evolução do índice global no sentido da baixa. Mas esse movimento do índice, especialmente no que se refere á alimentação e ás rendas de casa, apresenta-se em flagrante contradição com a realidade por todos vivida e tanto assim que já levou o Deputado Prof. Pinto Barriga a chamar a atenção para um tal desajustamento, citando os «surtos sucessivos da alta do custo de vida, que as estatísticas negam radiosamente, com... a indignação das donas de casa, que sentem essa alta na pobre bolsa e muito mais no estômago da sua família».

As disparidades apontadas não são apenas produto de uma apreciação subjectiva, embora tendo a realidade diária como padrão. Elas assentam também em confirmações indirectas que se podem obter através do movimento de outros índices de preços de retalho, publicados pelo I. N. E. ou pelo Banco de Portugal, cujo comportamento se não coaduna com o do índice de preços no consumidor. Assim, no que se refere á «habitação», por exemplo, e tomando o 3.º trimestre deste ano, para o qual há valores comparáveis, o «índice das rendas de casas ocupadas» sobre de 52 % em relação a Junho de 1949, e o das habitações arrendadas naquele trimestre regista um acréscimo inferior a 1 % em relação a um período-base análogo ao do índice de preços no consumidor. Ponderemos ainda que ambos os valores se reportam ao tipo de habitação utilizado na construção do citado índice, mas neste, como vimos, as rendas de casa apresentam uma descida de quase 13,5 %!

Se considerarmos o grupo da «alimentação», iguais incongruencias se podem encontrar. De facto, o «índice de preços de retalho», publicado pelo Banco de Portugal, evidencia no grupo dos produtos alimentares e para o ano de 1954, uma subida de 14 %, em relação a 1948. Para período análogo, a rubrica de «alimentação» do índice de preços no consumidor mostra uma quase estabilidade.

O que atrás dizemos parece-nos suficiente para pôr certas reservas ás conclusões que se queiram tirar sobre o nível de preços no consumidor, na cidade de Lisboa, tendo por base apenas o índice publicado pelo I. N. E. As variações que esse índice apresenta são de tal modo reduzidas que se podem considerar sem significado de maior. Ora, essa estabilidade do índice só começou a ser bem vincada a partir do 1.º trimestre de 1950. Até então, o índice mostrou uma certa tendência crescente, tendo em Janeiro desse ano atingido os seus máximos, na rubrica geral com 103,9 e na alimentação com 105,2. Foi também no fim desse trimestre, em Março de 1950, que o índice relativo ás rendas de casa atingiu um dos seus valores mais elevados (105,2) para em Junho se situar já nos 87,5 — valor este que até Outubro de 1955 não mais foi ultrapassado. A oscilação do índice naqueles três meses representa portanto uma baixa de cerca de 16 %, nas rendas de casa de Lisboa. A rapidez desta queda apresenta-se-nos como um fenómeno extraordinário, cuja explicação plausível não sabemos encontrar.

Esta tendência do «índice de preços no consumidor» em Lisboa é um caso singular. Com efeito, nada observamos de paralelo nos índices análogos relativos aos outros países da Europa ocidental e até dos E. U. A. e do Canadá. Através do Boletim de Estatística da O. E. C. E. podemos ver que Portugal é o unico naquele grupo de países em que os índices de preços no consumidor, tanto no seu conjunto como no grupo da alimentação, se mantêm inferiores aos valores atingidos em 1950. Assim, ao passo que para a quase totalidade dos países da O. E. C. E. se verificava uma subida, no 1.º trimestre de 1955, de mais de 20 % em relação a 1950, no nosso país registou-se uma baixa de 3 % no conjunto e de 4% na alimentação. Esta posição excepcional representaria na verdade um privilégio para a nossa população, se efectivamente, traduzisse a realidade dos preços com que o nosso consumidor se debate. Infelizmente não sucede assim, como tudo nos leva a supor. Isso faz-nos sentir, além do mais, a necessidade de que o Instituto Nacional de Estatística encare decidida e objectivamente a revisão do citado índice, por forma que ele possa constituir um real aferidor do nível dos preços efectivamente pagos pelo consumidor e se converta, portanto, num instrumento de análise sério e util, através do qual possamos avaliar a evolução do poder geral de compra da unidade monetária e um conhecimento preciso dos termos da oferta no nosso mercado de bens de consumo.

A Torre de Belém
(Continuação da página central)

cia com o arranjo da própria Praça do Império, concebida por ocasião da Exposição do Mundo Português, mas que não corresponde bem áquele objectivo de valorização dos Jerónimos.

Tudo indica, pois, que os dois arquitectos incumbidos do estudo do problema vão encontrara uma solução mais indicada para o fim que precisamente se tem em vista, dando sobretudo importancia á fachada rendilhada em que está a entrada da igreja criando, em frente, um ambiente tranquilo, sobriamente enquadrado pelos edifícios destinados ao Palácio do Ultramar, Museu do Ultramar e Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, assim simbólicamente reunidos num local que evoca bem o esforço português para se aproximar dos territórios de além-mar e para valorizar essas parcelas distantes da Nação.

Da incumbência agora cometida aos dois arquitectos referidos e dos prazos que lhes foram concedidos para apresentação dos seus trabalhos depreende-se, pois, que se trata de um importante trabalho de remodelação, que implica, sem duvida, a criação e uma nova fisionomia do local. Consequentemente, pensar-se-á na modificação completa da Praça do Império, com a possível eliminação da grandiosa fonte central, que, aliás, pela sua posição, apenas se justificaria como base da fonte luminosa que chegou a ser, por ocasião da Exposição do Mundo Português, mas que, desde que foi retirada a correspondente aparelhagem, constitui pouco mais do que uma parede triste e fria de cantaria.

CASINO ESTORIL
HOJE
A VELADA DO ANO NOVO
com a 2.ª apresentação de
GILBERT BÉCAUD
—o—
Orquestra de **LORENZO GONZALEZ**
e os conjuntos
MÁRIO SIMÕES e OLIVER
BAILE COTILLON—Trajo de noite — (Adultos)
— A IANHÃ —
DIA DE ANO NOVO
de tarde—**«Chá-Dançante»** com **Lorenzo Gonzalez**
á noite—**Jantar Especial** e **GILBERT BÉCAUD**

Livros recebidos

«O Anão», romance do escritor sueco Par Lagerkvist, que em 1951 obteve o Prémio Nobel. Tradução de João Pedro de Andrade (Estudios cor).

Na colecção Dez — da Livraria Clássica Editora: «Dez Exploradores Audazes», do distinto publicista Américo Faria. Entre outros, o autor evoca Marco Polo, capitão James Cook, Henry Stanley, dr. Lacerda e Almeida, Byron de Prorok e René Lassalle.

«A Salvação do Mundo», tragi-comédia em três actos, de José Régio. A peça de uma maneira geral, tem as caracteristicas do teatro simbólico daquele autor. *(Inquérito)*.

De Noel de Arriaga: «O Menino de Chocolate», é uma História de Automóveis», contos para crianças. (Livraria Clássica Editora).

O fasciculo XXII, de «O engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha», de Cervantes, uma notável tradução de Aquilino Ribeiro.

«Freixo de Numão», elementos etnográficos, num valioso estudo, de J. A. Pinto Ferreira, com numerosa documentação fotográfica.

Da Colecção Peninsular — «O Inferno de Carlos Seron», do brilhante romancista espanhol Ildefonso Manuel Gil. O livro, traduzido por Berta Castel Branco, obteve o «Prémio Internacional do Primeiro Romance de 1950».

«A Paleta e o Mundo», fasciculo VII, de Mário Dionisio, com reproduções de várias obras de arte. *(Publicações Europa América)*.

«Ao serviço da Igreja e de Portugal», de D. Fernando Cento, nuncio apostólico em Lisboa. *(União Gráfica)*.

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª LTD.
1895 60 ANOS AO SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO CIVIL, DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA, VENDENDO AOS MELHORES PREÇOS E CONDIÇÕES : **1955**
MADEIRAS
FERRO E OUTROS METAIS
FERRAGENS E FERRAMENTAS
DROGAS E TINTAS
CAL E PEDRA
E
TODOS OS MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES
C. Marquês de Abrantes, 42 a 52
Avenida 24 de Julho, 126
Rua do Rio Seco, 33
Casal do Alvito, em Alcântara
Agência : **Rua do Almada, 243 a 253 — PORTO**
Sucursal e armazém de ferro : **Avenida Patrão Lopes, 22**
PAÇO DE ARCOS

DESPORTOS

COMPLETANDO A 12.ª JORNADA

Os dois jogos de amanhã

devem decorrer com interesse

e dentro das boas normas desportivas

Com a realização de dois jogos em atraso — devido á campanha internacional do Médio Oriente e ao Dia de Natal — completa-se amanhã a 12.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão. Por sinal, o adiamento dos dois encontros que amanhã se disputam, um no estádio das Antas e outro no campo dos Arcos, provocou grande celeuma. No fundo a paixão do futebol e os interesses do campeonato é que provocaram, tão vivamente, a agitação. Mas, apesar disso, prevê-se que o desafio Porto-Sporting decorra com desportivismo, ganhe quem ganhar, já que o adiamento do jogo de Setubal não provocou qualquer reacção.

Trata-se de duas partidas aguardadas com o maior interesse, pois nelas intervêm o 1.º e 2. classificados, sendo também uma prova definitiva, quanto ao título, para o Sporting.

A lotação do estádio das Antas acha-se completamente esgotada, e os dirigentes do clube portuense tomaram providências cautelares para que o desenvolvimento do jogo não seja afectado por acontecimentos que se verifiquem fora do terreno.

A linha provável do Futebol Clube do Porto é a seguinte:

Pinho; Virgílio, Arcanjo e Osvaldo; Pedroto e Monteiro da Costa; Hernani, Gastão, Jaburú, Perdigão e José Maria.

Quer dizer, embora haja duvidas quanto á inclusão de Perdigão, trata-se da formação que se tem imposto, dentro e fora das Antas, praticando bom futebol.

Quanto ao Sporting, há duvidas quanto ao alinhamento. Estão convocados os seguintes jogadores, que hoje seguem de comboio para o Porto regressando amanhã a Lisboa, após o encontro:

Carlos Gomes, Juan Santos, Passos, Juca, Galaz, Walter, Galileu, Pacheco, Quim, Joaquim José, Travaços, Martins, Rocha e Vasques.

Crê-se duvidosa a inclusão de Travaços, pois o conhecido internacional ainda está ressentido duma distensão.

Não se pode prever o resultado do jogo com inteira certeza — esta jamais existe em matéria de futebol — mesmo por não haver entre os dois grupos uma diferença de valor tão sensível que permita estabelecer o vencedor, com segurança. Em todo o caso, pode adiantar-se que a equipa do Futebol Clube do Porto, a avaliar pelas provas prestadas, é aquela que se encontra em melhores condições, devendo dar-se-lhe o favoritismo. O seu conjunto, sem duvida, está mais afinado. Mas o Sporting dispõe de jogadores de qualidade — capazes de suprirem deficiências colectivas. E' isso que dá ao desafio muito interesse, além do empenho com que ambos os grupos se vão empregar, pois o F. C. Porto desejará conservar o seu avanço, e o Sporting sente que uma derrota será afastar-se demasiadamente do caminho do título.

Em Setubal, a partida Vitória-Benfica também desperta viva curiosidade, sendo um problema mais importante para os benfiquenses do que para o seu adversário.

Anunciam-se as seguintes linhas como as mais prováveis:

SETUBAL: Baptista; Jacinto, Graça, Orlando; Vaz e Hilário; Soares, Casaca, Fernandes, Miguel e Inácio. Ao que parece, Fernandes já se encontra em condições de alinhar.

BENFICA: Costa Pereira; Monteiro, Artur e Angelo, Caiado e Alfredo; Palmeiro, Salvador, Águas, Coluna e Cavem.

O Benfica escolheu o que considera o seu melhor team, *devendo este interregno ter feito bem a algumas das suas unidades.*

Apesar do Benfica, com uma organização excelente de quadro, estar na linha do triunfo, deve lembrar-se que os Setubalenses já traçaram uma excelente trajectória, com altos e baixos, menos regular que a do seu adversário. Problema difícil que se põe aos dois grupos, o seu desfecho depende da maior ou menor inspiração de cada um deles. O ataque de Setubal é muito dextro, e a defesa do Benfica bem organizada.

Em suma, apresenta-se em Setubal uma partida de grande atractivo técnico, em que qualquer dos contendores poderá levar a melhor, ainda que a equipa benfiquense tenha uma organização mais perfeita.

O Belenenses e o Atlético

Jogam amanhã contra o Lusitano e Torriense

Lisboa não ficará privada de futebol, entre equipas de primeiro plano, no primeiro dia do ano de 1956.

O Belenenses e o Atlético, forçados a um descanso para acerto da marcha do Campeonato Nacional não quiseram prolongar a sua inactividade de duas semanas e, para tanto, concertaram encontros com outras equipas da 1.ª Divisão Nacional.

Assim, o Belenenses receberá o Lusitano de Evora, para disputa da taça «José Félix de Mira», instituida em homenagem ao governador civil de Evora. O despique tem inegáveis condições de agrado, dado que nas duas equipas figuram jogadores de boas qualidades. A melhoria ultimamente revelada pelos eborenses valoriza o encontro.

Na Tapadinha, o Atlético joga com o Torriense. As duas equipas são capazes de fornecer um bom desafio. Os lisboetas não deixarão de querer «quebrar o encanto» dos torrienses, que ainda não perderam em Lisboa, desde que ingressaram na 1.ª Divisão; o Torriense, por seu turno, não deixará de dar tudo para não perder esse encanto.

Outras provas de amanhã

FUTEBOL (A. F. L.)

A actividade da A. F. L. volta amanhã ao seu curso normal, com todas as competições em marcha, embora em duas delas — campeonato da 3.ª Divisão e campeonato de juniores da 2.ª Divisão — alguns clubes suspendam a actividade para depois não vir a verificar-se atraso das séries que englobam maior numero de clubes.

O programa é, mesmo assim, vasto, como poderá verificar-se:

Campeonato da 1.ª Divisão — Alverca-Futebol Benfica e Alhandra-Sacavenense, ás 13 e 15 horas, respectivamente, em Alverca e Alhandra; Povoense-Casa Pia A. C., na Póvoa de Santa Iria; Palmense-Operário Vilafranquense, em Palma de Baixo; e Águia-Operário, em Vila Franca de Xira, os três ás 13 e 30 e 15 e 30.

Campeonato da 2.ª Divisão—Santa Iria-Estrela Amadora e Amoreiras-Vitória, em Santa Iria e Moscavide, ambos ás 15 horas; União Sintrense-Cascalheira e Fanhões e Benfica-Castelo, em Sintra e Fanhões, os dois ás 15 e 30.

Campeonato da 3.ª Divisão—Bairro de Inglaterra-Desportivo Operário e C. P.-Paço de Arcos, em Marvila — C. P., ás 13 e 30 e 15 e 30 horas e Oeiras-Carcavelos, em Carcavelos, ás 15.

Campeonato de juniores—1.ª Divisão — Atlético-Vialonga, na Tapadinha; Sporting-Belenenses, no campo «Pina Manique», ambos ás 10 e 30 horas.

Campeonato de juniores—2.ª Divisão — F. C. Lisboa-Camarate e Desportivo dos Olivais-S. L. Olivais, em Moscavide, ás 9 e 30 e 11 horas; Estrela da Amadora-Futebol Benfica e Vitória Jardim-Cacém, na Amadora, ás 10 e 11 e 30; Carcavelos-Parede e Queluz-Arroios, em Carcavelos e Queluz os dois ás 10 e 30; Rio de Janeiro-Algés e Santa Catarina-Oeiras, ambos ás 11, respectivamente, em Algés de Cima (por troca) e Campolide (Aliança); e Onze-Desportivo Operário, em Palma de Baixo, ás 11 e 15.

Taça «Ricardo Ornellas» (Reservas) — Estoril-Oriental, na Amoreira, ás 13 horas.

Taça «Dr. Augusto da Fonseca Junior» (Aspirantes) — 1.º de Dezembro-Oriental em Sintra, ás 10 e 30 horas; Belenenses-Cascalheira, Sporting-Vitória e Casa Pia A. C.-Oeiras todos ás 13, respectivamente, nas Salésias, em Benfica («Francisco Lázaro») e no campo «Pina Manique».

HANDEBOL

O campeonato de Lisboa (Divisão de Honra) prossegue amanhã, com os seguintes encontros: Glória-Oriental, em Palma de Baixo, ás 9 e 10 e 15 horas; Alverca-Almada, em Alverca, ás 9 e 30 e 10 e 15, Sporting-Benfica, ás 9 e 30 e 11, em Benfica («Francisco Lazaro»); e Liberdade (Mutela)-Belenenses, na Cova da Piedade, ás 10 e 11 e 30.

HOQUEI EM CAMPO

O «Torneio de Abertura» promovido pela Associação de Hóquei em Campo de Lisboa prossegue amanhã com dois encontros: Atlético-Oriental, no Campo Grande, ás 9 horas; C. F. Benfica-S. L. Benfica, no campo «Francisco Lazaro», ás 15 e 30 horas. O desafio Ateneu Comercial-Hóquei C. P. foi adiado.

TIRO AOS POMBOS

No stand do Clube Português de Tiro a Chumbo, no Lumiar, disputam-se amanhã, a partir das 11 horas, quatro provas de tiro aos pombos, dotadas com as taças «Grupo dos 9», «Maria Teresa», «Prof. Xico» e «Abrigada».

AUTOMOBILISMO

O 2.º «Rallye» do «Fim do Ano» animará amanhã a linda cidade da Figueira da Foz. Ás 14 horas disputar-se-ão as provas complementares de pericia e manobrabilidade (esta de lançamento). E ás 21 horas no Grande Hotel, relizar-se-á um jantar á americana, para distribuição de prémios.

Começa hoje

o «Rallye» de Fim do Ano à Figueira da Foz

Esta competição, sem duvida uma das maiores, senão a maior do ano de 1955, vai fechar com chave de ouro, hoje e amanhã, o automobilismo de competição.

O entusiasmo que esta parada automobilista vem despertando justifica as inscrições feitas em Lisboa, Porto e Figueira da Foz e nas restantes 13 cidades da Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, Estremadura e Alto Alentejo.

As provas complementares devem revestir-se de grande emoção.

A organização do «Rallye» de Fim do Ano á Figueira da Foz» põe em disputa mais de 100 taças e outros prémios, e, se juntarmos a este numero cerca de 60 do «Critério dos Rallyes», da organização do Clube Arte e Sport, de Lisboa, cujas classificações se vão decidir no «Rallye» da Figueira, teremos um numero de trofeus nunca igualado em qualquer prova desportiva no nosso País.

Os corredores cuja inscrição se aproxima de 100 principiam a chegar ás 18 horas de hoje, e depois de todos terem chegado, procede-se á primeira prova que se realiza, á noite, na Avenida Dr. Oliveira Salazar.

CASAMENTO

50 ESCUDOS POR PESSOA. Jantar, incluindo vinhos, branco, tinto, espumante. Porto e «kup» Temos salão próprio, sem aumento de preço Pastelaria S. João, Ld.ª — Avenida Paris 5-A—Telef 725600

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Tranquilidade relativa

para os guias da classificação

nas duas zonas Norte e Sul

Depois da interrupção motivada pela quadra festiva do Natal, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão retoma amanhã o seu curso, com os encontros correspondentes á 17.ª jornada. Crê-se que não haverá outra interrupção e que as dez jornadas que faltam para conclusão da primeira fase da prova serão vencidas com a maior regularidade, agorá que não há encontros em atraso.

O programa da Zona Norte é o seguinte:

Boavista-Peniche (2-0)
V. Guimarães-Espinho (3-4)
Salgueiros-Leixões (0-5)
Gil Vicente- Chaves (0-4)
U. Coimbra-«Leões» (0-1)
Académica-Vianense (2-6)
Sanjoanense-Tirsense (3-1)

Entre parentesis indicam-se os resultados da 1.ª volta. A maioria das equipas que amanhã são visitadas aguardam confiadamente a possibilidade de se desforrarem — sinal de que a correspondente «ronda» da 1.ª volta foi largamente favorável aos grupos visitados.

Os encontros mais importantes são—disso não podem restar duvidas—o Vitória de Guimarães-Espinho e o Salgueiros-Leixões, mormente o ultimo. Nos dois despiques figuram equipas da frente da classificação, alimentando fundadas esperanças de se qualificarem para a 2.ª fase da prova. Cremos que os Vimaranenses e os «encarnados» portuenses alcançarão desforras, ainda que aos ultimos não seja muito fácil anular a diferença de golos.

O Boavista, desejoso de se reabilitar do desaire sofrido no domingo em Santo Tirso, não deixará de confirmar a superioridade revelada no jogo da 1.ª volta.

Os desafios de Barcelos, Coimbra e São João da Madeira são susceptíveis de fornecer lutas equilibradas, o que não implica pôr-se de lado a ideia de que os grupos locais sairão vencedores.

A Sanjoanense, ao receber a visita do Tirsense não tem tarefa fácil, para mais que os visitantes deverão estar confiantes nas suas possibilidades...

No grupo Sul, os desafios de amanhã são os seguintes:

Estoril-Elvas (3-1)
Olivais-Arroios (2-3)
Desp. Beja-Oriental (0-2)
Portimonense-Coruchense, (0-1)
Olhanense-Portalegrense (3-5)
Juventude-Montijo (5-0)
U. Montemor-Farense (2-2)

As quatro equipas de Lisboa jogam em três campos, podendo, mais, considerar-se que só o Oriental jogará fora do seu meio.

O Estoril recebe o Elvas e, naturalmente, deve repetir o triunfo da 4.ª jornada. Outro desfecho que não seja uma vitória, poderá comprometer as aspirações dos Estorilistas e estes sabem bem que é assim, o que os levará a uma aplicação constante.

O Elvas e o Arroios deverão, novamente, fornecer um despique animado e sem grande desnível de forças. O resultado não é de fácil previsão, embora se julgue que não haverá acentuada diferença de golos.

O Oriental vai de abalada até Beja, afigurando-se-nos muito capaz de vencer a dificuldade da deslocação. Os Bejenses não têm revelado ultimamente uma capacidade tão grande, que faça admitir um desaire para os Lisboetas.

Do Juventude, mesmo considerando que é visitado, não se poderá esperar que volte a vincar tão claramente superioridade sobre os Montijenses. E crível que os Eborenses triunfem, mas se assim suceder os visitantes não deixarão de vender cara a derrota.

Finalmente, o União de Montemor-Farense. Pressente-se um jogo equilibrado, com as duas equipas empenhadas em desfazerem, a seu favor, as duvidas suscitadas pelo empate registado no jogo da 1.ª volta. E porque não pensar em novo empate?

O Portimonense recebe a visita do Coruchense. A perspectiva é a de um bom desafio em que o visitante terá grandes dificuldades para confirmar o exito da primeira volta. Inclinamo-nos por um empate.

O desafio Olhanense-Portalegrense deve fornecer ensejo aos Algarvios para uma desforra, o que não quer dizer que os Alentejanos não possam confirmar o resultado de há 13 jornadas. O desafio promete decorrer com agrado.

3.465 contos

de donativos distribuidos pela Companhia dos Diamantes

Ainda recentemente tivemos ocasião de registar uma invulgar acção benemerente da Companhia de Diamantes de Angola — o importante donativo de vinte mil escudos, destinado á nossa protegida Maria do Rosário—e já nos surge novamente o ensejo de, com muita satisfação, referirmos nova actividade, do mesmo género, daquela importante entidade.

Notícias chegadas de Luanda informam-nos de que ascendem a 2.660 contos os donativos de Natal oferecidos por aquela Companhia a instituições de utilidade publica existentes em toda a província de Angola. Somando a esta importancia outros donativos já concedidos durante este ano, obtem-se esta cifra: 3.100 contos, só para Angola. E juntando-lhe auxílios monetários feitos na Metrópole, verifica-se que a Companhia distribuiu, em 1955, donativos que atingiram a elevada quantia de 3.465 contos.

Nunca é demais apontar exemplos como este — infelizmente tão raros — áquelas entidades que, obtendo lucros fabulosos, bem podiam contribuir para a relativa felicidade de numerosos desprotegidos da sorte, ou, pelo menos, minorar as suas desgraças!

Uma nova poesia

No artigo que ontem publicámos do nosso colaborador sr. Correia da Costa, «Perspectivas de uma nova poesia», saiu errado, por erro de composição, o nome de um dos poetas citados, o do dr. José Gomes Ferreira.

Sporting Clube de Portugal

ESTÁDIO DO LUMIAR

Recebem-se na Secretaria do Clube, Rua do Passadiço, 86, até ás 19 horas do dia 16 de Janeiro de 1956, propostas para a exploração de publicidade fixa, móvel e sonora no novo Estádio do Sporting Club de Portugal.

Das respectivas propostas deverá constar o plano de publicidade para ser sujeito á apreciação dos técnicos, autores do projecto do Estádio.

Na Secretaria durante as horas de expediente, prestam-se informações e fornecem-se elementos de estudo para as propostas.

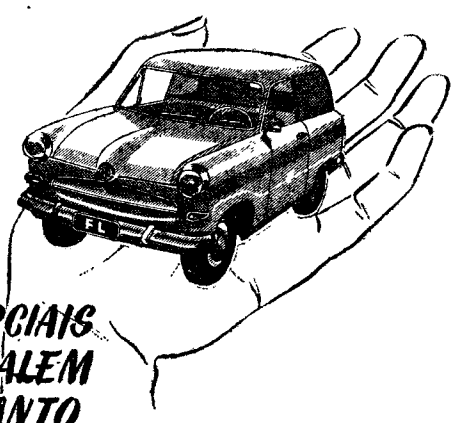
Sporting Clube de Portugal

ESTÁDIO DO LUMIAR

Recebem-se na Secretaria do Clube, Rua do Passadiço, 86, até ás 19 horas do dia 16 de Janeiro de 1956, propostas para a exploração do aluguer de almofadas, a partir de Junho de 1956.

Na Secretaria, durante as horas do expediente, prestam-se informações e fornecem-se elementos de estudo para as propostas.

FK 1000

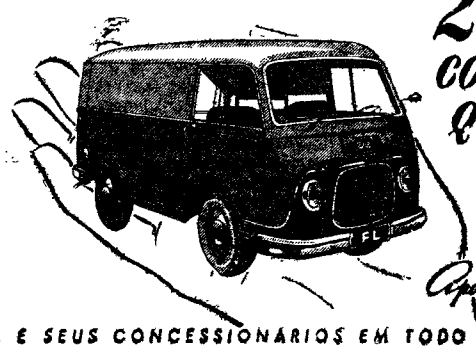


MEIA TONELADA DE CARGA E/OU 4 A 5 PASSAGEIROS

- MOTOR DE 1,5 LTS. 4 CIL. VÁLVULAS À CABEÇA 60 H. P. (S. A. E.).
- CAIXA DE 4 VELOCIDADES.
- ACABAMENTO IMPECÁVEL.
- PODER DE SUBIDA EXCEPCIONAL.
- MÁXIMA ECONOMIA.
- CONFORTÁVEL.

UMA TONELADA DE CARGA E/OU 9 A 11 PASSAGEIROS

- MOTOR DE 1,5 LTS. 4 CIL. VÁLVULAS À CABEÇA 60 H. P. (S. A. E.).
- CAIXA DE 4 VELOCIDADES.
- FÁCIL ACESSO PARA CARGA E DESCARGA.
- PORTA LATERAL À OPÇÃO.
- ALTA VELOCIDADE DE CRUZEIRO.
- GRANDE VISIBILIDADE.



2 COMERCIAIS QUE VALEM QUANTO PESAM...

Apoiados pelo Serviço Ford

TAUNUS

FORD LUSITANA E SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

Sporting Clube de Portugal

ESTÁDIO DO LUMIAR

Recebem-se na Secretaria do Clube, Rua do Passadiço, 86, até ás 19 horas, do dia 16 de Janeiro de 1956, propostas para a exploração, a partir de Junho de 1956, dos bares e restaurante, do novo Estádio do Sporting Club de Portugal. As propostas deverão englobar todo o fornecimento de mobiliário e do equipamento indispensável.

Na Secretaria, durante as horas de expediente, prestam-se informações e fornecem-se elementos de estudo para as propostas.

Ministério da Economia

COMISSÃO REGULADORA DOS PRODUTOS QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS

REGIME DE VENDA DE ADUBOS NA CAMPANHA DE 1955/56

Faz-se publico que, por determinação superior, se mantêm para o periodo de 1 DE JANEIRO DE 1956 ATE' 31 DE JULHO DO MESMO ANO, os preços-base de venda á lavoura dos adubos químicos, bem como os bónus que vigoraram até 31 de Dezembro de 1955, constantes da tabela publicada neste jornal no dia 31 de Julho ultimo.

Dá-se ainda conhecimento de que o regime de venda, a importancia correspondente a transporte, manutenções e encerados, e o lucro máximo admitido aos revendedores são os mencionados no citado anuncio.

O PRESIDENTE

(a) *Francisco Tavares de Almeida*

Sporting Clube de Portugal

ESTÁDIO DO LUMIAR

Recebem-se na Secretaria — Rua do Passadiço 86 — até ás 19 horas do dia 16 de Janeiro de 1956, propostas para a instalação de 2 elevadores. As propostas deverão englobar toda a mão-de-obra, fornecimentos, colocação e acabamentos de todas as peças, maquinaria e acessórios, em condições de os elevadores estarem prontos a funcionar no dia 31 de Maio de 1956.

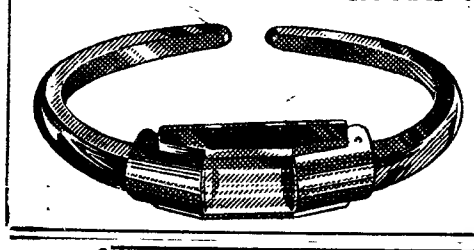
Na Secretaria, durante as horas de expediente, prestam-se informações e fornecem-se elementos de estudo para as propostas.

A DIRECÇÃO

Joaquim António Rosa

Rua dos Fanqueiros, 262, 4.º, frente, Telef. 28833 — LISBOA

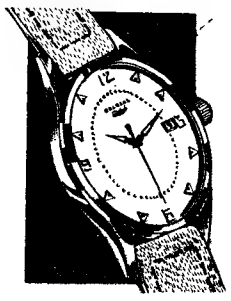
FABRICANTE DE CAIXAS PARA RELÓGIOS



em todos os géneros

deseja muito Boas Festas e Novo Ano próspero a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes.

A FÁBRICA DE RELÓGIOS **«HELOISA WATCH»**, LENGNAU, SUISSE, APRESENTA VOTOS DE UM NOVO ANO MUITO PRÓSPERO, A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS POR INTERMÉDIO DO SEU REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL,



David Jankel Kolinski

Rua da Assunção, 42-3.º, sala 21—Tel. 32929

LISBOA

Fume com boquilha Sprint

Elegante, eficaz e de grande duração.

A BOQUILHA SPRINT é inquebrável, toda desmontável para limpeza e com prático injector.

A' venda nas boas Tabacarias.

Representante

CASA CAIÓS

Rua Chã, 111 — Porto

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

ELECTRIFICAÇÃO

das linhas férreas

Conforme tem sido anunciado ao Publico, vai proceder-se á electrificação de algumas linhas férreas do País, devendo alguns troços ser inaugurados por ocasião do Centenário do inicio dos caminhos de ferro em Portugal que terá lugar no final de 1956.

O prosseguimento dos trabalhos até agora efectuados obriga a alterações na circulação de alguns comboios nos troços a electrificar, o que se procurará fazer com o menor atraso e inconvenientes para o Publico.

Assim, a partir do dia 2 de Janeiro de 1956 os comboios circulam em via unica entre a Amadora e Queluz, em curtos períodos, o mesmo sucedendo entre Póvoa e Alverca a partir do dia 3 do referido mês.

Depois destas alterações outras se seguirão á medida que os trabalhos da electrificação forem avançando.

+

Virginia Ferreira Duarte

FALECEU

Benjamim António Duarte, seus filhos, nóras, genros, netos, cunhada e mais familia, participam o seu falecimento, e que o seu funeral se realiza amanhã, 1 de Janeiro, pelas 15 horas, da Igreja de St.º António de Campolide, para o cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA SALGADO

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

NOITE DE S. SILVESTRE

Condensação do conto de **Georges Sarkozi**

(Escritor hungaro, nascido em 1896, de uma grande força poética e emotiva)

DESDE o Natal que a paz reinava entre os Mihalovics. Qualquer calor nascera nos seus corações, naquela noite, uma afeição reciproca os unia perante a vida falhada. E tudo aquilo nascia nas sombras daqueles quartos sem ar nem luz, virados sobre o pátio, onde o sol, por engano, penetrava ás vezes, para logo pedir desculpa, retirando-se. Não, eles não tinham recordações agradáveis, do seu passado vinham odores desagradáveis de resíduos deixados para sempre no caixote, á porta da rua. Por isso, nos seus lábios, eram mais raros os sorrisos do que as palavras brutais, desagradáveis, neles espécie de vingança contra a sorte adversa. Fora sempre assim. Todavia, naquela noite, sózinhos e esquecidos do Mundo naquele quarto escuro, silencioso, sem árvore de Natal nem vozes de criança, tinham reconhecido que não havia no Mundo uma unica pessoa que os lembrasse, que os estimasse, que se preocupasse com a sua morte ou a sua vida. A sorte havia-os atirado um contra o outro, só a mão de um podia acariciar a mão do outro, só eles se perguntavam o que lhes havia acontecido, quantas vezes, com ou sem compaixão. Tinham-se visto, sim, naquela noite, como dois mendigos cegos á beira de um abismo. E se um deles rolasse, só o outro podia deitar-lhe a mão...

Isto fez nascer neles, de repente, um espantoso sentido de solidariedade: puseram a gastar em meiguices, o tempo que era hábito gastarem em ímpetos de mau humor. E assim estavam ali, em noite de S. Silvestre, a jantar numa atmosfera tranquila, sobre a mesa cambada, coberta por uma toalha branca. Comiam leitão assado, sem olhar ás nódoas de gordura que caíam sobre a toalha, nem as manchas vermelhas deixadas pelo vinho. Porque havia vinho numa garrafa grande, com ele regavam, no estomago, a pele corada e gordurosa do leitão.

— Comamos e bebamos. Ninguém sabe se amanhã seremos vivos—Dizia Mihalovics.

A mulher pintara e retocara, para esta noite, o rosto corroído pelas drogas de beleza, sorrindo com ar mundano. De vez em quando, soltava risinhos e percebia-se que chegava a imaginar-se em algum restaurante da moda. Ainda não tinha acabado o jantar, quando sentiram bater timidamente á porta da cozinha.

— Será algum pobre? — disse Mihalovics, aborrecido porque nem em noite de S. Silvestre podia estar sossegado.

A mulher ergueu-se, aborrecida, abriu a porta, perguntou a quem estava o que desejava e ouviu o tom choroso do mendigo:

— Estou desempregado... Sou um refugiado das zonas anexadas... passei quatro anos na frente de batalha... meu pai era director... tenho o curso dos liceus...

Mihalovics, que lá do fundo do quarto ouvira a cantilena, trovejou:

— Também nós somos pobres! Vá pedir á porta dos burgueses!

A mulher, como num eco, mais dócil, repetia, a preparar-se para fechar a porta:

— Também somos pobres...

O homenzinho, porém, mantinha-se firme:

— Estudei... não me deixe morrer de fome... Por duas vezes tentei a morte mas Deus não quis... Tenha pena, aceito o que me quiser dar...

Mihalovics veio de dentro para pôr ponto final na cena:

— Nem ao menos posso jantar sossegado? Isto são horas de pedir? Provávelmente, queria dinheiro para aguardente, não?

O mendigo guardou silêncio e ficou onde estava. E Mihalovics empurrou-o ligeiramente, com os dedos, o homem oscilou e, da algibeira do sobretudo saiu a cabecita de um podengo, com um rosnar abafado. Ao ver o cãozito, os olhos duros de Mihalovics suavizaram-se. E disse para a mulher, infantilmente:

— Tem um cão na algibeira!

O mendigo, com a mesma tristeza, puxou do cãozito e pô-lo no chão. O animal, intimidado, ficou no meio dá cozinha; depois, pôs-se a agitar a cauda e as orelhas.

— Como é engraçado! — disse Mihalovics, bem disposto — e voltando-se para a mulher. — Dá-lhe um bocado do leitão que ficou no meu prato...

Noutra ocasião, a mulher teria já posto o cão e o dono na rua. Mas, agora, não, era diferente. Foi buscar os restos da carne. O cão agitou-se e latiu alegremente, o homem dilatou as narinas e os olhos. Soltou um pequeno grito animal que comoveu a mulher. E dizia:

—Tenho o curso do liceu, desculpe... não me deixem morrer de fome, e depois, na noite de hoje...

A sr.ª Mihalovics ia a entregar-lhe o prato mas o marido empurrou-a brutalmente. Apertou o pedaço de carne entre os dedos e divertiu-se a ver o cão saltar na sua frente. Por fim, o animal venceu e foi comer para o canto da cozinha. A graça que Mihalovics achava áquilo tudo... Perguntou ao mendigo que de cabeça baixa e carrancudo esperava o fim da cena:

— Quer vender-me este cão?... Dou-lhe cinco «pengos»... não?... Bom... dou-lhe sete...

—O outro fitava-o melancólico e acenava: não.

— Dez «pengos»!...

A mulher gritou.

— Estás doido? Tens assim tanto dinheiro para atirares pela janela fora?

— Cala-te! — interrompeu-a o marido, autoritáriamente, a agitar uma nota diante do mendigo. Mas o mendigo de olhos e nariz dilatados, como acontecera, diante do prato da carne, dizia que não... não...

— Prefere morrer de fome e matar o cão? Tratamo-lo como um principe... Ou quer mais?

— Não... não... — teimava o mendigo.

Depois, pegou no animalzito e voltou a metê-lo na algibeira. Mihalovics fez o gesto de lho arrancar. Nos seus olhos passou uma luz de impotência desesperada. O mendigo ficou suspenso um instante. Deveria esperar que lhe dessem alguma coisa?

Mas Mihalovics gritou-lhe, arrebatado:

— Vá para o inferno!

Empurrou-o violentamente, fechou a porta e deu a volta á chave. Por muito tempo ainda, ficou ás voltas no quarto lugubre. A mulher tentou consolá-lo: afinal, para que havia ele de querer aquele cão tinhoso?

Mas ele gritou-lhe, desesperado, como nas piores horas, anteriores ao ultimo Natal:

— Cala-te! Não te metas na minha vida!

Depois, bebeu alguns copos de vinho, alegrou-se e caiu no extremo oposto. Abraçou a mulher, cantou e esboçou alguns passos de dança.

Em vão a mulher tentava ler na alma enevoada do marido. O seu cérebro estava também comovido. E á sua volta tudo era, igualmente enevoado. Os dois, ali isolados na névoa, pareciam dois ídolos horríveis: petrificados como estátuas de rosto torturado pela dor sem remédio...

Maria do Rosário
e a solidariedade dos nossos leitores

Todos os dias nos chegam novos testemunhos de estima e compreensão de leitores, pela jovem Maria do Rosário que há um ano, na sua terra, a linda vila vidreira que é a Marinha Grande, foi vitima da sua abnegada boa vontade, quando evitou que o fogo vitimasse duas meninas, suas vizinhas. A juntar a outros donativos, alguns deles do maior significado — como o internamento que lhe é oferecido pelo Hospital de Jesus, na altura em que for operada, e a oferta de 20 mil escudos, por parte da Companhia de Diamantes de Angola — há, a juntar, outros presentes, enviados pelos nossos leitores. Assim, enquanto não nos é possivel registar, com pormenor, a oferta do produto de um espectáculo teatral, damos hoje mais os seguintes donativos: Transporte, 34.781$80; de Joaquim Lopes de Neta, 50$00; de Alvaro Gameiro, por intermédio do «Jornal de Sintra», 40$00; de F. H. P., 20$00; de G. V., 50$00; de Juvêncio Ferreira, 100$00; e de um grupo de tipógrafos e do pessoal da cantina do «Diário de Noticias», 126$00.

A transportar, 35.167$80.

DIRECÇÃO-GERAL
dos Desportos

O sr. coronel Sacramento Monteiro, director-geral dos Desportos, embora se encontre em gozo de licença graciosa, tem comparecido no seu gabinete do Ministério da Educação Nacional para acompanhar vários assuntos, em especial, o caso referente á direcção do Futebol Clube do Porto.

ENTROU NO TEJO
um navio holandês que se supunha perdido

O navio de cabotagem holandês «Appingedam», que se supunha perdido na viagem de Rotterdam para Lisboa, entrou hoje na barra e atracou ás 15 horas no cais de Santos.

Não foi assassinado
o homem que apareceu morto em Tábua

TABUA, 31 — Têm continuado as diligências no sentido de se averiguar as causas exactas da morte de Manuel Rodrigues Simões, de Candosa, deste concelho, chegando-se á conclusão de que a família apenas ocultou a sua morte por motivos que é inutil relatar.

As conclusões da autópsia foram as seguintes: As condições da autópsia não permitiram aos peritos drs. A. Costa Junior e Francisco Cruces concluir seguramente se a morte resultou de suicídio ou homicídio, isto é, enforcamento ou estrangulamento.

A viuva e os filhos que estavam presos, foram postos em liberdade, estando posta de parte a hipótese de ter havido crime. Continuam, no entanto, as investigações.

Prémio Valle Flor

Na cerimónia da entrega do Prémio Valle Flor não era o sr. Guy de Valle Flor Brito Chaves o unico representante da família Valle Flor. Estava também presente a unica filha que existe dos srs. marqueses de Valle Flor e seu marido, a sr.ª condessa e o sr. conde Josselin Costa de Beaureqard; e o sr. Carlos Alberto Telles de Freitas, marido da sr.ª D. Maria Clotilde de Valle Flor Brito Chaves Telles de Freitas, que não pôde comparecer por se encontrar doente.

A ESCOLA ALEMÃ
abriu sucursal no Estoril

A Escola Alemã, que tem a sua sede em Lisboa, inaugurou, no Estoril, uma sucursal que esta manhã foi visitada pelos representantes da Imprensa, a convite da sr.ª baronesa von Huenn, do conselho administrativo. Trata-se de uma moradia, excelentemente montada para cumprir os seus fins pedagógicos. Tem capacidade para 200 alunos externos de ambos os sexos e compreenderá, além de «kindergarten», ensino primário em português e alemão, mas sómente da 1.ª e 2.ª classes.

Pequenas notícias

ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, o grande pioneiro da Aviação Comercial, comandante José Cabral, fará uma palestra cujo interesse é desnecessário acentuar, intitulada: «O progresso da Aviação Comercial nos ultimos anos».

BRINDES E CALENDÁRIOS

Recebemos calendários para 1956: da Companhia de Seguros Soberana, de Lisboa; e de Alfredo Alves & C.ª (Filhos), e Fábricas Vulcano e Colares, de Lisboa e do Porto.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje e amanhã, a partir das 22 horas, realizam-se bailes, na sede da Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua Alves Correia, 86, 1.º andar.

Amanhã, á tarde, haverá festas: na Casa do Alentejo, na Rua Eugénio dos Santos, com os «Smith Brothers», a orquestra Copacabana e o acordeonista Mário Simões; na Casa das Beiras, no Largo de S. Domingos; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.º, com a orquestra Paramount; nos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na Rua Camilo Castelo Branco; na Academia 1.º de Setembro de 1867; e no Grupo Desportivo do Calhariz de Benfica.

PELOS HOSPITAIS

DOENÇA SUBITA—Chegou morto ao hospital um homem que aparenta 50 anos e que, ao passar na Calçada do Garcia, foi acometido de doença subita. O cadáver foi transferido para a Morgue.

DESASTRE MORTAL—Na estação de Alcantara-Mar morreu debaixo do comboio um homem cuja identidade se ingora e cujo cadáver foi para a Morgue.

QUEDA GRAVE—Cristina Nazaré, de 69 anos, moradora no Largo do Directório, n.º 13, 4.º, caiu de uma janela para um saguão. O seu estado é grave. Está na sala de observações.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues á P. S. P. (Governo Civil): uma caneta de tinta permanente «Parker», um «soutien», um relógio de pulso para homem, um «edredon», um microfone e uma capa de plástico, duas argolas com chaves, cinco luvas de senhora desirmanadas, uma saca com couves lombardas, uma pulseira de prata, uma luva de homem, um candeeiro de secretária, um colar de pérolas fantasia, dois pares de luvas de homem, uma medalha de ouro, dois tampões de roda de automóvel, uma quantia em dinheiro, uma manga de casaco de senhora, um sapato de malha de criança, um compasso de desenho, um bocado de ferro com dois farolins, uma pulseira fantasia, um porta-chaves de plástico, uma chave de porta, um fio «fantasia», um sapato de criança, de pelica, um par de luvas de senhora e um estojo de anel.

FORAM PRESOS
quando dividiam o dinheiro...

PINHAL NOVO, 31 — Graças ás diligências do comandante do subposto da G. N. R. de Pinhal Novo, sr. José Candeias, foram capturados, no lugar dos Arraiados, desta freguesia, Joaquim Edviges Lobo, ou Joaquim Vicente Lobo, solteiro, de 34 anos, natural e residente em Pedrógão e António de Oliveira, solteiro, de 32 anos, natural e residente no Couço-Coruche, autores do roubo de 10 suínos na Herdade da Torre, junto á Estação de Torre da Gadanha.

A prisão, levada a efeito pelo referido comandante, auxiliado por um civil, verificou-se no momento em que os meliantes, ambos cadastrados, faziam a divisão do dinheiro apurado na venda.

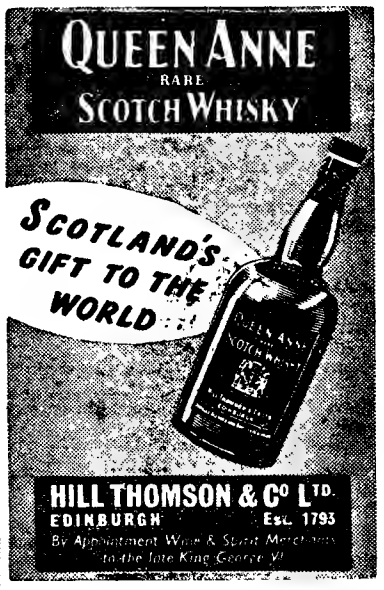
Foram-lhes apreendidos 3.160$00. Depois de confessarem o roubo, foram enviados, com o respectivo processo, para Vendas Novas, a fim de serem ali julgados.

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

Vem a Lisboa
o ministro italiano da Instrução Pública

No dia 9 do corrente, ás 17 horas, é inaugurada, na renovada Casa de Itália, na Rua do Salitre, 146, a sede do Instituto Italiano de Cultura em Portugal. Entre outras entidades, assistirão os professores Paulo Cunha e Francisco Leite Pinto, ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, e o discurso inaugural será pronunciado pelo professor Paolo Rossi, ministro da Instrução Publica da Itália, que propositadamente se deslocará a Lisboa para esse fim.

A ESCOCIA OFERECE AO MUNDO A RAINHA DAS BEBIDAS



Agentes:
José M. de Sousa & Filho, Lda.
Rua Victor Cordon, 15 e 17
Telefone 28974 — Lisboa

Procure no Mundo inteiro...

UM AUTOMÓVEL QUE DÊ **130** KM.
À HORA OFERECENDO-LHE **6** LUGARES
E CONSUMINDO **6** LITROS AOS **100** KM.

UM SÓ EXISTE: **Panhard**

STAND PANHARD — AV. ANT.° AUG.° AGUIAR, 25

Argentina

Os parlamentares processados

por traição à pátria

BUENOS AIRES, 31.—Por decreto do Governo, 66 dos 300 ex-parlamentares peronistas pronunciados por «traição á pátria» não serão processados. O decreto declara, nomeadamente, que aqueles 66 peronistas foram enganados pelo ditador deposto ou manifestaram, por diversas ocasiões, o seu desacordo com as medidas tomadas ou ordenadas por Perón.—(F. P.).

A situação do general Lonardi

BUENOS AIRES, 31.—O general Eduardo Lonardi, antigo presidente do Governo provisório, deposto em 13 de Novembro ultimo, foi promovido, por um decreto do actual Governo, a tenente-general que é o posto mais alto no Exército argentino. O general Lonardi encontra-se actualmente em Washington, em tratamento numa casa de saude. (France Presse).

Dr. Amândio Pinto

No salão nobre do Montepio Geral foi prestada homenagem ao ilustre médico-cirurgião dr. Amandio Pinto, que durante 28 anos foi chefe dos serviços clínicos da prestimosa instituição. Embora organizado sem conhecimento do homenageado, o acto teve numerosa assistência, que ovacionou o sr. dr. Amandio Pinto quando o sr. conselheiro Sousa Carvalho depôs na lapela do ilustre clínico o «Pelicano de Ouro», e o dr. Cruz Barreto disse da saudade que deixa no Montepio. O dr. Amandio Pinto agradeceu a homenagem e explicou que, após 40 anos de actividade, deixa o lugar aos novos.

200 pessoas feridas

na explosão de uma caldeira

RIO DE JANEIRO, 31. — Explodiu uma caldeira numa fábrica de soda caustica, em S. Gonçalo. Estado do Rio de Janeiro, havendo 200 pessoas feridas.

Foram hospitalizados 20 feridos que estão gravemente queimados. Ficaram intoxicados pelas emanações de gás, 12 bombeiros. Muitas pessoas atingidas foram transportadas para clinicas particulares. — (F. P.).

Leiam o jornal humorístico

Sempre fixe

Faleceu em Londres

com 81 anos de idade

o arcebispo de York

LONDRES, 31 — Com 81 anos, faleceu o dr. Cyril Garbett, arcebispo de York, segundo primaz da Igreja anglicana, depois do arcebispo de Cantuária.

O dr. Garbett anunciara que por motivos de saude se reformaria no princípio de 1956. Em Maio, foi submetido a uma grave intervenção cirurgica de que nunca chegou a refazer-se. A noite passada, expirou serenamente, quando dormia. O funeral está marcado para o princípio da semana que vem.

A Igreja da Inglaterra perde com a sua morte uma das suas mais eminentes personalidades. O prelado, que se tornou arcebispo de York em 1942, distinguiu-se pelas suas qualidades de orador. Muito admirado, publicou tratados acerca de diversos problemas sociais e espirituais. Da bomba atómica, afirmou: «A sua posse deixa antever melhores probabilidades de paz». Ao mesmo tempo, tomou violentamente posição contra o comunismo: «O mais perigoso e o mais persistente perigo para o cristianismo provém do marxismo comunista», escreveu num dos seus livros.

O arcebispo de York viajou muito. Durante a ultima guerra, foi de avião a Moscovo levar uma mensagem de amisade e celebrou na catedral de Moscovo uma cerimónia religiosa a favor da vitória dos Aliados. Há dois anos, fez uma grande viagem á volta do Mundo. —(F. P.).

O envio de tanques britânicos para o Egipto

LONDRES, 31 — Acerca do envio de tanques britanicos para o Egipto, por intermédio da Bélgica, o «Daily Herald» publica hoje um editorial intitulado o «Escandalo dos tanques», no qual diz o seguinte: «Quando conheceremos nós a verdade, vindo do nosso próprio Governo, acerca do «desvio» dos execedentes de armas britanicas para o Egipto, Israel e, quem sabe, para outros países? Há assuntos que o Governo deve explicar. A Bélgica diz que a Grã-Bretanha estava informada deste envio de armamento e que há já «algum tempo» que os dois governos estavam em contacto sobre o assunto. Mas esse «algum tempo» quanto tempo representa? Parece que esse armamento transita, há nove meses, pelos portos belgas». E, concluindo, aquele jornal pergunta: «Pode o Governo dizer-nos o que fez durante nove meses e o que vai fazer agora?».—(F. P.).

DE LUTO

D. Virginia Ferreira Duarte

Faleceu a sr.ª D. Virgínia Ferreira Duarte, de 74 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Benjamim António Duarte. O funeral, a cargo da agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 15 horas, da igreja de Santo António de Campolide, para o cemitério dos Prazeres.

D. Margarida Freixo Varão

VILA REAL, 31 — Após prolongada doença, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Margarida Freixo Varão, esposa do sr. major António Fernandes Varão e cunhada do sr. Bonifácio Pereira Alves Martins e tia do sr. Francisco Pereira Freixo, abastados proprietários, residentes na freguesia da Campeã, deste concelho.

Mário de Oliveira Paulo

ABRANTES, 31 — Faleceu repentinamente o estudante da Escola Industrial, Mário José Alves de Oliveira Paulo, de 13 anos, filho do sr. José Rodrigues de Oliveira Paulo e de D. Maria Alves.

O funeral foi muito concorrido e a chave do caixão foi conduzida pelo sr. engenheiro João Clara.

«Brôas» de milho

para os pombos

Comunica-nos o nosso correspondente em Evora, sr. Valentim Alferes, que o sr. José Leal Tojo, proprietário da Agência Tojo, daquela cidade, correspondendo ao apelo da União Zoófila de Lisboa, fez expedir, em nome do «Diário de Lisboa», com destino áquela instituição, um saco com 50 quilos de milho, como «broas» para os pombos lisboetas.

Dez contos roubados

de uma tabuleta de venda de lotaria

A quadra presta-se ás manobras dos larápios. As ruas estão cheias e as gentes andam apressadas. Por isso, todos os dias há senhoras que ficam sem os porta-moedas e homens a quem levam as carteiras.

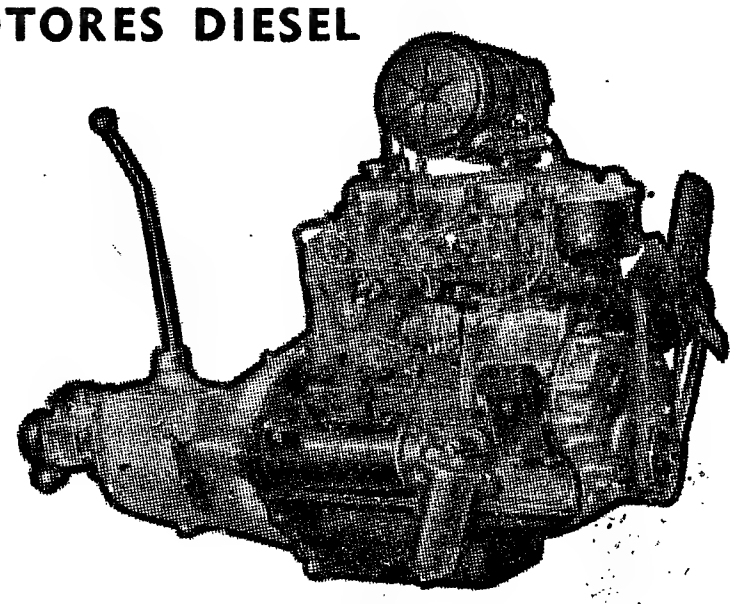
A vítima de ontem, ao fim da tarde, foi porém diferente. Aproveitando o grande movimento e a distracção do dono da «tabuleta de lotaria» da Guia, instalada em Martim Moniz, um larápio roubou dali o cofre portátil que estava sobre um banco, a seu lado. O roubado, Alvaro Santos, residente na Rua Andrade, 37, 2.° E., comunicou o caso á Polícia Judiciária e á Secção de Justiça da P. S. P. esclarecendo que o cofre continha não apenas o produto da venda no dia — dez mil escudos — mas, ainda, cerca de 40 bilhetes para a próxima extracção da lotaria. Entre o jogo roubado, figuravam os bilhetes com os numeros 5013, 5019, 6516, 15519, 15613, 16419, 16713, 16719, 25313, 25319, 28813, 28819, 31013, 31031, 47813, 47819, 65313, 66365, 25316 e 25327.

Morte de 8 operários

sob uma placa de cimento

LIMBURGO, 31. — Desmoronou-se uma placa de betão, que se encontrava a 34 metros de altura num prédio em construção, a qual veio cair em cima de um grupo de 11 operários, oito dos quais morreram. Três estão gravemente feridos. — (F. P.).

AUSTIN
MOTORES DIESEL



POTÊNCIA 55 H. P. / CILINDRADA 2.2 L / COM OU SEM CAIXA DE VELOCIDADES / ROBUSTOS / ISENTOS DE VIBRAÇÕES / SILENCIOSOS / INDICADOS ESPECIALMENTE PARA AUSTINS E AUTOMÓVEIS AMERICANOS

DISTRIBUIDORES GERAIS **J. J. GONÇALVES SUCRS.**

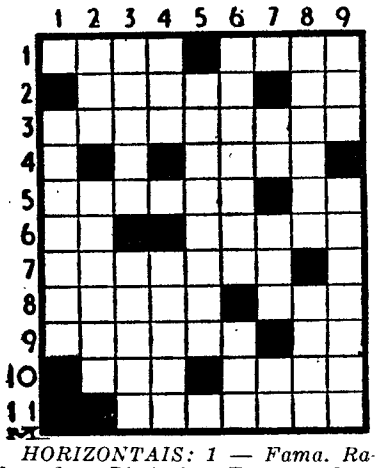
LISBOA // ÉVORA // PORTO // AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 400



HORIZONTAIS: 1 — Fama. Ralem. 2 — Distintivo. Enxerga. 3 — Aceitáveis. 4 — Horóscopo. 5 — Concluido. Graceja. 6 — A ti. Engordar. 7 — Aspiração imoderada. 8 — Correra com grande velocidade. Agora. 9 — Demora. Prefixo de negação. 10 — Prefixo que designa «ar». Invisual. 11 — Bornais.

VERTICAIS: 1 — Arrebatava. 2 — Certa. Longínqua. 3 — Bom-senso. Botequins. 4 — Argola. Encolerizara. 5 — Puras. 6 — Suave. Escavado. 7 — Prefixo que designa modo, movimento para dentro, etc. Filtro. Artigo antigo. 8 — Atenderа. Capital da Letónia. 9 — Espaço de tempo. Emparelhas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 399

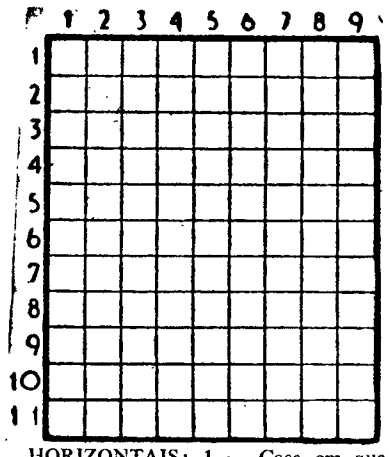
HORIZONTAIS: 1 — VIRTUDES. 2 — Ário. Enol. 3 — Li. Néscio. 4 — Essa. Casa. 5 — Rei. Vós. 6 — VENCEM. 7 — Arei. Tana. 8 — Nó. Coa. 9 — Ambiciona. 10 — Pioa. Som. 11 — Cáos. Só.

VERTICAIS: 1 — Valeriana. 2 — Irise. Rompa. 3 — Ri. Si. Bio. 4 — Tona. VICIOS. 5 — Vê. Oca. 6 — Descontdi. 7 — Encasca. Os. 8 — Sios. Enanos. 9 — Loa. Má. Amo.

Provérbio: VIRTUDES VENCEM VICIOS.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1413



HORIZONTAIS: 1 — Casa em que se guarda palha. 2 — Carruagem de caminho de ferro. 3 — Doutor. Sadias. Símbolo químico do cobalto. 4 — Camareira. Porém. 5 — Símbolo químico do rado. Moça. 6—Pálida. 7—Semente de cereal. Nociva. 8—Vazio. Fecha as asas para descer mais depressa. 9 — Batráquio. Altar. Língua antigamente falada ao Sul do Loire. 10 — Bando de animais. 11 — Inocências.

VERTICAIS: 1 — Desbastar. Malogra. 2 — Graceja. Arrosta. 3 — 55 em romano. Parte dianteira da carreta de artilharia. Utensílio. 4 — Tens. Recusa. Rio de França. 5 — Nome próprio do aio de D. Afonso Henriques. Cidade da Hungria junto ao rio Maros. 6 — Frequentavas. Também não. Sapo do Amazonas. 7 — Letra grega. Tudo que concorre para um movimento (pl.). Parecença. 8 — Fosso. Satélite de Jupiter. 9 — Nome duma flor. Enlaças.

Solução do problema n.º 1412

HORIZONTAIS: 1 — Cãs. Pargo. 2 — Ad. Rès. El. 3 — Tolo. Acre. 4 — Araçá. Lia. 5 — Agá. Aí. 6 — Ornas. 7 — AC. Vês. 8 — Voa. Arras. 9 — Avia. Erra. 10 — Dão. Amaro. 11 — Assás. Mês.

VERTICAIS: 1 — Cata. Lavada. 2 — Adora. Covas. 3 — Lago. Aios. 4 —Roçara. 5—Pé. A's. 6—Asa. Lavrem. 7 — CL. Serram. 8 — Geria. Sarre. 9 —Oleais. Sãos.

ENCICLOPÉDIA

Se não reparou, repare nestes curiosos caprichos do calendário:

O ano principia e acaba sempre pelo mesmo dia.

Os meses de Janeiro e Outubro, Abril, Julho, Setembro e Dezembro começam sempre por identico dia.

Os meses de Fevereiro, Março e Novembro iniciam-se, igualmente, com o mesmo dia da semana.

Os séculos nunca começam ao domingo, quarta ou sexta-feira.

O calendário repete-se integralmente, de vinte e oito em vinte e oito anos.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—Ás 21 e 45—«A muralha».
TRINDADE—Ás 21 e 30—«As três irmãs».
AVENIDA—Ás 21 e 30 — «Joana d'Arc»
MONUMENTAL—Ás 21 e 45—Mariemma e o seu «Ballet de España».
MARIA VITORIA—Ás 20.30 e 22.45 —«Festa é festa!».
COLISEU—Ás 21 e 30—Companhia de circo.

CINEMAS

TIVOLI—«O papá das pernas altas».
S. LUIZ—«Nana».
SÃO JORGE—«Veneno de cobra».
EDEN—«Napoleão».
POLITEAMA—«O mistério da casa de Bambu».
MONUMENTAL—«A dama e o vagabundo».
IMPÉRIO—«Vera Cruz».
CONDES—«Anjo branco».
ALVALADE—«Nana».
ODEON e ROYAL—«Almas em pecado».
PALACIO—«Histórias da rádio»
CAPITOLIO—«A ultima ordem».
TERRASSE—«O conde de Monte Cristo».
LYS—«Marcelino pão e vinho».
PROMOTORA — «Beija-me Catarina!».
IDEAL—«Inferno branco».
JARDIM—«A grande ofensiva».
RESTELO—«O homem que veio de longe».

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Danças; 18 e 45, Cançonetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento.

Programa «A»—Ás 19, Noticiário; 19 e 5, Zarzuela; 19 e 30, Emissão infantil; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Mensagem do presidente da direcção da Emissora Nacional aos radiouvintes portugueses; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Musica de salão; 21 e 30, Comentário político; 21 e 45, 1.ª parte de um serão organizado pela Emissora Nacional e realizado em Alhos Vedros; 22 e 30, Programa Eventual; 23, Danças do Hotel Império do Porto; 23 e 30, Danças da Tágide; 0 e 2, Danças do Restaurante de Montes Claros; 0 e 25, Danças do Restaurante Alvalade; 0 e 50, Danças do Grande Hotel da Figueira da Foz; 1 e 20, Noticiário; 1 e 30, Encerramento.

Programa «B» — Ás 19, Ciclo Beethoven: «Cantata sobre a Morte do Imperador José II»; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 3.º acto da ópera «Aida», por artistas do Curso de Ópera da Juventude de Musica Portuguesa; 20 e 25, «Quarteto», em fá maior, de Haydn; 20 e 40, «Missa», de Stravinski; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Recital de piano por António Rodrigues Baciero; 21 e 45, Canções; 22, Programa eventual; 22 e 15, «Sinfonia n.º 4», de Mendelssohn, e «As Fontes de Roma», de Respighi; 23, Tempo de poesia; 23 e 15, Musica de piano: «Variações e fuga sobre um tema de Haendel»; 23 e 50, Noticiário; 0, Encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 18 e 45, Trechos recreativos; 19, Era uma vez...; 19 e 15, Canta Anne Shelton; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Cançonetas; 20 e 30, Produção Sonarte; 21, Programa dos lavradores; 21 e 15, Musica do Brasil; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Conjuntos; 22, Solistas; 22 e 15, Recital de piano de Beatriz de Sousa Santos; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Folhetim policial; 0 e 15, Musica de dança do Casino do Estoril; 0 e 45, Noticiário; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

A SEMANA DO CONTRIBUINTE

(De 2 a 7 de Janeiro de 1956)

AGENDA DO LEITOR

Contribuições gerais do Estado

Erros nos lançamentos. — Reclamar, no prazo de 90 dias, contados do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres do Estado para a sua cobrança — 2 de Janeiro de 1955, a anulação por qualquer erro havido nos respectivos lançamentos.

Imposto profissional. — Empregados por conta de outrem.

Participar na competente secção de finanças, dentro do prazo de 15 dias, contados a partir daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício ou profissão.

— Artigo 2.º e seus §§ do Decreto n.º 17730, de 7 de Dezembro de 1929.

OBS. — As entidades que tiverem ao seu serviço empregados, são solidáriamente responsáveis pelo imposto que a estes caiba pagar.

— Artigo 71.º do Decreto n.º 16731, de 13 de Abril de 1929.

Contribuição predial. — Prédios urbanos ou andares devolutos.

Apresentar dentro de 15 dias, contados a partir daquele em que o facto se verifique, na competente secção de finanças, a participação respeitante aos prédios e andares devolutos.

— Artigo 2.º, § unico, do Decreto n.º 20549, de 25 de Novembro de 1931.

OBS. — Não há disposição legal que se oponha á anulação da respectiva contribuição predial pelo facto de um prédio urbano ou andar devoluto ter estado sem escritos.

«Diário do Governo», n.º 48, Série II, de 26 de Fevereiro de 1943.

A lei não estabelece qualquer sanção pela apresentação da declaração fora do prazo de 15 dias, só a estabelecendo quando a reclamação seja entregue sem junção do duplicado.

— Recurso n.º 10272, «Diário do Governo», n.º 169, de 22 de Julho de 1950.

Reclamações: Contribuição predial. — Prédios urbanos ou andares devolutos.

Reclamar, no prazo de 90 dias, contados a partir do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres do Estado para a sua cobrança — 2 de Janeiro de 1955, a anulação da contribuição predial dos correspondentes duodécimos da colecta.

— Artigo 18.º do Decreto n.º 16731, de 13 de Abril de 1929, na redacção do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 32680, de 20 de Fevereiro de 1943.

VOLTAIRE, O ATEU

Era Verão e Voltaire passeava pelo caminho. A certa altura, passou um padre acolitado, conduzindo um crucifixo. Voltaire inclinou-se, respeitosamente, tirou o chapeu e o amigo perguntou-lhe:

—Vejo que te reconciliaste com Deus!...

Voltaire, porém, atalhou muito vivamente:

—Não, cumprimentámo-nos, apenas, mas sem nos falarmos!

D. PAIO

O REI DO ATUNS

SNRS. ARMAZENISTAS

Queiram fechar e abrir o próximo ano com chave d'ouro, fazendo os seus pedidos do ATUM de direito, garantido — do ALGARVE, de primeira qualidade, em azeite puro de oliveira, latas de 235 gramas.

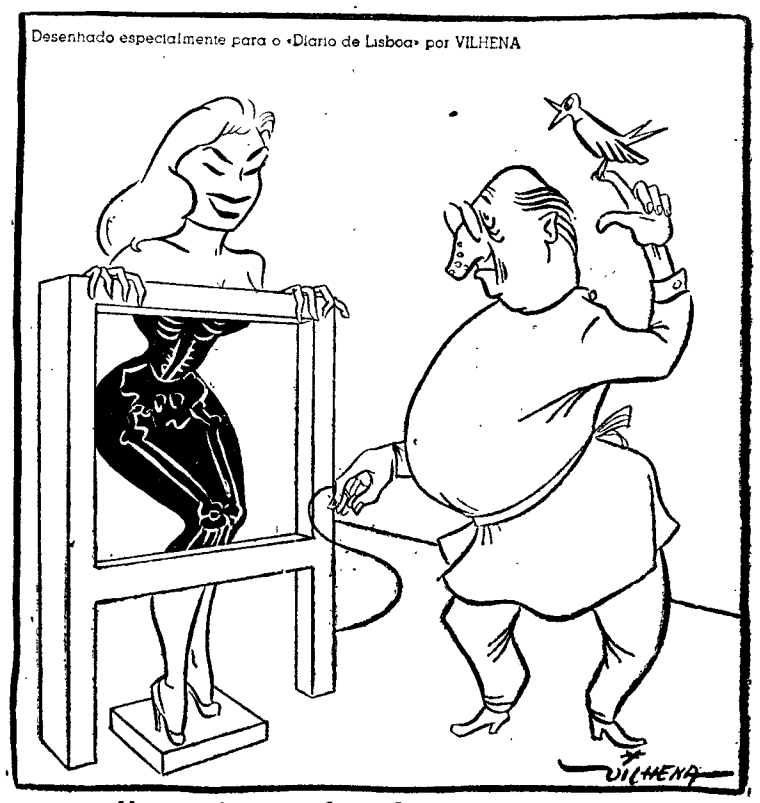
Unico Distribuidor:

LUIZ DE SOUSA JUNIOR

Rua das Janelas Verdes, 1-2.º

Telef. 666648 — LISBOA

DISCÍPULOS DE HIPOCRATES — (2)



— Um sorriso, por favor !

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o tempo continua sob a acção dum anticiclone centrado a Nordeste dos Açores.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu limpo, vento Norte moderado. Temperatura sem alteração.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO M — Sousa—Estrada de Benfica, 429-431. Tel. 780027; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 23-35 — Carnide — Tel. 780181; Baptista—Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873; Patuleia. Herdeiros—Rua do Lumiar, 122-124. Tel. 779332; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C — Sitio de Alvalade — Tel. 776905; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A. Tel. 775443; Central do Areeiro—Avenida de Paris, 2-2-A. Tel. 770820; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C, frente ao Bairro Social do Arco do Cego. Tel 770324; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36. Tel 41961; Branco—Avenida Duque de Loulé, 61-65. Tel. 45048; Ascenso—Rua 27, 41—Bairro da Encarnação. Tel. 399216; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13. Tel. 391136; Brito— Rua do Vale de St.ª António, 7-9. Tel. 840125; Anunciada—Rua do Vigário, 74. Tel. 23760; Progressiva—Rua de St.ª Marinha, 18. Tel. 847919; Dimar, Ld.ª—Rua Conde de Monsaraz, 17-B. Tel. 842533; Oriente—Rua Lopes, 120. Tel. 843381; Laboratório Brasil (Do)— R. Alves Torgo, 29-31. Tel. 46843; Magalhães—Avenida Almirante Reis, 4-D a 4-F. Tel. 49479; Imparcial—Rua General Taborda, 28. Tel 41031; Porfirio—Rua Francisco Metrass, 59. Tel. 663349; Gama—Calçada da Estrela, 130. Tel. 660339; Bom Sucesso—Rua Bartolomeu Dias, 63. Tel. 611454; Lidia Almeida— Calçada da Ajuda, 170. Tel. 637318; Santo Amaro—Rua Filinto Elisio, 29-A-B. Tel. 637070; Probidade—R. de Alcantara, 15-A-B. Tel. 638589; Infante Santo—Rua do Olival, 290. Tel. 661003. Esperança —Rua da Esperança, 134. Tel. 662784; Confiança—Praça das Flores, 59. Tel. 27901; Ultramarina—Rua de S. Paulo, 101. Tel. 21771; Frazão—Rua Eugénio dos Santos, 72. Tel. 28180; Silva Carvalho—Rua dos Fanqueiros, 126. Tel. 26575; Durão — Rua Garrett, 90-92. Tel. 24165; Rio de Janeiro — Avenida Rio de Janeiro, 4-C.

A RECEITA DO DIA

Frango recheado — Faz-se um picado com os miolos do frango, ovos cozidos, azeitonas, presunto, noz moscada, sal, pimenta e junta-se-lhe puré de batata e queijo ralado. Vai tudo ao lume com um pouco de leite e recheia-se o frango, cosendo a abertura com uma linha. Unta-se com manteiga e vai ao forno a assar.

Chapeu de chuva

esquecido no «taxi» da R. Garrett á R. Escola do Exército, 30. Pede-se ao «chauffeur» o favor de telefonar para 52977.

HÁ TRINTA ANOS

«Terminou hoje o ano de 1925 e com ele algumas ilusões de que nos namorámos, crentes de que o valor e o espírito dos homens se emanciparam de vários erros e rotinas condenáveis»—assim começava o «fundo» do «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro de 1925, que terminava assim: «Se tivermos a força bastante para nos redimirmos das paixões e ódios que nos dividem, erguendo-nos acima de tantos egoísmos e cegueiras, podemos desde já contar com esta indefectivel certeza—1926 será para Portugal um ano de resgate. Governantes e governados, logo que se concertem para servir a Pátria e não para a amesquinhar, encontrarão prontamente o porto salvador».

NUMISMÁTICA

N.º 6 — «Diário de Lisboa»

MOEDAS DE D. MARIA II

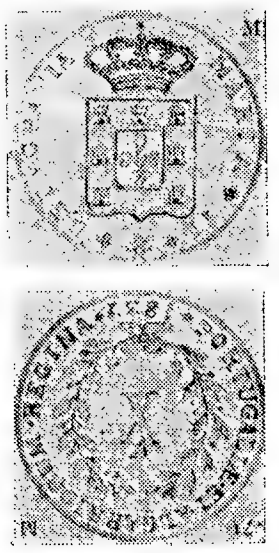
(A Educadora, 1834-1853)

Filha de D. Pedro IV; mãe de D. Pedro V

COBRE (Portugal Continental)

X réis (cunhada em Lisboa)

(Diametro maior)



(Gravuras do «Catalogo» de J. Ferraro, Vaz—Lisboa)

Decreto de 24 de Abril de 1835. Diametro (aproximado), 33,7 milimetros. Peso, 12,7 gramas.

Valores estimativos (1.º semestre de 1956):

Data 1835: Má, 18$10; Boa, 45$20; Soberba, 63$30; Grau de raridade, 675.

1836: Má, 16$00; Boa, 40$00; Soberba, 56$00; Grau de raridade, 600.

1837: Má, 16$00; Boa, 40$00; Soberba, 56$00; Grau de raridade, 600.

Nota — Com a data de 1837 conhece-se outro «X réis» de D. Maria II (Portugal Continental). O seu módulo (diametro) é de 32,1 milimetros, aproximadamente.

Esta moeda será estudada na série correspondente (módulo menor).

J. COSTA MOREIRA

As eleições em França

(Continuação da 1.ª página)

cional da Velhice. Na Africa do Norte, preconizou o exemplo do que se fez na Tunisia, isto é, «uma negociação, sem excluir uma posição de firmeza».

Em Saint Malo, Pierre Henri Teitgen, á cabeça da lista M. R. P., no departamento de Ille et Vilaine, tratou dos problemas essenciais que, na sua opinião, dominam o próximo escurtínio: estabilidade governamental que não se tornará eficaz senão estabelecendo a dissolução automática da Assembleia, pelo presidente da Republica, no caso de segunda crise ministerial durante a mesma legislatura e pela instituição do voto pessoal obrigatório, para os casos importantes. Indicou, depois, as condições para uma política de expansão económica dentro da justiça social. A propósito da Africa do Norte sublinhou que a solução não está na força mas no regresso a uma situação normal que depende, sobretudo, da aplicação duma política liberal e generosa dando ás élites do país a parte a que têm direito na administração e gerência dos territórios.

Ao tomar a palavra, em Rennes, o general De Benouville, á frente da lista dos Republicanos-Sociais, no departamento de Ille et Vilaine, reclamou uma reforma da Constituição, uma separação dos poderes e sublinhou que os ministros deveriam ser técnicos escolhidos pelo chefe do Governo e que a sua função deveria ser incompatível com a função de deputado. Depois de se referir á situação económica ocupou-se dos problemas da União Francesa. Esta, segundo disse, atravessa uma crise moral e, se a situação se degradou, é porque não há uma política coerente. Concluindo, lembrou a sua hostilidade á C. E. D., pois não deseja «uma Europa alemã».

Em Marmande, Pierre Poujade (U. D. C. A.) repetiu, mais uma vez, que dirigia um combate cívico, mas não político, e pediu aos eleitores que se unissem contra os deputados que terminaram o seu mandato.—(F. P.).

Edgar Faure falou para uma assembleia operária

DOLE, 31.—A reunião que se realizou em Dole, no departamento do Jura, foi a mais importante a que assistiu o presidente do Conselho, Edgar Faure, desde o inicio da sua campanha eleitoral. Uma assistência de mais de 3.000 pessoas comprimia-se no recinto da Sala de Festas de Dole. Aquela, essencialmente operária, compreendia uma importante fracção de elementos comunistas. A multidão mostrava-se nervosa e a reunião dir-se-ia preparada para uma grande agitação. Mas desde que o chefe do Governo se chegou ao microfone, a ordem restabeleceu-se.

O orador impôs-se ao seu auditório durante mais de duas horas e lembrou, em pormenor e com precisão, as diferentes etapas que marcaram a sua política nos ultimos dois anos e meio. A sua exposição foi frequentemente interrompida por aplausos, sobretudo quando afirmou que «a Republica está em perigo se não revirmos a Constituição e não garantirmos aos governos um minimo de duração». Edgar Faure, respondendo a um membro do auditório, declarou que as noções de direita e de esquerda lhe pareciam bem prescritas. E acrescentou: «Pude, com o apoio de Antoine Pinay, praticar na África do Norte uma política de evolução condenada pelos homens que me vi forçado a afastar do meu Governo, homens que fostes buscar para constituir a vossa nova esquerda».—(F. P.).

A posição de Mendès-France segundo um inquérito à opinião pública

PARIS, 31.—Um inquérito á opinião publica, publicado hoje, dois dias antes de se realizarem as eleições gerais francesas, indica que Pierre Mendès-France tem três vezes mais adeptos para a presidência do Conselho do que o seu rival mais próximo; mas 40 por cento dos interrogados no inquérito deram respostas vagas ou disseram não saber quem preferiam. O inquérito, organizado pelo Instituto Francês Independente de Opinião Publica, foi publicado no «Express» jornal que faz enérgica campanha a favor de Mendès-France.

Das pessoas consultadas, 27 por cento disseram que desejavam Mendès-France para próximo presidente do Conselho. Antoine Pinay, chefe conservador, obteve 8 por cento, Faure, actual presidente do Conselho, 6 por cento e outros candidatos, em conjunto, 19 por cento.

Estes numeros sugerem que nenhum partido ou grupo de partidos obterão grande maioria nas eleições. Os 40 por cento de respostas evasivas e o efeito da acerba controvérsia acerca da Africa do Norte pairam como factores incertos nas eleições, assim como a votação dos comunistas, que foi a maior de um só partido nas ultimas eleições. Ao que parece, pouca indicação foi dada sobre isso no inquérito á opinião publica.—(R.).

O incidente de Ain Abis explicado pelochete do Governo

DOLE, 31 — Interrogado ontem, em Dole, acerca do incidente de Ain Abid, sobre o qual o «Express» publicou ontem uma declaração da sua direcção, o presidente do Conselho, Edgar Faure, disse o seguinte: «O Governo não foi informado deste incidente até ao momento em que uma campanha de Imprensa o revelou á opinião publica. Foi aberto um inquérito e seria prematuro pretender avaliar as decisões que serão tomadas. Segundo as primeiras informações, é necessário acentuar que os rebeldes de Ain Abid tinham levado a cabo um ataque á gendarmeria e que tinham, por outro lado, massacrado a família de um dos gendarmes, incluindo crianças de 11 anos e até de 5 dias. Estas cenas abomináveis criaram um sentimento de revolta. É' claro que não se trata de desculpar o gesto de um assassino, contrário a todas as regras e a todas as instruções. Mas é de lamentar que se pretenda fazer deste caso isolado, que não é da responsabilidade do Governo, uma exploração da ultima hora para servir fins eleitorais. Conheço demasiado os sentimentos do governador-geral, Jacques Soustelle, e os princípios humanitários que sempre lhe servem de guia, para lhe retirar a minha confiança. Conto ter com ele uma conferência, na próxima segunda-feira, em Paris, sobre o assunto, e com Bourges-Maunoury».—(F. P.).

A explicação do operador cinematográfico

PARIS, 31 — O operador cinematográfico francês Georges Chassagne desmentiu hoje que tivesse subornado um gendarme francês para o auxiliar a filmar o fuzilamento de um muçulmano, durante a rebelião argelina, em Agosto passado.

O incidente tornou-se assunto incandescente na campanha eleitoral francesa depois do jornal anti-governamental «L'Express» ter publicado uma sequência de cinco fotografias que dizia relacionarem-se com o fuzilamento.

O Ministério do Interior admitiu que um gendarme francês tinha morto a tiro um muçulmano, mas afirmou que «o gendarme fora subornado, a fim de se prestar a esta sequência de fotografias».

O operador, homem baixo e gordo, de 34 anos, declarou a cerca de 80 jornalistas que as fotografias publicadas no «L'Express» mostravam o incidente que ele tinha testemunhado, mas não podia assegurar que elas fossem tiradas do seu filme.

Quando lhe foi perguntado se os dois fuzilamentos que filmara eram excepcionais, respondeu: «Incidentes desse género não são frequentes na Argélia, na medida em que sei. Francamente, este foi um incidente excepcional. Aconteceu num momento de desgosto e de tremenda ira».

Albert Cornfield, gerente europeu da 20th Century Fox, respondeu a perguntas que tinham sugerido que o filme podia ter sido utilizado como propaganda anti-francesa, dizendo: «E' uma sugestão ignóbil e infundada. E' como se me perguntassem se eu tinha roubado a Torre Eifel. Nós mostrámos também fotografias de vítimas francesas mutiladas. Não sabemos donde vieram as fotografias de «L'Express». Ficámos sem fala».

«L'Express», que apoia o ex-presidente do Conselho, Pierre Mendès-France, tem estado a fazer da Argélia assunto de campanha para as próximas eleições. A publicação das fotografias pelo «L'Express» surgiu na campanha eleitoral francesa como uma granda política. A história foi publicada, com grande relevo, na maior parte dos jornais de Paris. O «Fígaro» encabeçou o seu relato com o título: «Um crime odioso cometido na Argélia não devia ser explorado para propósitos de campanha eleitoral».—(R.).

O tio da América deixou-lhe 15.000 contos

DUBLIM, 31.—O «tio da América» não é um mito para Anna Winnifred Lockhart, que foi informada de que o tio, Russel Pickering, falecido em 7 do corrente em Boylestown, lhe deixou 75 % da sua fortuna avaliada em 500.000 dólares (cerca de 15.000 contos).

No entanto, uma das cláusulas do testamento determina que, se a herdeira quiser tomar posse da fortuna deverá, com a família, instalar-se na magnifica propriedade que o defunto possuia em Boylestown. Se a sr.ª Lockhart se recusasse a expatriar-se, aquela propriedade seria transformada em hospital e 200.000 dólares da herança financiariam a instalação do mesmo.

A sr.ª Lockhart, casada com um major britanico, vai reflectir antes de tomar uma decisão.—(France Presse).

23 africanos morreram afogados no lago Vitória

NAIROBI, 31 — Receia-se que tenham morrido afogados 23 africanos no lago Vitória, infestado de crocodilos, quando uma lancha das vias férreas e portos da África Oriental se voltou com uma violenta tempestade, na noite passada, segundo notícias de confiança aqui recebidas hoje.

A lancha afundou-se ao largo de Mwanz, na extremidade Sul do lago, na Tanganica. As notícias dizem que foi enviada outra lancha quando a tempestade se intensificou e recolheu 17 sobreviventes.

A maior parte da Africa Oriental tem estado assolada nos ultimos dias por vendaval e intensas chuvas que bloquearam vias férreas, na Tanganica, e paralisaram automóveis no Quénia.

Um informador das vias férreas confirmou mais tarde as notícias do desastre. Não se crê que estivessem Europeus a bordo da lancha. Um avião e barcos estão ainda procurar sobreviventes.—(R.).

A próxima visita do presidente eleito do Brasil à América do Norte

WASHINGTON, 31.—E' provável que o programa oficial da visita aos Estados Unidos de Juscelino Kubitschek, presidente eleito do Brasil, só venha a ser publicado na terça-feira. Para o fazer, o Departamento de Estado aguarda a decisão do Tribunal eleitoral brasileiro proclamando oficialmente o presidente eleito, decisão essa que, em princípio, deve ser tomada hoje.

Mas já se conhecem certos pormenores da estadia em Washington, onde o chefe de Estado brasileiro será hóspede do Governo americano.

Juscelino Kubitschek, esperado em 5 de Janeiro, será recebido, pelo vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, no aeródromo. O estadista brasileiro, que deve conferenciar com várias personalidades americanas e nomeadamente com o secretário de Estado, assistirá a um banquete oficial oferecido por Richard Nixon, a um almoço no Clube de Imprensa Nacional e a uma recepção na Organização dos Estados Americanos.

O presidente eleito do Brasil conta proferir três discursos: no Congresso, para a Imprensa americana e estrangeira e no Conselho da O. E. A.

O chefe dos serviços de Imprensa do presidente Kubitschek é Danton Jobin, director do «Diário Carioca», que já chegou a Washington, onde procede ás ligações necessárias com as autoridades americanas, a embaixada do Brasil e a Imprensa.—(F. P.).

O Sudão independente

KHARTOUM, 31 — Os deputados e senadores sudaneses tiveram ontem uma reunião a fim de examinarem os artigos da Constituição provisória. Chegou-se a acordo entre o Governo e a oposição quanto a todos os artigos, com excepção daqueles que dizem respeito aos poderes do primeiro-ministro sobre a nomeação dos subsecretários e a criação de um governo administrativo no caso de dissolução do Parlamento pelo Conselho de Estado. Por outro lado, o Governo sudanês anunciou que a festa da independência se realizaria no próximo domingo. — (F. P.).

RESTAURANTE CHAVE D'OURO
REVEILLON 1955-56
ANIMAÇÃO - SURPRESAS
DANÇA-SE TODA A NOITE
com conjunto
Fred Trinsher
MARCAM-SE AS MESAS RESTANTES
DIA 1 de Janeiro
Jantar - Especial com Concerto

com LICÔRES Ancora

MÓVEIS
Grande variedade de modelos
Decorações — estofos — cortinados
Acabamos de receber grande variedade de tecidos e veludos estrangeiros
MÁRIO RIBEIRO, LDA.
Rua dos Navegantes, 46-A (á Estrela)

CRUZEIRO
PURÍSSIMA AGUA DE MESA
EXTRAORDINÁRIA LEVEZA E SABOR
PEÇA-A EM TODA A PARTE

Winston
Os novos cigarros com filtro produzidos pelos fabricantes dos Camel, são deliciosos.
Experimente e ficará surpreendido

AMANHÃ: GRANDE TARDE ELEGANTE NO SALÃO DE CHÁ
IMPERIUM
RUA DE SANTA JUSTA, 105
RESERVAM-SE MESAS PELO TELEF. 27527
O PRIMEIRO JANTAR DO ANO NOVO
AMBIENTE SELECTO
EMENTA ESPECIAL

GAMBRINUS
JANTAR DE ANO NOVO
AMBIENTE ACOLHEDOR
EMENTA ESPECIAL
Telefones 21466 — 368974

Acontecimentos dominantes
da vida portuguesa
no ano que hoje finda

O ano que hoje finda foi fértil em acontecimentos nacionais de grande repercussão, entre os quais avultam a visita a Lisboa do presidente do Brasil, a visita a Londres do chefe do Estado português, o desenvolvimento do litigio entre Portugal e a União Indiana, uma recomposição ministerial e, mais recentemente, a admissão de Portugal, por unanimdade nas Nações Unidas.

A primeira declaração do ano fê-la o chefe do Estado, ao dirigir a sua mensagem aos Portugueses no Mundo, documento no qual disse: «As instituições que nos regem mostraram, em mais de um quarto de século de existência, que satisfazem as necessidades da Nação».

Outros factos dignos de registo ocorreram no nosso País, quer no campo politico, quer no social, no diplomático ou no militar.

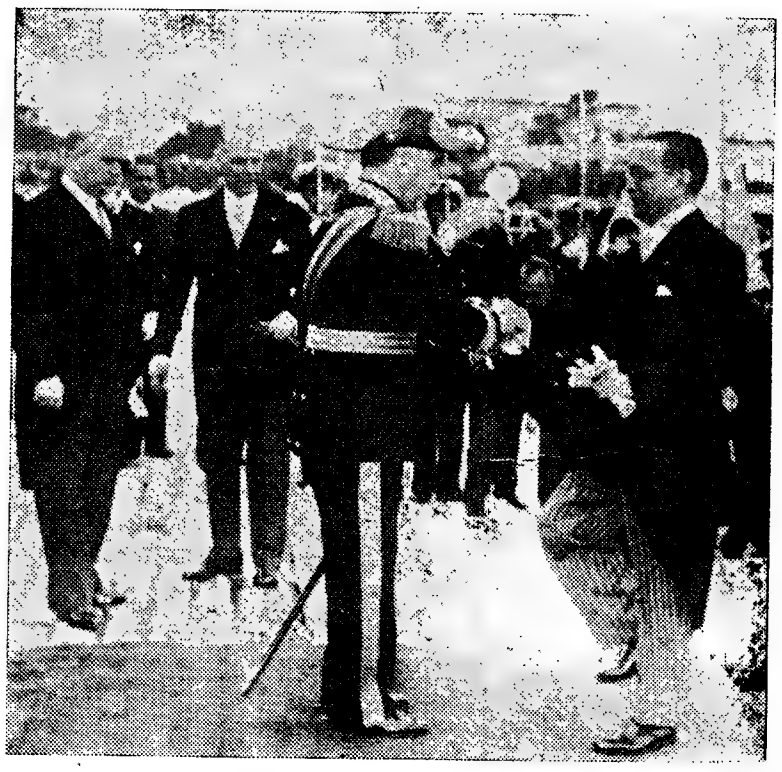
Procuraremos resumir adiante esses acontecimentos condensando assim, nesta página, um ano intenso de vida nacional, aquém e além fronteiras.

Viagens presidenciais

Durante o ano de 1955, o sr. presidente da Republica efectuou duas viagens de grande significado — uma de carácter interno e outra de projecção internacional.

De 2 de Maio a 4 de Junho, o sr. general Craveiro Lopes, acompanhado pelo ministro do Ultramar (com.te Sarmento Rodrigues) visitou as provincias ultramarinas de Cabo Verde e da Guiné. Partiu de Lisboa por via aérea e regressou no aviso «Bartolomeu Dias», depois de uma curta estadia nas ilhas da Madeira e de Porto Santo.

No dia 20 de Outubro, a bordo do «Bartolomeu Dias», escoltado por três contra-torpedeiros, o chefe do Estado e sua esposa partiram para uma visita oficial á Grã-Bretanha, desembarcando em Londres no dia 25, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros (prof. Paulo Cunha) e por sua esposa. O regresso a Lisboa fez-se, por via aérea, no dia 28 do mesmo mês.



O presidente Café Filho ao desembarcar no Cais das Colunas

Visitas de chefes de Estado estrangeiros

Dois chefes de nações estrangeiras visitaram este ano o nosso país: um em viagem oficial, o presidente Café Filho, do Brasil, e outro em viagem particular, a rainha Juliana, da Holanda.

O dr. Café Filho chegou a Lisboa, a bordo do cruzador brasileiro «Almirante Tamandaré», no dia 22 de Abril, escoltado por unidades da frota portuguesa. Esteve 6 dias no nosso País, tendo sido doutorado em Coimbra e visitado o Bussaco, o Porto e Guimarães. Regressou ao Brasil, por via aérea, no dia 28 do mesmo mês.

A rainha Juliana, da Holanda, acompanhada por seu marido, o principe Bernardo, em viagem de regresso das Indias Neerlandezas, chegou a Lisboa, por via aérea, no dia 7 de Novembro e, durante as vinte e quatro horas que permaneceu em Portugal, foi hóspede do chefe do Estado português.

O presidente da Republica visitou a Guiné e condecorou chefes indigenas

Viagens misteriais

Houve grande actividade ministerial, durante o corrente ano, em matéria de viagens importantes. Assim, de fins de Março a principios de Abril, o ministro do Ultramar (com.te Sarmento Rodrigues) efectuou uma visita, por via aérea, a Moçambique, com escala por Luanda, ao passo que o ministro da Economia (dr. Ulisses Cortez) esteve, quase na mesma altura, em visita oficial á Alemanha Ocidental, onde celebrou importantes conferências com personalidades dos sectores económicos, sobre as futuras relações comerciais luso-alemãs.

Em Novembro, o ministro dos Negócios Estrangeiros (prof. dr. Paulo Cunha) visitou oficialmente os Estados Unidos e o Canadá, numa viagem que teve grande repercussão internacional e durante a qual os Estados Unidos tomaram uma posição firme em defesa dos direitos de Portugal sobre as suas províncias ultramarinas na península industanica.

Em Dezembro, este membro do Governo e os seus colegas da Presidência (prof. dr. Marcelo Caetano) e da Defesa (coronel Santos Costa), deslocaram-se a Paris, onde tomaram parte na reunião do Conselho do Atlantico.

Além destas viagens, os ministros da Defesa, do Interior, dos Negócios Estrangeiros e das Comunicações e o subsecretário de Estado das Corporações e da Aeronáutica, visitaram, respectivamente, os Açores, a Madeira, os Açores, a Suiça (Conferência dos ministros dos Transportes), a Madeira e os Açores.

Assuntos políticos

Houve remodelação ministerial em 6 de Julho, saindo os ministros da Presidência (Costa Leite), Finanças (Águedo de Oliveira), Ultramar (Sarmento Rodrigues), Educação Nacional (Pires de Lima) e Corporações (Soares da Fonseca) e os subsecretários de Estado do Tesouro (Pinto Barbosa), da Educação Nacional (Veiga de Macedo) e Ultramar (Raul Ventura) sendo nomeados ministros daquelas cinco pastas os srs. prof. Marcelo Caetano, dr. Pinto Barbosa, dr. Raul Ventura, eng.º Francisco Leite Pinto e dr. Veiga de Macedo; e subsecretários dos departamentos vagos os srs. dr. José Correia de Oliveira, dr. Baltasar Rebelo de Sousa e eng.º Carlos Krusse Abecassis. — Foram, além disso, preenchidos, pela primeira vez, o subsecretariado de Estado da Aeronáuitca (tenente-coronel Kaulza de Arriaga) e o subsecretáriado do Orçamento, que estava vago desde a saída do sr. prof. Fernando Seabra, pelo sr. dr. Manuel Jacinto Nunes ✱ Foi atribuido, pelo «Exército Azul», o «Prémio da Paz» ao sr. dr. Oliveira Salazar ✱ A «Causa Republicana» entregou uma representação ao chefe do Estado, sobre as suas intenções quanto a actividade política ✱ Foi reorganizada a Comissão Executiva da União Nacional ✱ Foram eleitos os vogais das comissões de freguesia, concelhias e distritais da União Nacional.

Acontecimentos militares

O general Julio Botelho Moniz assumiu as mais altas funções militares do nosso país — chefe do Estado Maior General das Forças Armadas (Terra, Mar e Ar) — em substituição do vice-almirante Ortins de Bettencourt. ✱ O vice-almirante Guerreiro de Brito assumiu o mais alto cargo militar da Marinha — chefe do Estado Maior da Armada. ✱ O general Valente de Carvalho assumiu o comando geral da Legião Portuguesa. ✱ A Marinha portuguesa encorporou sete novas unidades de dragagem de minas e de escolta costeira. ✱ Forças navais portuguesas efectuaram por várias vezes manobras em conjunto com a «Home Fleet» entre os cabos de S. Vicente e Finisterra, com uma frota francesa e com outra americana. ✱ Durante o ano houve importantes manobras militares, navais e aéreas, tendo o chefe do Estado assistido a um desfile de tropas em Santa Margarida. ✱ No dia 1 de Julho, oito aviões de jacto embateram com o solo próximo de Poiares, tendo morrido todos os pilotos. ✱ Regístaram-se, durante o ano, outros desastres fatais com aviões de jacto.

A questão da India

Manteve-se muito aceso, durante o ano, o diferendo luso-indiano, tendo sido encerrados os consulados indiano em Goa, e português em Bombaim. ✱ Houve várias incursões de indivíduos de nacionalidade indiana nos territórios portugueses, mas foram todos expulsos pela Polícia portuguesa, havendo em alguns casos incidentes e troca de tiros. ✱ O ministro dos Negócios Estrangeiros manteve o País e a opinião internacional ao corrente das violencias perpetradas por cidadãos indianos. ✱ O Governo de Nova Delhi anunciou que encarregara a sua Polícia de impedir a passagem de mais «satyaghra» para o nosso território. O Governo português pôs uma acção contra a União Indiana, no Tribunal de Justiça Internacional, de Haia, por motivo da atitude daque-

(Continua na página seguinte)

O ministro da Economia com o presidente da República da Alemanha Ocidental, em Bonn

EM CAMISAS A

Primaz

SABE O QUE FAZ

114-ROSSIO-115-LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos um Novo Ano muito feliz.

ESTABELECIMENTOS SIDA, LDA.

Por motivo de balanço estão encerrados no dia 2 em todas as suas secções

Figuras e factos nacionais
no ano de 1955

O presidente da Republica e sua esposa, em Londres, com a rainha Isabel e o duque de Edimburgo

O ministro dos Negócios Estrangeiros com o secretário de Estado norte-americano em Washington, ambos acompanhados de suas esposas

O «lord mayor» de Londres foi recebido solenemente em Lisboa

LORENZ WEEKEND 55

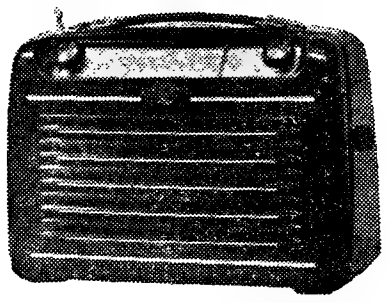
A MARCA ALEMÃ DE RENOME MUNDIAL

///

O APARELHO PORTATIL MAIS DESEJADO

PILHAS E CORRENTE

Linda caixa em plástico grenat com aplicações douradas



ESC.: 2.370$00

PILH ESC.: 200$00

(Continuação da página anterior)

le país em relação aos enclaves portugueses de Nagar-Aveli e de Dadrá, onde é vedado pela União Indiana, o acesso de cidadãos portugueses.

Reuniões e congressos

1955 não foi tão fértil como o ano anterior em reuniões nacionais e internacionais, mas há todavia a mencionar o IV Congresso da Pesca, que tomou importantes resoluções; a Conferencia Internacional de Socorros a Náufragos, em que participaram delegados soviéticos; o Congresso Nacional de Filosofia, que se reuniu em Braga; o Congresso de Oftalmologia, o Congresso dos Economistas, que se reuniu em Luanda, e a Conferencia Internacional de Inspecção de Carnes.

Acontecimentos económicos

O mais importante foi, sem duvida, o aparecimento de petróleo em Angola, onde o precioso liquido jorrou, com relativa abundancia, na região de Benfica, na noite de 12 para 13 de Abril. ✱ De mencionar também, a comemoração do 10.º aniversário do despacho n.º 100, da autoria do ministro Américo Tomás, que tornou possível a reorganização da Marinha Mercante, facto que os sindicatos marítimos festejaram com uma homenagem ao Governo. ✱ Inaugurou-se, no Ginjal, a primeira fábrica de tratamento de óleo de figado de bacalhau.

Lisboa—escala de frotas

O porto de Lisboa foi este ano, ainda mais que nos anteriores, escala preferida de grandes esquadras e de navios de muitas Marinhas. ✱ A 6.ª esquadra dos Estados Unidos, que reuniu no Tejo 38 unidades, fez mais uma vez a sua rendição nas nossas águas. ✱ O almirante sir Michael Denny, comandante-chefe aliado no Atlantico Oriental, visitou Lisboa por duas vezes e, da primeira, reuniu-se no Ministério da Marinha, em conferencia com os altos comandos portugueses de terra, mar e ar. ✱ Estiveram no Tejo, simultaneamente, frotas da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, tendo o almirante francês Pierre Barjot feito uma conferencia no Ministério da Marinha sobre «A Marinha na era atómica». ✱ Além disso escalaram o Tejo unidades de muitas outras Armadas, incluindo a brasileira, a argentina, a egipcia, a grega, a sueca, a holandesa, a belga, a sul-africana, etc.

Acontecimentos ultramarinos

Em substituição do sr. capitão Silva Carvalho, anunciou-se a nomeação do sr. tenente-coronel Horácio de Sá Viana Rebelo para o cargo de governador geral de Angola. ✱ Seguiu mais um grupo de famílias para o Colonato da Cela (Angola).

Assuntos citadinos

Começaram as obras de construção do Métropolitano de Lisboa. ✱ Visitou oficialmente a nossa capital o Lord Mayor de Londres. ✱ Houve duas interessantes exposições sobre a cidade — a de «Lisboa antes do terramoto» e a de «Lisboa de hoje», esta ultima inaugurada em Roma, quando da visita áquela capital do presidente do Município de Lisboa, sr. tenente-coronel Salvação Barreto, certame depois repetido na nossa capital. ✱ O nosso prezado camarada Felix Correia foi homenageado pela vereação da C. M. L. ao passar o 30.º ano do seu serviço de reportagem das sessões camarárias.

Visitas de personalidades estrangeiras

Além das entidades mencionadas em outras rubricas desta resenha, visitaram Lisboa, durante o ano que hoje finda: o ministro da Defesa da Africa do Sul, o subsecretário do Exército dos Estados Unidos, o subsecretário adjunto do Comércio norte-americano, o ministro dos Negócios Estrangeiro da Bélgica, sr. Paul Spaak e o marechal Montgomery.

Festas elegantes

A festa mais elegante do ano foi o casamento, em Cascais, no dia 12 de Fevereiro, da princesa Maria Pia, filha de Humberto de Saboia, com o principe Alexandre, da Jugoslávia, no qual tomaram parte muitas antigas famílias reais e a duquesa de Kent.

A rainha da Holanda com o Chefe do Estado no aeroporto de Lisboa

No domínio religioso

O cardeal-patriarca deslocou-se, em Julho, ao Brasil, para tomar parte no Congresso Eucaristico Internacional. ✱ Festejaram-se em Lisboa, as bodas de prata cardinalíciaas do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

No campo das letras

O dr. Julio Dantas foi reeleito, pela 21.ª vez, presidente da Academia de Ciências. ✱ Foi alvo de uma homenagem, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o sr. dr. Joaquim Manso, director do nosso jornal. ✱ O Secretariado Nacional de Informação atribuiu os prémios literários de 1954, figurando entre os laureados, dois redactores do «Diário de Lisboa»: Manuela de Azevedo e Urbano Tavares Rodrigues.

As nossas reportagens

Durante o ano que hoje finda, seis enviados especiais do «Diário de Lisboa» saíram do País para o estrangeiro ou deslocaram-se ás nossas províncias ultramarinas. Assim, o nosso director-adjunto dr. Norberto Lopes, esteve na Alemanha, a convite do Governo de Bonn, em Londres, como convidado da N. A. T. O., e em Angola e Moçambique, por ocasião do primeiro voo dos novos aviões da T. A. P.; Artur Portela, percorreu a Itália e a Turquia; Mário Neves enviou-nos crónicas de Londres e de Paris; Manuela de Azevedo visitou a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo; Maurício de Oliveira fez a reportagem da viagem do chefe do Estado á Grã-Bretanha; e Urbano Tavares Rodrigues deslocou-se á India Portuguesa e está a visitar, presentemente, países do Oriente, de onde regressará a Lisboa, pelo Mediterraneo.

Factos diversos

Fez-se, em Janeiro, a ratificação do Tratado de Amizade Luso-Brasileira. ✱ Inauguraram-se dois modernos hoteis — o de Seteais, em Sintra, e o de Santa Luzia, em Viana do Castelo. ✱ O novo navio-hospital «Gil Eanes» efectuou a sua primeira viagem de assistencia aos pescadores bacalhoeiros. ✱ Perdeu-se, quando regressava da pesca, o lugre bacalhoeiro «Ilhavense», mas salvou-se a tripulação.

Os mortos do ano

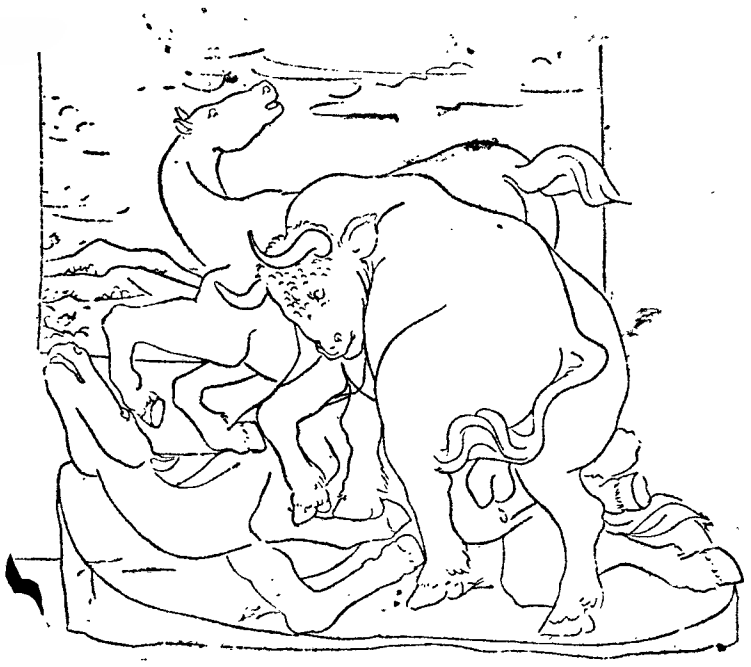
E' longa a lista dos mortos de 1955, a qual inclui alguns nomes ilustres Assim, faleceram este ano, o antigo ministro da Guerra e grande colonialista, general Norton de Matos, os drs. Egas Monis, Prémio Nobel da Ciência; Lacerda de Almeida, antigo ministro da Instrução; Froilando de Melo, Ricardo Espírito Santo; eng.º Barata Correia e Jorge Duque; o escultor Francisco Franco, o prof. dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, os drs. Raul Manuel Teixeira, Alexandre Cancela de Abreu, Adolfo Faria de Castro e Pedroso Rodrigues; o antigo ministro da Guerra e do Interior, coronel Lopes Mateus; o arcebispo de Evora, D. Manuel da Conceição Santos; a marquesa de Tancos; o fervoroso propagandista da Republica, Estevão Pimentel; o professor Manuel Carlos; os jornalistas Amadeu de Freitas, Sebastião Saraiva, António Pinto de Almeida, José Pinto, Manuel Rodrigues Leal, e dr. Jaime Leitão; o actor-encenador Augusto Soares; a artista de cinema Maria Eduarda Gonzalo; o escritor e colonialista Gastão de Sousa Dias; o antigo ministro das Colónias e embaixador prof. dr. Armindo Monteiro; Eduardo Luís Pinto Basto, os actores Nascimento Fernandes, Lino Ribeiro, Silva Sanches e Esteves Loureiro; o professor Marcus Garin, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Xavier da Silva, o coronel Fernando Freiria, antigo ministro da Guerra, os profs. Azevedo Neves e Manuel Sousa da Camara; os drs. Cesar Mendes, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Manuel Bravo, Carlos Ary dos Santos, António Videira, Amaral Pyrrait e Eurico Lisboa; o general Raul Esteves, o multi-milionário Calouste Gulbenkian, que residia há anos em Lisboa; o industrial António Maria Lopes, o prof. Rui Couceiro da Costa, o coronel Adriano Dores, o prof. José Alberto dos Reis, antigo presidente da Assembleia Nacional, o escritor teatral dr. Ascenção Barbosa, o administrador da Imprensa Nacional, António Gomes Bebiano; a sr.ª D. Julia Clotilde de Craveiro Lopes, mãe do chefe do Estado; o eng.º Mário Santos, o general José de Mascarenhas, antigo ministro da Guerra; o compositor e musicólogo Luís de Freitas Branco, o artista fotógrafo Salazar Dinis, os drs. Sá Penela e Raul da Costa Torres; o general Lacerda Machado, o brigadeiro Serrão dos Reis, o coronel Maia Mendes, o tenente-coronel Cardoso dos Santos, o eng. Reis Gonçalves e os nossos companheiros de trabalho Lucjano Belem, do quadro tipográfico do «Diário de Lisboa», e José António Rosa, contínuo do nosso jornal.

«CH» LACERDA

AVENIDA BERNA, 36-A — TELEFONE 774057

LACERDA ESPOSA E FILHOS, DESEJAM AS *BOAS FESTAS* E UM NOVO ANO MUITO PRÓSPERO AOS SEUS CLIENTES E TAMBÉM AOS ESTRANGEIROS E SUAS FAMÍLIAS QUE RESIDEM EM PORTUGAL E AOS QUE ESTÃO NAS SUAS PÁTRIAS QUE VISITARAM ESTE RESTAURANTE

ANO NOVO MUITO FELIZ



O impressionante protesto de Picasso

TAUROMAQUIA

A vítima das corridas

«La vitima de la fiesta» chamou Zuloaga ao cavalo do picador num quadro impressionante em que o representa esqualido e triste, sangrando das hastes do touro e das esporas. Zuloaga foi toureiro quando jovem e ficou sempre aficionado ao espectáculo, mas sentia, como homem e artista, que o cavalo não deve ser sacrificado na luta entre o toureiro e o touro.

Picasso, tão aficionado á tauromaquia que organiza o espectáculo em França para mitigar a nostalgia de o não ver em Espanha, pintou por forma impressionante, em mais dum quadro, cavalos vitimados na arena pelos touros, num protesto contra o sacrifício bárbaro.

Ortega y Gasset, que também foi toureiro na juventude e que, como Zuloaga, gostava do espectáculo e do convívio com toureiros, não chegou a escrever a sua anunciada «Filosofia de los Toros» porque não poderia deixar de condenar o sacrifício do cavalo. E idêntica repugnancia aparta do espectáculo um poeta tão andaluz como Juan Ramon Jimenez, e tantos intelectuais espanhóis que seria interminável a lista.

Em mais de trinta anos de cronista tauromáquico do «Diário de Lisboa» nunca pudemos ocultar a condenação do sacrifício do cavalo, e jamais defendemos a presença dos picadores, felizmente afastada das nossas arenas apesar dos toureiros pretextarem a sua necessidade para justificar desastres que a prática tem demonstrado poderem ser êxitos quando eles se resolvem a isso.

Em Espanha, por hábitos e interesses criados em conformidade com a ética estabelecida, raros são os aficionados com coragem para se libertarem da culpa de serem cumplices do crime do sacrifício do cavalo, e cronistas responsáveis respondem á nossa campanha em páginas amáveis mas insistindo na necessidade de fazer sangrar o touro com as varas dos picadores para que os lidadores possam exibir-se, quando o inimigo já está quase morto, afinal.

Recordámos já que Garcia Lorca, aficionado e amigo de toureiros, escreveu que tudo o que de mais belo se faz com o touro é quando ele está ainda limpo de feridas, tudo que se executa com a capa e que assim se devia continuar com a «muleta», pondo á prova as verdadeiras faculdades do lidador, dominando a fera sem a prévia intervenção do cruel e mal intencionado picador, o subalterno cumplice, o verdadeiro matador.

A sorte de varas não é uma sorte, é uma desgraça e, se outrora servia para pôr á prova a bravura do touro, pela forma deste se arrancar para o cavalo e de tomar o castigo, e pelas reacções de insistência ou de fuga, hoje serve apenas para acabar com a fera antes de chegar á «muleta», picando ferozmente onde causa mais dano e voltando ao mesmo sítio para ampliar e profundar o buraco largamente aberto.

Se tudo isto é para acabar com o touro, bem se podia começar por não o exigir com todos os anos e arrobas regulamentares, pois tal resulta afinal numa ilusão para dar importancia ao inimigo, emprestar mérito ao matador a cujas mãos chega já quase morto, e para iludir o espectador, que se é humano, ou estrangeiro, sente o seu entusiasmo pelo espectáculo, toldado pela indignação pelo sacrifício do cavalo.

Dir-se-á que os cavalos são hoje protegidos por peitos acolchoados— que aliás desagradam ao «perfeito aficionado», e que não morrem desventrados ás dezenas, como acontecia antigamente, mas ignora-se que sofrem tremendas contusões internas, com fracturas e lesões, e ignora-se, sobretudo, o que no pátio se lhes faz, metendo-lhe estopa a escopro nos ouvidos e atando estes com cordas, para não ouvirem a aproximação do touro, como também não o vêem por lhe taparem os olhos.

Consideramos o toureio como o mais viril e belo dos espectáculos, mas desejamos que da luta entre o homem e o touro desapareça o cavalo, como desapareceram os cães de presa e outras barbaridades na evolução das corridas de touros, no tempo e na indispensável humanização que volta agora a impor-se quanto aos pobres «pencos» dos picadores, felizmente, e com mais razão, já eliminados em Portugal, onde, apenas por incompreensão, se não mata na arena o touro que, com feridas, fica á espera de ser abatido no matadouro, no dia ou dias seguintes...

ROGÉRIO PEREZ

LUZ FLUORESCENTE

Lampadas fluorescentes WESTINGHOUSE 10.000 horas de duração

Admirável colecção de candeeiros ultra modernos
em
CRISTAL DE VENEZA — EM PLASTICO — E EM METAL
INSTALAÇÕES COMPLETAS DE GARANTIDA EFICIÊNCIA
COM OS INIGUALAVEIS PRODUTOS AMERICANOS «WESTINGHOUSE»
E «ACME ELECTRIC» AOS MELHORES PREÇOS
ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA
Praça da Alegria, 44-1.º—Telef. 34774—LISBOA

Panorâmica do ano cinematográfico

por EURICO DA COSTA

Como é nosso hábito, referir-nos-emos primeiramente, nesta panoramiça breve do ano cinematográfico de 1955, ao nosso cinema... E' muito difícil, realmente, falar de uma *coisa* que não existe: a produção cinematográfica portuguesa cifrou-se a um zero—um inabalável, redondo e sinificativo zero—no que diz respeito a obras de fundo.

O problema da existência de um cinema nacional atingiu em 1955 o ponto culminante da crise, o índice mais elevado das escalas da febre que estão á cabeceira dos enfermos. E' mau por um lado pois isso significa a ruína quase total de uma industria que, mesmo como tem funcionado, ainda alimentava muitas bocas. Bom, porque, assim, reduzidos a este panorama, á falência total de todas as medidas que se tem tentado para o salvar, estamos mais habilitados a determinar as origens da «doença», verificar com precisão quase matemática a ineficácia de quanta mézinha se aplicou, tentando-se ignorar, ou ignorando mesmo, a verdadeira raiz do mal.

Passados que foram sete anos sobre a entrada em funcionamento da lei n.º 2.027 que, generosamente e esperançadamente, António Ferro acreditava ir salvar a nossa cinematografia, verifica-se isto: nem uma das obras produzidas sob os auspícios do Fundo veio contribuir para elevar ou incrementar o cinema português. E atingiu-se um ponto demasiado significativo: a produção de longa metragem do ultimo ano nem sequer obteve a recompensa oficial, os prémios do S. N. I.

A exposição que a União do Grémio dos Espectáculos remeteu em Março deste ano ao ministro da Presidência, acerca dos problemas do nosso cinema, é bem elucidativa. No documento, depois de se afirmar que «não se registou qualquer progresso» nos anos de produção que decorreram sob os auspícios do Fundo, acrescenta-se: «Se a lei n.º 2.027 falhou, em grande parte, isso se deve ao seu sistema informativo, baseado na apreciação «a priori», de um plano gizado no papel». As intenções eram as melhores, mas, definitivamente, falharam. Há que começar pelo princípio, rever as bases, criar rumos novos e afastar de vez aqueles «aventureiros» que António Ferro quereria expulsar, como sublinhou no seu discurso «O Estado e o Cinema», pronunciado em 1947.

«Belíssima», de Luchino Visconti, com Ana Magnani, foi um dos melhores filmes do ano, ignorado pelo grande publico

O nosso cinema tem falhado: 1.º) Pela inexistência de realizadores com verdadeiro talento cinematográfico que, a existir, poderia mesmo ser revelado em obras modestas; pela sua carência de senso crítico, artístico e cultural; 2.º)—de que o primeiro ponto é resultado directo: inexistência de «escola» cinematográfica, de formação profissional; de contactos com técnicos e estudios estrangeiros, em grande escala, de um centro de estudos cinematográficos; 3.º) Desorganização da industria, entregue ao acaso de capitalistas de filmes que impõem os seus gostos; ausência de verdadeiros produtores de filmes; no caso de filmes subsidiados oficialmente: inexistência de um critério apreciativo que saiba determinar as qualidades artísticas da obra que se candidata (solução: alargamento do juri que atribui os subsídios, para elementos responsáveis da crítica de cinema e dos meios culturais cinematográficos); 4.º) Pela exploração de filmes inferiores, sem consistência cultural ou artística, que o próprio publico (que é um dos culpados deste estado de coisas) agora se apressa a denunciar; pela ausência de obras que traduzam o verdadeiro sentir da alma portuguesa, os seus anseios, problemas, alegrias, tristezas e dores; um cinema que reflicta sem deformar, tudo o que nos diz respeito, como se previra na definição de «filme português», na lei n.º 2.027; 5.º) Pela rigidez de uma censura mal definida e, por isso, sujeita a interpretações pouco objectivas; 6.º) Pela restrita expansão do cinema por todo o País, devido a dificuldades que rodeiam a construção de novas salas; pela proibição da exploração comercial de 16 mm.; 7.º) Pela inexistência de mercados estrangeiros para as nossas obras, causa e efeito de problemas enunciados.

Outros pontos haveria a enumerar, mas parece-nos serem estes os mais importantes. A hora é grave. Requer soluções imediatas. Que, ao menos, nos sirva de exemplo a triste experiência do passado. Em resumo: é preciso começar pelo princípio. O cinema português morreu. Esperamos ainda poder exclamar: viva o Cinema Português!

A produção estrangeira apresentada em Portugal

✱ Qualitativamente, cremos ser a produção italiana que ocupa o primeiro lugar da escala, e, quantitativamente, o segundo, a seguir á numerosa representação dos Estados Unidos, no quadro da exibição comercial deste ano.

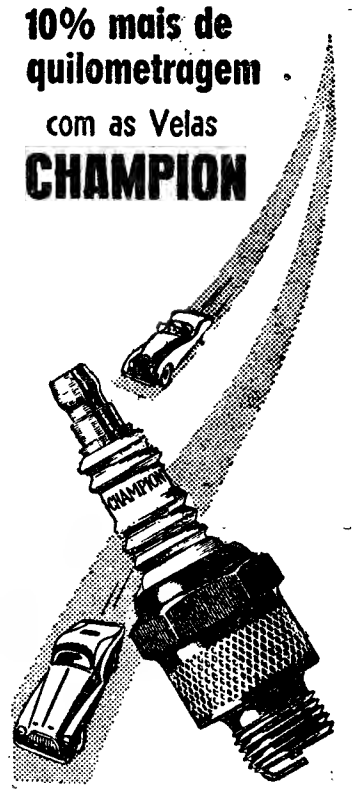
Não foi ainda neste lote de filmes que se pôde adivinhar o indício de uma crise no cinema transalpino. Obras houve que, pelo contrário, vieram assinalar uma evolução que, se ainda não é completa nem amadurecida, não deixa de ter os seus aspectos aliciantes. Entre as obras mais representativas salientamos «Belíssima», de Luchino Visconti, e «A Estrada», de Frederico Fellini—quanto a nós, dois altos expoentes da exibição cinematográfica do ano que termina. Ambos, também, inexplicávelmente ignorados pelo publico. Assinalemos os mais importantes: o implicável anátema de «A Intrusa», de Lattuada; «Ouro de Nápoles», de De Sica, obra um pouco dubia, mas da qual não vimos dois importantes episódios; «Julieta e Romeu», de Castellani, de extraordinária beleza plástica; «Sentimento», de Visconti, filme demasiado intelectual e pouco comunicativo, para a grande maioria do publico, mas, mesmo assim, cinematográficamente belo; e, a seguir, uma série, de obras de apreciar: «A Provinciana», de Mário Soldati, por pouco um grande filme; «Carrocel Napolitano», opereta cinematográfica de Ettore Gianini, grande espectáculo visual, quase no estilo do que será para desejar; «7 anos de liceu», de Emmer. Rossellini deu-nos dois filmes: «Onde está a Liberdade», obra negativa, importantíssima de conhecer na filmografia deste realizador para se avaliar da sua confusão mental; e «Viagem em Itália», desesperado ensaio para aprender a lição de Vertov e que acaba por ser uma história caseira e anodina, desligada e confusa. Na série «Cinema de evasão» cá tivemos a dose de «Pão, amor e ciume» e «Que pena seres vigarista», brilhando em ambos o grande actor De Sica e as duas vedetas que possuem o dom de se quadruplicar: Lollô e Sophia... Ambas (as obras) constituiram grande diversão para o publico. Na série «faca e alguidar» houve «Os filhos de ninguém». «As torturas de mãe» e mais algumas lacrimogénias películas. Passou despercebido, no entanto, um generoso filme de Pietro Germi, «Ciumes», bem dirigido e apresentando um caso interessante.

✱ Na abundante representação americana, o filme mais discutido e, quanto a nós, o melhor foi «Sementes de Violência», de Richard Brooks. A falta de objectividade de alguns críticos leva-os a ignorar as dificuldades de apresentar o problema da delinquência juvenil da América negando, desse modo, valor a esta obra, válida, generosa e corajosa sob muitos aspectos, apesar das reservas que lhe possam fazer. Pessoalmente, não receamos colocá-la entre os melhores filmes do ano. «Há lodo no cais» suscitou viva polémica em todo o Mundo. Elia Kasan, deu-nos, mais uma vez, uma demonstração do seu talento cinematográfico, mas o problema foi posto erradamente, em grande parte. «Assim nasce uma estrela», de Cuckor, o primeiro grande cinemascópio que vimos, obra bem conseguida; «Os revoltados do Caine», de Dmytrik, não convenceu, mas revelou-nos uma excepcional composição de Bogart; o velho «Hitch», do «suspense», esteve com dois filmes: «A janela indiscreta» e «Chamada para a morte», o primeiro com aspectos muito assinaláveis, o segundo, de «rotina». Nos cinemascópios anotemos, ainda, como mais interessantes na demonstração das possibilidades do processo: «A lança quebrada», de Dmytrik; «Estes homens são perigosos», de Hathaway; «Alto e poderoso», de Welm, duas desilusões de quanto á John Ford; «Uma vida inteira» e «O preço da glória». Decadência do mestre? Ainda na produção média, com aspectos interessantes, assinalemos: «Johnny Guitar», de Nicholas Rey, «7 noivas para 7 irmãos», dois filmes de Fritz Lang, «Corrupção» e «Desejo humano»; «Os meus seis criminosos», de Fregonese; «Brigadoon», de Minelli; «Uma rapariga sem nome», de Cuckor, óptimo indício de um regresso á comédia tradicional americana; «O desesperado», de Zinneman; «Leito nupcial»; «Vida da minha vida», de Robert Wise; e «O crime da Rua 99», de P. Karlson e «Vera Cruz», de Adrich. Um conjunto de obras que sem ser excepcional, foi muito equilibrado.

✱ O cinema francês apresentou-se neste ano quase em baixo de

(Continua na página seguinte)

A mesma quantidade de combustível oferece
10% mais de quilometragem
com as Velas
CHAMPION



As velas gastas e sujas desperdiçam combustível... reduzem o rendimento do motor. Um novo jogo de Velas Champion assegura até 10 % mais de quilometragem, pois as Champion produzem uma faísca forte e eficiente que utiliza até à última gota de combustível... e aproveita toda a potência de que é capaz o motor do seu carro.

VELAS
CHAMPION
DE IGNIÇÃO TOTAL

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29 • AV. DA LIBERDADE • 41
LISBOA

O ano cinematográfico

(Continuação da página anterior)

forma. Se exceptuarmos o alto nível de «O amor de uma mulher», de Gremillon; e «Adeus, sr. Dupont», de C. A. Lara e o interesse relativo das duas obras de Cayatte, «Antes do diluvio» e «Dossier negro» (sendo o segundo bastante mais fraco que o primeiro) e «Um taxi, uma mulher e um destino», de Le Chanois (do qual vimos também, uma interessante comédia «O Papá — etc. e eu») e um Carné-menor («Perder e ganhar»)—nada haveria a assinalar de especial. O sr. Verneuil deu-nos dois «navets»: «Os amantes do Tejo» (sardine á portugaise) e «Cinco gémeos», desdobramento de Ferdinand; «Becker desiludiu com o seu «Ali-Babá» e Pinoteau prestou «Honra á Marinha».

✱ A reduzida representação inglesa deu-nos dois filmes de David Lean: «As filhas do sr. Hobson», talvez o melhor do conjunto e «Loucura em Veneza», espécie de «Breve encontro» inferior; «Padre Brown, detective», de Robert Hammer, espirituosa comédia policial, de humor tipicamente britanico — e pouco mais.

✱ No cinema mexicano nada há de especial a anotar: um Bunuel «comercial» — «O monte de os vendavais» e um «Cantinflas, cavalheiro vagabundo», superior ao habitual, mas onde ainda não foi aproveitada convenientemente a veia cómica do actor.

✱ O cinema japonês, decepcionou-nos», com o seu unico filme «de amostra»: «Amores de Samurai», de Kinugasa, obra-prima (onde a cor atingiu o mais alto expoente num melodrama que condena a violencia).

✱ Orson Welles, senhor-sem-bandeira, veio até nós, com bastante atraso, através de «Macbeth», não tão perfeito como a sua obra shakespeareana posterior, «Othelo», mas, mesmo assim, ostentando o seu valor extraordinário.

✱ O cinema espanhol cuja «revelação» já se iniciara no ano anterior, confirmou os seus novos rumos, a sua capacidade produtiva, o razoável nível técnico dos seus filmes, já susceptíveis de conquistar os mercados estrangeiros. A obra mais representativa que vimos, obra rica de situações, decidida, num estilo cinematográfico arrojado, foi «A morte de um ciclista», de Bardem. O realizador é, hoje, a figura mais brilhante do cinema de Espanha e muito há a esperar do seu talento. A Semana do Cinema Espanhol foi um contacto util. Nos restantes filmes apresentados, destacamos «Condenados», de Mur Otti, tragédia lorquiana que, por pouco, poderia ser um óptimo filme. E, ainda, dentro do festival, «Histórias da Rádio», de Saenz Heredia.

✱ O cinema brasileiro, teve, também, a sua Semana. No conjunto, as obras apresentadas carecem de amadurecimento, mas não é difícil vislumbrar, em muitas delas, talentos prontos a afirmarem-se. Destacamos «Floradas da Serra», por ser a obra mais acabada. Há ainda a anotar o filme de Tom Payne, «Sinhá Moça».

E terminando, eis quais nos parecem ser os melhores filmes do ano: «A Estrada», de Fellini, «Belissima», de Visconti, «Amores de Samurai», de Kinugasa, «A morte de um ciclista», de Bardem, «Macbeth», de Orson Welles; «Senso», de Visconti, «Sementes de Violencia», de Richard Brooks e «A Intrusa», de Lattuada. Note-se que desta lista apenas os dois ultimos obtiveram êxito comercial. Os restantes — ignorados pelo grande publico...

A actividade cineclubista

Nunca o nosso País conhecera, até agora, um tão imenso movimento cultural cinematográfico como o que surgiu, de um momento para o outro, no decorrer deste ano: mais de uma dezena de cine-clubes foram fundados, elevando-se, assim, o seu numero a 20, neste fim de ano, com uma população que ultrapassa a dezena de milhar. A actividade desenvolvida tem sido excelente e é de sublinhar que, até agora, os clubes de cinema nacionais, já levaram a efeito cerca de 650 sessões culturais, imprimiram outros tantos programas com textos seleccionados entre o melhor que, sobre a matéria, surgiu em Portugal e no estrangeiro; realizaram mais de 100 sessões dedicadas a crianças, com filmes especiais; foram pronunciadas muitas dezenas de palestras culturais, etc.

Outro importante aspecto da sua actividade foi o Encontro dos Cine-Clubes Portugueses, que se realizou, no passado mês de Agosto, em Coimbra, onde se traçaram directrizes para o cineclubismo nacional, sendo formadas duas comissões: uma, encarregada de elaborar uma exposição ás entidades oficiais, e outra, que tem funcionado como elemento de ligação e consulta entre as associações existentes e cuja actividade merece relevo. Nele há a salientar a elaboração do cadastro de todos os filmes existentes, que já foi distribuido aos clubes de cinema; a realização da I Conferencia de Imprensa e Rádio, uma série de palestras aos microfones do Rádio Clube Português; a distribuição de um inquérito entre as associações, etc.

O Movimento adquiriu, assim, uma importancia extraordinária afirmando-se como dos mais importantes que tem existido no nosso País.

A Cinemateca Nacional

Um dos resultados mais positivos do Fundo Nacional de Cinema foi a criação da Cinemateca Nacional, cuja actividade deve iniciar-se no princípio do ano. A sua biblioteca, competentemente organizada pelo sr. dr. Felix Ribeiro, é das melhores da Europa. A inscrição deste organismo no Arquivo Internacional do filme, assegurará segundo afirmou o seu director em entrevista concedida ao nosso jornal, uma programação de obras clássicas do Cinema aos Cine-Clubes

Obras perdidas

O incêndio que, em meados deste ano, destruiu os armazens de filmes da Rua da Alegria, desferiu um terrível golpe na nossa já escassa existencia de filmes de alto nível. O problema da sua conservação para além dos limites de exploração comercial continua insolúvel, pois os distribuidores têm de acatar uma cláusula dos contratos que os obriga á distribuição das obras. Mais um lote de bons filmes se consumiu este ano na fogueira ou no cêpo, além dos que desapareceram naquele acidente.

A dança dos «écrans»

Vai-se o publico agora apercebendo do ludibrio que constituem os «écrans» panorámicos, cujas proporções, mal equilibradas, cortam a projecção no sentido da altura destruindo, assim, o equilibrio dos enquadramentos, que é o mesmo que desvalorizar totalmente a obra. O caso está a merecer sérios reparos em alguns meios e é muito possível que as salas tenham de voltar a ser dotadas com telas da antiga proporção. Pelo menos, assim era de desejar e há que apelar para a boa-vontade dos exibidores.

AGUA DA BELA VISTA
a melhor água de mesa — Pedidos a: Artur Paiva, Ld.ª — Av de Paris. 22-B — Lisboa — Tel 727974

Cartão diplomata
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador — R. Nova de Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

A PRESTAÇOES
MODAS, LANIFICIOS, MALAS, MALHAS, GABARDINES
ALTA SAPATARIA
RELÓGIOS, OURO, PRATAS
CARPETES, LUSTRES, R. S. F. E MAQUINAS DE ESCREVER
2-C, Av. P. da Vitória, 2-D

Sociedade de Lubrificantes Ingleses, L.da
TEM A HONRA DE COMUNICAR AOS EX.MOS CLIENTES E AMIGOS QUE, A PARTIR DE 2 DE JANEIRO, DE 1956, TRANSFERIRÁ AS SUAS INSTALAÇÕES PARA:
Escritório — AVENIDA DA REPÚBLICA, 4-1.º
Stand — AV. PRAIA DA VICTORIA, 73-A.
Estação de Serviço «SMITHS»
AVENIDA PRAIA DA VICTORIA, 73-B.
BREVEMENTE TERÁ O PRAZER DE COMUNICAR A ABERTURA DA SUA ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA «CASTROL» E OFICINA DE MECÂNICA E ELECTRICIDADE, ONDE ESPERA A HONRA DA VOSSA VISITA

Boas festas
RADIO-RECEPTORES
ILUMINAÇAO
APARELHOS DOMÉSTICOS
DISCOS GRAVADOS
RAIOS X
PELICULAS
EMISSORES DE TSF
ELECTROACÚSTICA
ELECTROMEDICINA
TELECOMUNICAÇOES
SOLDADURA ELÉCTRICA
APARELHOS DE MEDIDA
VÁLVULAS ELECTRÓNICAS
EQUIPAMENTOS DE CINEMA
RECTIFICADORES DE CORRENTE
PELA FELICIDADE EM TODOS OS LARES

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Venda de estrume, lixo, etc., que se produzirem na Estação de Lisboa (Santa Apolónia) durante o ano de 1956

A C. P. realiza licitação verbal, no escritório do chefe daquela estação, ás 16 horas do dia 4 de Janeiro p. futuro, para a adjudicação do estrume, lixo, caruma, carrasca de pinho e aparas de cortiça provenientes da limpeza das linhas e cais da referida estação e das varreduras dos vagões ali descarregados, produzidos durante o ano de 1956.

Policlínica da Rua do Ouro — ENTRADA Rua do Carmo, 88-2.º
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões · As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia geral e operações · As 16 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias · As 13 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia · As 14 horas
Dr. Mário de Mattos — Doenças nos olhos · As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estômago, figado, intestinos e doenças ano-rectais · As 17 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações · As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças · As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese · As 10 horas
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis—A's 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16,30 h.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos · As 16 horas
Prof. dr. Aleu Saldanha — Raios X · As 16 horas

+ Página da MULHER +

Três da tarde: por favor uma amostrinha...

Ainda não há muitos anos, todas nós, as mulheres, tínhamos a regalia de estar em casa, dividir o tempo, consoante os afazeres. Em regra, as senhoras menos vergadas á responsabilidade de executoras dos serviços caseiros, dispunham das manhãs para fazer as suas compras com mais calma. Era a hora em que a paciência dos caixeiros ainda não se esgotou e em que o movimento nas lojas permitia um cuidado particular nas escolhas. E acontecia muitas vezes que, não se decidindo logo por qualquer coisa, ainda, ao fim de muito despejar prateleiras, as senhoras concluiam, pedindo uma amostrinha, por favor...

De loja em loja, coleccionavam molhinhos de amostras com que entretinham a família ao serão e as amigas ao chá. Quantas pediam apenas pelo gosto de pensar que alguém (o caixeiro ou as amigas) ia atribuir-lhe o projecto de comprar um tecido muito longe, pelo preço, das suas posses pequenas?

A verdade é que as clientes não usavam letreiro e o caixeiro, pelo sim, pelo não, a todas ia acolhendo com o seu melhor sorriso profissional: «ás ordens de vocência»...

A certa altura, o jogo das coleccionadoras-desportistas desenvolveu-se de tal modo, que os lojistas montaram secções especiais para fornecer amostras. Eram as mais concorridas da loja, com paradas dobradas e singelas de amostras, porque eram totalmente grátis...

Essas secções, porém, a breve trecho, começaram a provar que não só eram as mais barulhentas, mobilizando três e quatro empregados, como também eram as menos lucrativas. Consumiam metros e até peças de tecidos em rectangulozinhos que iam da carteira das senhoras para o caixote do lixo (com proveito dos trapeiros), sem que se visse aumentar o movimento de vendas. E alguns comerciantes resolveram, uns encerrar, pura e simplesmente a secção de amostras, fornecendo estas a qualquer hora, a quem lhes pedisse, mas em tais condições, que as estrategas desportistas, coleccionadoras de amostras, sentiram-se constrangidas, desistindo; outros, reservando apenas, as primeiras horas do dia ao fornecimento de amostras e recusando-se, sistemáticamente, a fornecê-las depois das 13 horas.

Ora, é a propósito desta decisão, que alinhávamos (utilizamos o tropo porque falamos de trapos...), esta meia duzia de palavras. E' que os senhores comerciantes ao tomar as suas decisões foram contra os interesses da maioria das senhoras. Estas, as desocupadas, as que não têm horários de empregos, continuaram a sair, embora só de manhã, «para arranjar amostras». Mas as outras, as que trabalham até ás 5 ou 6 horas da tarde, essas ficaram impedidas de fazer as suas consultas prévias, ponderar bem os prós e os contras da sua escolha. Em regra, vêm-se forçadas a entrar na loja e a comprar o primeiro mono que lhes apresentam — «espetando-se», como se diz em mau português, porque não lhes sobra tempo para andar de loja em loja. E é só no dia seguinte, pela manhã, á luz do Sol — que darão conta da verdadeira cor do tecido que compraram...

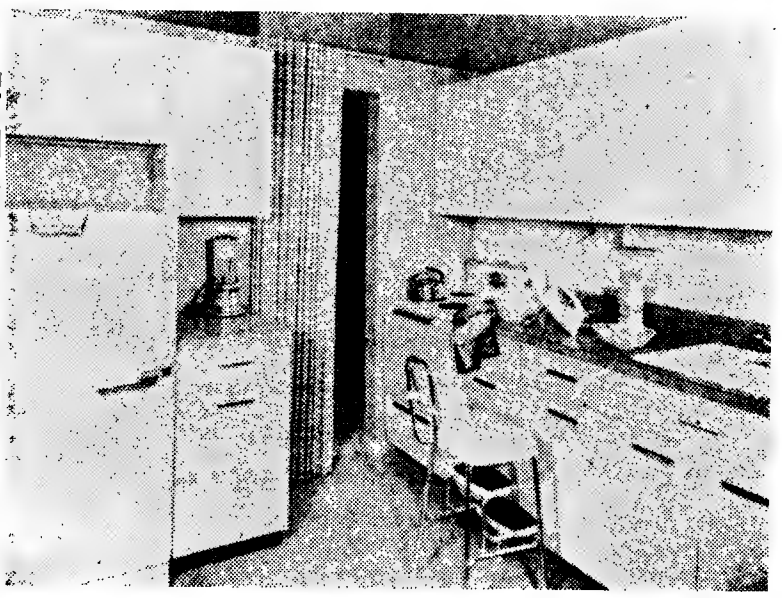
E' por isso, senhores comerciantes, que daqui lhes alvitramos: mudem as horas do fornecimento de amostras. Dêm ás senhoras que trabalham — e que são a grande maioria — a oportunidade de servir os seus horários e o seu bom gosto. E', que, assim, deste modo, serão os senhores, próprios, os comerciantes, os beneficiados. Assim, é que não está certo, porque assim é alimentar ainda, o «vicio» de arranjar amostras, em quem tem um dia inteiro para fazer as compras — deixando insoluvel para muitas o problema da escolha de um tecido. As mulheres que trabalham também contam...

O que se usa

As malas de mão usam-se amplas, principalmente para a vida profissional, desportiva ou, de qualquer, modo prática. Eis um modelo de cabedal claro onde cabem muitas coisas.

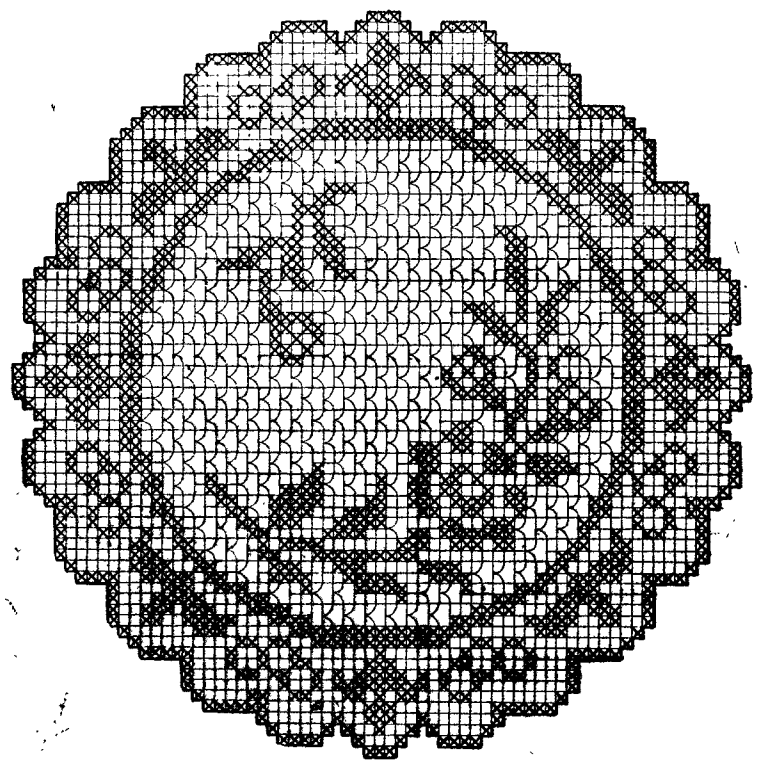
Interiores modernos

Uma cozinha modelo



A pedido de uma leitora é publicado este modelo de cozinha onde há tudo quanto é necessário para facilitar os serviços de culinária e nada que possa impedir ou dificultar os mesmos. Note-se a cadeira com estrados para os pés que é hoje usada nas cozinhas modernas com o fim de dar a maior comodidade á cozinheira

Centro de mesa em «crochet»



A pedido de uma leitora publicamos este desenho de «napperon» que deverá ser feito na malha de abertos e fechados e na malha inglesa com linha Mercer Corrente n.º 40 para atingir, no diametro, 0,30 m.

Nessa dimensão fornecemos este desenho na Folha de Desenhos para Bordados e Rendas, que contem muitas outras para roupas de cama e de mesa, monogramas, pontos de cruz, rendas de «crochet», etc. Custa 3$50 e pode ser adquirida na nossa Administração ou pelo correio. Neste ultimo caso os pedidos com a importancia correspondente em selos de correio devem ser dirigidos á Página da Mulher. Diário de Lisboa. Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

Conselhos e receitas

Contra a caspa e a queda do cabelo dá bons resultados a seguinte mistura: cloridrato de pilocarpina, um grama. Oleo de rícino, cinco gramas. Tintura de cantáridas, dois gramas. Alcool a setenta graus, cento e quarenta gramas. Soluto de sublimado a um por mil, cento e quarenta gramas. Umas gotas de essência para aromatizar.

Usa-se em fricções aplicando-se de dois em dois dias até a caspa desaparecer.

*

As nódoas de vinho saem fácilmente de um tecido se o mergulharmos em leite que deverá estar em ebulição até que a nódoa desapareça.

BLUSAS e SAIAS
GRANDES NOVIDADES
Salão dos Plissados
Rua 1.º Dezembro, 64 e Calçada do Carmo, 10
TELEFONE 21724

ORION
A sapataria que só executa sapatos leves como o ar é de duração perene.
R. Garrett, 42 — Telf. 25943

Elegância e Beleza pelas Especies Vegetais
OBESYL 25$00 cpá
Combate as gorduras
Regula o intestino, normalisa o fígado, activa a função renal.
À venda nas bôas Farmácias

MEIAS Opal PERLON
A FAMOSA
MEIA Opal PERLON
UM PRESENTE...
...que não esquece
A' VENDA NAS BOAS CASAS
MEIAS Opal PERLON

O encanto da minha pele está no uso diário do...
CREME NIVEA
Só ele contém Eucerit, que dá à pele a frescura da juventude
Creme NIVEA
Produto original de Beiersdorf - Hamburgo
N 55/5

MÁQUINA DE COSTURA
ZIGUEZAGUE AUTOMATICA
SINGER
16 NOVOS DISCOS!
ACÁBAM DE CHEGAR MAIS 4 JOGOS DE 4 DISCOS DIFERENTES que, adicionados aos 14 iniciais, atingem a quantidade «record» de 30 DISCOS, o que permite ampliar, infinitamente, as possibilidades desta maravilhosa máquina.
Não necessita aprendizagem. OS DISCOS COMANDAM OS MOVIMENTOS. Faça por si própria, gratuitamente, a experiência da MODERNA COSTURA AUTOMATICA em qualquer das LOJAS SINGER.

CONDOTTI «BOUTIQUE» AVENIDA DE ROMA, 29-A
EM EXPOSIÇÃO:
FANTASIAS PARA NOITE
CRIAÇÕES «LUREX»
E UM MODELO CONDOTTI

O óleo mais caro... e mais económico

O óleo 'Visco-Static' custa mais dinheiro do que qualquer outro. No entanto, ele é o mais barato. Uma economia mínima de 5% de gasolina já compensa a diferença do seu preço. Com ele, também terá:

80% DE DIMINUIÇÃO DE DESGASTE

30 A 80% DE REDUÇÃO NO CONSUMO DE ÓLEO

5 A 18% DE ECONOMIA DE GASOLINA

Graças às suas propriedades 'VISCO-STATIC' os tipos SAE 10W, SAE 20W, SAE 30 e SAE 40 são substituidos por um tipo único que cobre aquelas graduações. No verão, ou no inverno, não há que escolher óleo viscoso, ou óleo fluido.

ARRANQUE IMEDIATO
MELHORES REPRISES
MAIOR PROTECÇÃO

BP SPECIAL ENERGOL 'VISCO-STATIC'

COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP

ESTABELECIMENTOS
Custódio Alves, Lda.
GRANDE ORGANIZAÇÃO DE ALFAIATARIA
Rua dos Cavaleiros, 100 a 102 e 110, 1.º—LISBOA—Telef. 23550
Filial: Rua dos Guerreiros—CORUCHE—Telef. 204
Deseja Boas Festas aos seus estimados Clientes e Novo Ano próspero.

COMPANHIA
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PÁTRIA» 18 DE JANEIRO e 23 de Fevereiro	Para LUANDA e LOBITO. Recebe passageiros e carga.
«UIGE» 30 DE JANEIRO	Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Recebe carga em Lisboa de 23 a 25 de Janeiro

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«SANTA MARIA» 7 DE JANEIRO e 13 de Fevereiro	Com escala por Funchal, para: Las Palmas, S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«VERA CRUZ 6 DE JANEIRO e 3 de Fevereiro	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçau e Havana.

LISBOA—Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

NA VANGUARDA DA INDUSTRIA ALEMÃ
REPRESENTANTES
ABREU JUNIOR E C.ª L.DA
PRAÇA DA ALEGRIA, 6-2 •
TELEF. 22508-LISBOA

OS CEREAIS

Os CEREAIS semeados necessitam, depois das grandes chuvas que têm caído, duma adubação em cobertura, com **NITROCALCIAMON** que contém 20,5% de azoto — metade nítrico e metade amoniacal, e ainda apreciável quantidade de cal, e que está naturalmente indicado para a adubação em cobertura, no começo dum Inverno rigoroso.

A **SAPEC** tem à disposição da Lavoura, não só nas suas fábricas em SETÚBAL, como nos seus armazens em SACAVEM (Lisboa) e no PORTO, o **NITROCALCIAMON «COBELAZ»** embalado em sacos de 100 kos., de juta, e de 50 quilos, impermiáveis, bem como **SULFATO DE AMÓNIO do Amoníaco Português e de COBELAZ**, e os **SUPERFOSFATOS 15% e 18%**, em pó e granulados, e ainda as **CIANAMIDAS** e as **POTASSAS.**

SAPEC
Grandes fabricas em Setùbal

Delegação em Lisboa
R. dos Fanqueiros, — 121, 1.º —
Teleg.:
SAPEC — Lisboa
Telef. 24121-24122-24123

SAPEC SETÚBAL

Agência no Porto
SOC. DE DROGAS LUSITANIA, LDA.
Praça da Liberdade, — 53, 1.º —
Teleg. SAPEC — Porto
Telef. 23727

C. Marques, Lda.
ARMAZENS DO MERCADO
60-B, Rua das Picoas, 60-C — LISBOA — Telefone 46557
Deseja aos seus Amigos, Clientes e Fornecedores um Novo Ano muito próspero.

O ano musical

por FRANCINE BENOIT

As manifestações musicais, isto é, o movimento musical incluindo os espectáculos de ópera, não nos deixam, ao findar o ano, uma impressão muito fácil de definir e de resumir. Congratulamo-nos por umas razões; lamentamo-nos por outras. Em primeiro lugar, inclinamo-nos diante de dois desaparecimentos — o de Luís de Freitas Branco e o de Arthur Honegger — que afectaram duramente, o primeiro a vida musical portuguesa, o segundo a vida musical mundial.

O acontecimento fatal, deu-se para ambos, no fim do mês de Novembro. Alguns jornais portugueses se referiram com alguma largueza ás suas proporções. «Gazeta Musical», nos seus numeros de Janeiro e Fevereiro próximos, prestará as suas devidas homenagens, apresentando por sua vez elementos informativos sobre a personalidade e a obra dos dois compositores.

* * *

A dupla temporada de ópera em S. Carlos, claro está, desempenha o papel de maior relevo na vida musical dos privilegiados, pelo seu próprio género, pela relativa continuidade do empreendimento, pelo luzimento que as verbas votadas lhe permitem. Felizmente, a primeira cena lírica portuguesa mantém um bom grupo coral privativo; e conta com um corpo de baile também nacional. Mas tem graves inconvenientes que absorvem durante mais de quatro meses o melhor da actividade da Orquestra Sinfónica Nacinonal — nossa unica orquesra de funcionamento regularizado, e sem duvida grupo de categoria excelente para uma colaboração destas.

A temporada alemã abriu e fechou com Wagner: o «Tannhäueser» e o «Crepusculo dos Deuses». Esta ultima montagem deu um apontamento muito belo do ambiente, mostrando bem como se pode tirar partido das possibilidades cénicas do teatro; o importante papel da orquestra foi posto em evidência pelo pulso firme, á apaixonada e justa caracterização de Georges Sebastian. Ao mesmo maestro director e a um feliz conjunto de artistas se ficou devendo o triunfo da graciosa obra-prima de Humperdinck, «Hänsel und Gretel». Foi meritória a montagem da nobremente clássica «Ifigénia in Táurida», de Gluck que deixou grande parte do publico frio; em contrapartida, a «Arabella», de Ricardo Strauss, pretenciosa dilatação de ópera cómica, foi bastante reluzente e aliciante para ter muitos adeptos.

Mais desigual se prestou a ser a temporada italiana, que caprichou em não dar muitas reposições: «Tosca», «Aida», a sempre traidora «Carmen», o menos conhecido «Simone Boccanegra». Foram bastantes ás «Novidades», algumas discretamente antigas: começamos por citar a «Penelope», em italiano e por artistas italianos, do maestro português setecentista Sousa Carvalho, que a frouxa representação não ajudou. O alargamento Rossiniano muito em voga proporcionou-nos um «Moisés», que não desmentiu as suas barbas, e uma «Cenerentola», de ponta a ponta cativante na sua graça vivaz e de mais a mais com um desempenho de conjunto admirável, em que figurava Giuletta Simionato na protagonista. Os intensos coloridos e a generosa veia de Puccini manifestaram-se com toda a sua força simpática, talvez um pouco grosseira, em «La Fanciulla del West». O muito falado «Triptico» também de Puccini, composto de três obras independentes, até hoje não conhecido em Lisboa, dá-nos de facto três faces muito diversas da arte operática: a neo-realista, «Il Tabarro», a lírica, «Soror Angelica», e a jucosa, «Gianni Schicchi. Só nos falta mencionar os «Cavaleiros de Ekebu», de Zandonai sobre fundo literário de Selma Lagërloff, estranha e bem vincada associação de latinismo e espírito nórdico. Vamos lá, foi em resumo uma temporada assaz brilhante.

* * *

Assim estivessemos servidos de ópera popular, isto é, de espectáculos líricos para o grande publico! O Coliseu não deixa que se percam de todo as suas tradições, e conseguiu armar uma temporadazinha no principio dessa temporada. Não se afastou do repertório corrente, e joga cerrado óperas diferentes em dias seguidos, ou quase. Sempre vale um pouco a pena, para os cantores em primeiro lugar, permitindo-nos destacar Franca Ottaviani, com pena do seu estilo desigual, Aldo Protti, barítono com voz e histrionismo já de realce, e Ugo Novelli, um baixo bem dotado.

Sonhamos também há que tempos com uma coordenação de artistas líricos portugueses — já não nos atrevemos a chamar-lhe *companhia*. Pequenas experiências prometedoras feitas há mais tempo não tiveram seguimento. O curso de canto de ópera criado pela Juventude Musical Portuguesa no ano passado era um passo no sentido de promover e estimular uma arte lírica portuguesa. Por mais de uma vez, anunciou-se a realização de umas provas mais ou menos publicas, ou para radiouvintes. Continuamos aguardando.

Nem a vida dos concertos sinfónicos tem vento favorável, como frizámos de passagem e indirectamente no princípio desta nossa crónica. Visitou-nos a Orquestra Filarmónica de Viena, em Maio, sob a direcção sensível e autorizada de Karl Böhm. Teve a simpatia de aceder a tocar no Coliseu, e quando julgava ir de encontro ao gosto dos ouvintes, escandalizou-os com um pequeno exagero de repertório de musica ligeira vienense. Em Junho, os privilegiados da bolsa é que foram mimoseados no Império, com a apresentação da célebre Orquestra Sinfónica de Filadélfia dirigida pelo exímio maestro Eugen Ormandy. Que trabalho apurado e que luxo de material! Será verdade que a flauta do 1.º flautista é de platina? A nossa conhecida Orquestra de Bamberg também nos visitou, no princípio desta temporada, com Joseph Keilberth; e no programa Beethoven, o amor próprio nacional foi lisongeado pela colaboração do laureado pianista português Sequeira Costa (no Concerto n.º 3).

Infelizmente, o nosso problema é interno, não se resolve com estas esporádicas lições — quando o são — que nos vêm do exterior. Entra pouco em linha de conta que a O. Sinfónica Nacional seja utilizada para acompanhar os solistas contratados pela Sociedade de Concertos, pelo Círculo de Cultura Musical ou pelo Tivoli. Interessa mais a seu modo que maestros estrangeiros de passagem apresentem por seu intermédio um repertório sinfónico seu, como aconteceu com José Siqueira, maestro e compositor brasileiro. E não nos arrepelamos, pelo contrário, porque o Círculo de Cultura Musical e a Sociedade de Concertos de Lisboa convidaram neste Dezembro, para dirigir a Sinfónica Nacional em programas sem solistas, Georges Sebastian e Pierino Gamba, (que confirma aos 19 anos os excepcionais dotes revelados quando Pierino era uma criança prodígio). Mas tudo isto pouco tem que ver para os benefícios do auditor, com uma cultura sólida, alicerçada sobre bases estudadas, com um alvo, uma finalidade — mesmo que não salte á vista desarmada.

De vez em quando, de longe em longe, surge inesperadamente um programa representativo, uma 1.ª audição significativa, como aconteceu em Novembro com o concerto sinfónico promovido pela A. E. do I. S. T., em que Pedro de Freitas Branco dirigiu em 1.ª audição a 7.ª (e ultima) Sinfonia de Prokofieff. Isto vale a pena; definitiva ou não, é uma obra que não rejeita as maravilhosas conquistas da ciência moderna sem por isso deixar de ter um rico fundo humano, uma aspiração ansiosa á verdadeira fraternidade.

(Vem a propósito reparar na escassez de actuações de Pedro de Freitas Branco, esclarecido intérprete de bastante musica boa do século XX).

Não esquecemos os concertos sinfónicos organizados pela Camara Municipal, com programas pela O. Sinfónica N. e outros encomendados á Orquestra Sinfónica de Lisboa, dirigida pelo maestro Fernando Cabral. Longe de os menosprezar, pelo contrário, constatamos com vivo prazer o interesse crescente do grande publico. E estamos convencida que acompanharia também um movimento sinfónico verdadeiro. Não queremos dizer que seja falso o movimento que nos atrai ladeira acima no cenário encantado do Parque Eduardo VII; mas é modesto, e não suficientemente arrumado. E ainda não permitiram á Orquestra Sinfónica de Lisboa que se definisse inteiramente. De parte de Fernando Cabral, musico firme, só vemos com desprazer a sua antipatia, ou o seu receio, em relação á musica moderna (enfim, relativamente moderna).

* * *

Não fizeram grande bulha este ano os vários Institutos: de França, Britanico, e Italiano; este ultimo atraiu mais as atenções com grupos de instrumentos de arco em que a chama da tradição italiana arde bem viva. Mas neste género de agrupamentos, foi inesquecível o grupo *I virtuosi di Roma*, direcção de Fasano, e a sua interpretação das «4 Estações», de Vivaldi, para a S. de Concertos. Inesquecível também foi a nova visita do Quarteto Hungaro, para o C. C. M., e a sua deslumbrante reedição de Quartetos de Bartok.

Em Lisboa, como pequeno grupo de camara só se manteve o Quinteto Nacional de sopro, direcção Luís Boulton. Como grupo de instrumentos de arco, a Academia de Instrumentistas de Camara, direcção Leonor Prado, cumpre com seriedade, se bem que em publico muito espaçadamente.

Grupos corais em actividade regular, registamos *Polifonia*, direcção de Sampaio Ribeiro, que tem o melhor dos seus trabalhos na execução dos polifonistas portugueses; e o Coro Popular, (secção de folclore) da Academia de Amadores de Musica, direcção de Fernando Lopes Graça, autor de todas as versões corais sobre canções populares cantadas pelo grupo.

* * *

A Juventude Musical Portuguesa, em que já falámos, desenvolveu uma actividade eficaz. Muitos e muitas jovens de facto, com aspecto de estudantes, na sua maior parte, seguem os concertos a que têm direito com ar animado e agradado.

...E a Sociedade N. de Musica de Camara não abandonou o seu posto. Bom seria que o concerto de abertura desta temporada, a cargo de Helena Moreira de Sá e Costa fosse o prenuncio de um nível melhor e mais estável.

«Sonata», organismo pró-musica moderna, com uma relevante folha de serviços prestados á melhor das causas da cultura intelectual e musical, esteve quase calado. Contudo, foi marcante o seu programa o seu programa dedicado a Hindemith em que foi intérprete principal Nella Maissa.

E já que falamos em intérpretes, voltamos a apontar o nome de Sequeira Costa, como o de um pianista requintado e de grande envergadura, técnicamente.

Sérgio Varela Cid fartou-se de papar prémios...

* * *

Falando em composições de musica portuguesa, vemos tão estreito o panorama... As duas Sonatas para piano apresentadas respectivamente por Filipe de Sousa e por Luís Filipe Pires, não são mais do que promessas... Só vemos verdadeiramente os 8 Natais Tradicionais Portugueses, de Fernando Lopes Graça, para piano, e a Sonata para violino e piano, com data de 1947, de Armando José Fernandes. Os 8 Natais, muito originais na sua escrita depurada, foram dados em 1.ª audição no Instituto Superior Técnico, por Maria da Graça Amado da Cunha, com a sua bem vincada e bem estruturada personalidade. Para a 1.ª audição da Sonata de Armando José Fernandes, equilbirada e de boa factura, a execução optima de Leonor Prado e Nella Maissa.

Muitos fomos forçados a omitir. Mas procuramos que não fosse nada Ac. de Amadores de Musica, sob jecção da nossa vida musical. E podemos fechar com a gratissima notícia de que foi ultimada nas vésperas de Natal a gravação em *long-playing* da admirável colecção de 18 Cantos Tradicionais Portugueses da Natividade, de Fernando Lopes Graça, pela Raderz do Porto. A execução musical é do Coro de Camara a direcção do autor. Se não estamos em erro, é a primeira vez que da Ac. de Amadores de Musia, sob se grava em disco uma obra portuguesa de musica séria, para conjunto, por executantes todos portugueses, e uma firma portuguesa.

FRANCINE BENOIT

Comissão permanente
da Farmopeia Portuguesa

Criou-se, na Direcção-Geral de Saude, a comissão permanente da «Farmacopeia Portuguesa», incumbida de a elaborar, rever e interpretar.

Ultima novidade em cabeleireiros: é de Londres e mostra-nos esta bateria de 28 «capacetes» de tocador. Enquanto se submetem aos conhecidos tratos de elegancia, as damas londrinas têm á sua disposição «écrans» de televisão, para não perderem o tempo... enquanto perdem o tempo

A evolução dos salários médios
correspondente a várias profissões
através da estatística oficial

O Instituto Nacional de Estatística acaba de publicar o n.º 28 da sua série de «Estudos», consagrado á divulgação das primeiras estatísticas de salários por profissões, elaboradas por aquele organismo, e ás descrição das principais características metodológicas do trabalho realizado.

O volume insere dados relativos a 25 profissões características das industrias transformadoras, da construção e dos transportes, de entre as mais frequentes na cidade de Lisboa, incluindo duas séries de índices de salários nominais e reais (uns com base em 1938, outros em 1948), um quadro com os valores dos salários médios relativos aos períodos-base e outro onde se regista o numero de empresas e de operários cuja observação permitiu o cálculo dos índices.

Convém observar que, embora referindo-se ás mesmas profissões e tendo sido construídos sob bases técnicas análogas, os índices de base, em 1938 e em 1948, diferem no numero de operários observados, em geral sensivelmente maior no caso do índice mais recente, o que constitui uma presumível vantagem em relação ao anterior. Em contrapartida, este ultimo permite estabelecer comparações com épocas mais recuadas, e, em especial, com o período imediatamente anterior á ultima guerra mundial, facto que lhe assegura particulares motivos de interesse.

Antes de fazer, a título exemplificativo, algumas referências á valiosa informação facultada pelos índices, deve notar-se que, em cada uma das profissões observadas, foram considerados apenas operários do sexo masculino, classificados como «oficiais», facto que convirá ter presente na observação dos índices e, principalmente, na dos salários médios correspondentes.

* * *

Os índices de salários nominais publicados pretendem traduzir, de forma aproximada, a evolução dos salários médios correspondentes a cada uma das profissões consideradas — sem ter em conta as variações do valor da moeda —, durante o período decorrente desde a época-base de cada um dos índices até os fins de 1954. Assim, por exemplo, pode observar-se através dos índices de bases, em 1938, que os salários médios sofreram, no período 1938/1954, aumentos variáveis entre 70 e 150 por cento, consoante as profissões em consideração.

As informações deste tipo são completadas por meio das séries depletadas por meio das séries de índices de salários reais, com as quais se tem em vista avaliar as variações dos salários médios, atendendo, porém, ás alterações sofridas pelo custo de vida, aproximadamente medidas por meio de índices de preços de retalho. No caso do trabalho que estamos a considerar foram utilizados dois índices de preços, ambos devidos ao Instituto Nacional de Estatística: o «Indice ponderado do custo da alimentação e de alguns artigos do consumo doméstico» e o «Índice de preços no consumidor», os quais serviram na deflacção dos índices de salários nominais de base, em 1938 e 1948, respectivamente.

Através dos índices de base em 1938 pode observar-se que, em termos reais, a maior parte das profissões só em épocas recentes atingiu o nível de salários correspondente ao período imediatamente anterior á guerra, nível que sofreu, durante a conflagração mundial, depressões muito consideráveis. Por outro lado, qualquer dos índices considerados revela que, durante o período 1948/1954, os salários reais sofreram acréscimos em geral superiores a 10 por cento e, nalguns casos, a 20, dos respectivos valores, no ano de 1948.

Devemos acentuar que a publicação a que nos estamos referindo, considerada pelo Instituto Nacional de Estatística como «uma primeira tentativa de ataque ao difícil problema da montagem de estatísticas de salários profissionais no nosso país», apresenta já, no quadro ainda bastante limitado das estatísticas do trabalho elaboradas em Portugal, um interesse indiscutível, que lhe será, decerto, reconhecido por todos os interessados em questões de índole económica ou social.

Arrematação de lojas
no Bairro do Grilo

No Pavilhão dos Desportos, vão á praça no dia 16 do próximo mês, pelas 10 horas, as concessões para ocupação, a título precário, de quatro lojas existentes na Rua da Margem do Bairro do Grilo, em Madre de Deus.

RESTAU ANTE-BAR
PORTO DE ABRIGO
RUA DOS REMOLARES, 18 — (ao Cais do Sodré)
Com o melhor serviço de cozinha á Portuguesa por pessoal habilitado.
Amanhã, menu especial aos almoços e aos jantares
Os seus proprietários desejam um Feliz Ano Novo aos seus clientes e amigos.

A última noi

Conto de **António Colaço**

Ilustr

ORA, parece-me que encontrámos o que procurávamos. Vejo lá em baixo uma barraca que talvez...

— Aonde? Não vejo nada.

— Além, á beira daquele pinhal.

— Ai! Eu nem posso olhar para baixo. Esta passarola faz-me uma impressão, assim parada no ar...

— Então, tu não tiveste medo da morte...

— Minha rica menina, é que isto... Bem, eu já andei bastantes vezes de avião, já ouvi falar de discos e charutos voadores, mas isto ultrapassa tudo quanto se possa imaginar.

— Acalma-te. Deixa lá essas fantasias Já te garanti que da minha astronave, nada tens a receiar. Entendidos?

— Está bem. Eu farei o possível por ser ravoável.

— Óptimo. Então vejamos. Além naquela barraca mora gente humilde. Uma gente que deve servir á maravilha para o nosso fim.

— Mas, meu belo anjo, é a essa gente que eu devo confiar o meu neto?

— Exactamente. Isso contraria-te?

— Para falar verdade...

— Sei o que estás a pensar. Mas já te elucidei acêrca de tudo. Digo-te mais: faço isto para te provar quanto erraste, tu, um homem com uma cultura acima do normal, tu, um homem que foi quase um potentado.

— Tive alguma coisa, isso tive. Mas sabeis que perdi tudo, e que foi êsse desgosto...

— Nada! Não tens desculpa. Toda a tua vida foi um rosário de erros. Tiveste muito e nunca te lembraste dos que não tinham nada. Pelo contrário: desprezáva-los.

— Eu era caridoso.

— Ora, ora! Tratavas os humildes como seres inferiores, esquecido de que no fundo de cada alma, ainda a mais primária, há um mundo rico de possibilidades.

— Não compreendo bem o que quereis dizer.

— Ora desçamos, que já te explico.

— Ah! Isto já chegou ao chão? Nem tinha dado por isso.

— Pronto, já cá estamos. Salta. Cuidado não caias. Aproximemo-nos da barraca.

— Parece-me ver além um cão. Lá está ele a ladrar.

— Não tenhas medo, que ele não te morderá. Trazes a criança? Agasalha-a bem por causa do frio.

— É surpreendente! Agora reparo que não sinto frio nenhum.

— Não. Tu não. Mas ela sente.

— Tudo isto me confunde.

— Cá estamos. Deixa ver. Lá dentro, um homem, uma mulher e um burro. Vês?

— Não vejo muito bem.

— Não importa. Bastará para me dizeres o que pensas desta gente.

— Efectivamente, parece-me gente bastante... como direi? bastante humilde.

— Sim. Ao teu lado, homem de civilização refinada, segundo tu pensas, essa gente pode considerar-se primitiva. No entanto, repara: eles são como um teu irmão gémeo, que, ao nascer, tivesse sido atirado para uma floresta. Eles não passaram de um estádio primário: tu atingiste um desenvolvimenot quase brilhante. Mas supõe que tinha acontecido o contrário.

— Tudo isso é muito interessante, mas permite-me que não veja ligação...

— Pois tem-na e muita. Pensa que estes seres que aí estão eram capazes de raciocinar como tu. Têm possibilidades para isso. O que a tua civilização lhes negou foi os meios. Mas suponhamos. A mulher, que é mais sensivel, ei-la que desperta com o ruido que nós fazemos.

* * *

— Eh! João! Acorda. Não ouves?!

— Anh? O que é? Já são cinco horas?

— Não, homem. Mas pareceu-me ouvir um barulho lá fora.

— Ora, se fosses ter pesadelos pró diabo que te carregue...

— Chut!... Não faças barulho. Ora escuta.

— Não oiço nada.

— Espera aí, deixa-me espreitar por esta greta.

— Qual espreitar, nem uma fava. Estás-me a tirar a saca de cima, é o que é. Livra, que está um frio de rachar!

— Ai, João!...

— Hem! Lá viste o diabo, querem ver?

— Não vi o diabo, não. Mas espreita por aqui, espreita.

— Espreito nada. Tenho é frio.

— Olha como Lisboa brilha, lá ao longe. É só luz e oiro. E o Céu também: oiro e luz. Tão azul!... Tão branco!...

— É, é!... Andaste todo o dia na gandaia, vê lá se arranjaste umas *taubuas* prá gente fazer um lumezinho.

— Tens razão. Mas hoje andava com uma coisa que nem sei o que era. Só me apetecia olhar, olhar, encher-me toda daquelas maravilhas que estavam nas montras.

— Quais montras?

— Na Baixa.

— Ah! Eu bem digo que tu estás com sonhos. Na Baixa, hem?! Amanhã vais para a venda comigo que é um regalo. Para não ires passear prá Baixa...

— Vou contigo. Até posso ir sósinha se tu quiseres. Aproveitavas e ficavas em casa... Tapavas estas talisgas... arranjavas o telhado... bem precisa...

— Em casa?!... Mas isto será uma casa, rapariga?

— É a nossa casa.

— Uma barraca...

— É a nossa casa, já disse. E quando arranjares a janela...

— E dinheiro prós vidros?

— ... hei-de fazer cortinas e pôr sardinheiras por baixo do parapeito.

— Se arranjasses um toco de lenha era bem melhor. Caramba, aí no pinhal deve haver ramos. Ou não há?...

— Não deixam apanhar... Se não fosse o burro...

— Ora! o burro há-de ir lá pra fora.

— Se não fosse o burro rebentavas pr'aí de frio. Ele é que aquece o ar, cá dentro. Aquece e dá cheiro...

— Mas eu não o quero aqui. Hás-de fazer um alpendre para ele dormir lá fora.

— Tu é que vais dormir lá para fora, não tarda. Daqui a pouco tenho que ir para a praça e não descanso nada.

— Só pensas em dormir!...

— Mas, afinal, que é que tu queres? É por isso que depois andas pr'aí a sonhar acordada. Não dormes de noite... Olha que gente como a nós não pode gastar tempo com sonhos.

— Mas esta noite, ao menos esta noite, deixa-me sonhar acordada. É noite de Ano Novo...

— Isso é para levares o ano inteiro a malucar, não? Eh! Eh! Eh! Pois sonha pr'aí a ver se isso te aquece. Até podes ficar o resto da noite a espreitar lá para fora: ao menos tapas as fisgas com o nariz e não entra essa *grisa* que é de cortar cabelo. Olha, eu enrolo-me aqui na saca, encosto-me ao lombo do burro... chega cá, «Jeremias», eh! eh! eh!, coitadinho dele... e pronto. Se não me deixas passar pelas brasas vais ver o calor que apanhas.

* * *

—São, realmente, uns pobres de espírito.

—Não faças barulho. Agora ouve o que eles diriam se tivessem consciência, quero dizer, se tivessem um desenvolvimento intelectual de acordo com a civilização que os rodeia. Melhor dizendo: o que eles poderiam sonhar a seguir a isto:

* * *

—Dorme. Dorme. Acordado ou a dormir vales o mesmo. Vales tanto como esse burro. Cumpres a tua sina com a mesma resignação. Segues o teu caminho com a mesma indiferença. Homem sem ambição!... Que me resta de ti senão a possibilidade de te ver a dormir e falar contigo e imaginar que me respondes? Ouves, João? Ouves? Eu falo contigo enquanto dormes e tu respondes-me, embora seja a minha própria voz que eu ouço. Muitas vezes dizes-me coisas lindas, coisas que, acordado, nem sabes que existem. Ouves João? João... Nada Já ressona. Ah! Sim. Mas a tua voz nocturna, a tua voz de sonho, a tua voz de estrelas e de azul vai-me responder.

—Meu amor, dize o que quiseres, dize o que pensas: eu ouço-te. E ouvir-te é mais que viver, é mais que ter ouvidos e olhos e boca para tudo o que é belo. Ouvir-te é gozar a eternidade do amor.

—Oh! João, como tu és magnifico nestes momentos;

—São os teus olhos que me vêem assim. Já admiraste uma onda a desfazer-se em espuma sobre um penhasco adusto? Nesse instante a rocha agressiva, cortante, selvagem, é mais bela que um seio de veludo sob uma renda de Holanda.

—Talvez. Talvez seja eu que te imagino assim. Tu o dizes, deve ser verdade.

—É a tragédia do amor.

—Não. O amor não tem tragédia. Quando há tragédia já não há amor: há desespero. E nós agora não estamos desesperados. Sonhamos, apenas.

—Sim. Mas estou a pensar que os homens e as mulheres seriam muito mais felizes no amor se não houvesse esse mundo que a imaginação cria, esse mundo em que a pessoa amada nos aparece como nós a sonhamos e não como ela é, realmente.

—Nesse caso nunca eu te teria conhecido, nem falado...

—Nem amado.

—Não. Amado, não. Eu amo-te mesmo quando... Amava-te mesmo quando ainda não conhecia em ti o que conheço agora.

—Sim? Mesmo quando sou eu e não o teu sonho que te fala?

—Mesmo quando não sonho.

—Verdade? Mesmo quando não sonhas? Mesmo quando me vês com os olhos cheios de Sol, com os teus olhos claros de realidade? Mesmo quando me vês embrutecido, sem horizonte, bebendo com uma pedra em vez de coração, um punhado de terra em vez de cérebro? Mesmo quando me vês igual a esse burro, insensível á paisagem, sem força nem vontade para me tornar naquilo que tu desejarias que eu fosse?

—Mesmo nesses momentos.

—Então, porque não mo dizes nesses momentos?

—Não me compreenderias.

—Pois não. A culpa é minha, que sou realmente um rustico.

—Não. A culpa é minha, que só nestes momentos de sonho consigo dizer estas palavras. A culpa é minha, que tenho vergonha de te dizer...

—...Palavras e sentimentos que eu não entendo quando estou acordado... Perdoa, meu amor.

—Não. Tu não tens culpa. A vida é muito dura para ti. Eu é que sou uma tola em devanear nestas coisas

—A culpa é só minha. Só sei troçar quando tu falas... assim, com essa meiguice de agora.

—Eu é que não devia roubar-te as horas que tens para descansar.

—O amor é descanso.

—Não, o amor é esforço, quando o amor é são. É uma força que cria novas forças. E tu andas sempre tão cansado...

—Muito cansado, muito cansado. Não só do trabalho, mas parece que de mim próprio, como se o meu corpo, o meu próprio corpo, não gostasse de mim.

—Estaremos a ficar velhos, João?

—Não sei. Ás vezes sinto um tédio muito grande e não me importava de morrer para nascer outra vez, mas diferente. Agora penso nisto com delicadeza, com sensibilidade. Mas nessas alturas o que me domina é a violência, a brutalidade dos meus instintos maus.

—Eu também sei o que isso é. Sinto-me misérrima e mesquinha e dá-me para chorar.

—Eu, ás vezes, acabo por rir como um alarve.

—E sabes? Chego a pensar que sou também um ser inferior, como esse burro. Um bicho que nasceu com corpo de mulher, mas que não passa de um bicho.

—Tu, que és tão boa, tão humana!...

—É que vejo as outras mulheres com um ar feliz, enquanto eu vivo com as entranhas geladas, o peito vazio, o sangue pesado... enquanto eu vivo com os olhos marejados de pedras que reluzem, que faiscam, que entontecem, mas que são frias porque são pedras, gelo, lágrimas.

—Não será toda a gente assim? Já tenho pensado que toda a gente sofre destes males, mas que toda a gente osesconde, como nós os escondemos, porque só temos a noção deles enquanto sonhamos.

—Não. Há muitos que são felizes.

—Nós, ás vezes, também parecemos felizes: rimos, cantamos, dizemos as mesmas palavras que dizem as pessoas sem preocupações...

—As mesmas palavras?... Talvez que o mal de tudo esteja nas palavras. Toda a gente fala, fala, e são as palavras que escondem tudo. Cada um vive acorrentado dentro de si, com os seus segredos, prisioneiro de si mesmo, e usa as palavras para fingir, para mascarar, para se enganar a si próprio e aos outros, porque não há palavras que sejam capazes de abrir o segredo das almas.

—E' certo, isso. Toda a gente usa as mesmas palavras, embora cada qual tenha o seu drama, o seu problema, a sua alegria, a sua tristeza.

—A não ser que os dramas, os problemas, as alegrias e as tristezas sejam iguais para todos.

—Por exemplo: sempre que um homem e uma mulher se encontrem numa barraca, nas mesmas circunstancias que nós, pensam e sentem o que nós pensamos e sentimos?

—E' possível. Numa noite de Ano Novo, numa barraca de lata, com buracos por onde entra o frio, ouvindo ao longe as vozes felizes dos que festejam a passagem da Meia-Noite...

—Mas diz-só, agora: nós pensamos, sentimos de alguma maneira especial? Não vês que sonhamos, apenas. Os nossos corpos estão ali, dormindo, insensíveis, ao lado do burro. Nós, neste momento, também não passamos de palavras. Acordados, ainda somos menos que palavras. Acordados, não existimos...

—Dizes bem. Palavras. Mas palavras que o sortilégio do sonho transformou em realidades. Palavras que têm, neste momento, o que falta ás palavras humanas em geral: independência, raiz, vida, sinceridade.

—Qualquer coisa que nos domina e que parece vir das profundidades cósmicas, como um destino.

—Não o sentes?

—Sinto-o. Sinto-o e neste momento tenho a certeza de que é humano, embora rude, de que amo, conquanto o meu amor seja selvagem.

—Sentes, João, sentes que amas?

—Sinto.

—Ah! Eu que cheguei a duvidar...

—Tinhas motivos para isso. O meu amor não se via.

—Não era bem do teu amor que eu duvidava. O que eu não tinha era a certeza de que o amor existisse em alguém, de que o amor fosse possível nalgum sítio, de que o amor não fosse apenas uma palavra mais.

—Ah! Cala-te. Quem pensava assim era eu. E agora és generosa a ponto de dizeres que eras tu que não acreditavas no amor.

—Sim, confesso. Eu também cheguei a duvidar de que o amor fosse numa realidade.

—Mas é. Eu sinto-o Eu sinto-o. Não o vejo mas sinto-o, não o compreendo, mas sinto-o, como sinto este frio que nos traspassa.

—E' isso, João, é o amor Sentimos mais o frio quando o coração desperta. Ah! Como tens as mãos geladas, e o rosto, os olhos.

—E tu, tu também estás gelada Mas o teu peito como escalda!.. Meu amor... Meu amor...

*

—Isso seria muito lindo se fosse sem eles próprios que pensassem essas coisas e não a menina.

—Já esperava por essa resposta. Mas não acreditas que eles falariam e sentiriam assim se tivessem consciência do seu próprio estado?

—Se eles tivessem consciência do seu próprio estado já não seriam os mesmos seres, como direi? humildes...

—Esplêndido! És perspicaz.

—Sou velho, meu anjo.

—Mas só agora compreendes que a grandeza, a ternura, a inteligência vivem no coração de todos os homens, independentemente da sua condição, embora só se revelem em clima favorável. Quis mostrar-te como será belo o vosso mundo no dia em que a civilização estiver ao alcance de todos os homens.

—Quereis dizer que a felicidade como a inteligência, vive latente no homem, faz parte do seu ser?

—Não estás de acordo?

—Talvez. E se eu soubesse isso antes não tinha feito o que fiz. Mas eu já não acreditava em nada.

—Finalmente compreendeste. Já sabes o que tens a fazer, agora.

—Mas que lhes direi?

—Olha, dize-lhes que és o Ano Velho e que lhes vens trazer o Ano Novo.

...e

...do por **Carlos Botelho**

...o, a minha história: E' uma his-...ria fantástica, mas confio na vos-...singeleza. Em poucas palavras: ...inha filha, viuva de seis meses, ...orreu ao dar á luz esta encanta-...ora criança. Para mim, velho, ...ansado, esse foi o golpe mais ter-...vel que podiam ter-me descarre-...ado sobre a fronte. Durante toda ...minha vida vivi intensamente. ...rabalhei muito, ganhei muito di-—Está a brincar. Eles são muito ...ngénuos mas não acreditarão ...isso.

—E na verdade, acreditarão?

—De qualquer maneira é prefe-...ivel dizer-lhes a verdade.

—Vamos fazer a experiência. Mas ...ignorancia a que vós os tendes ...garrados, aliás a ignorancia de ...oda a raça humana, não me parece ...avorável. Experimentemos.

*

—João, agora é que é certo. Oiço ...ente lá fora. O cão ladra.

—Agora também oiço. Deixa ver. ...arece-me que anda um vulto além ...o pinhal.

—A estas horas ...

—Vem para cá.

—Será alguém que anda perdido.

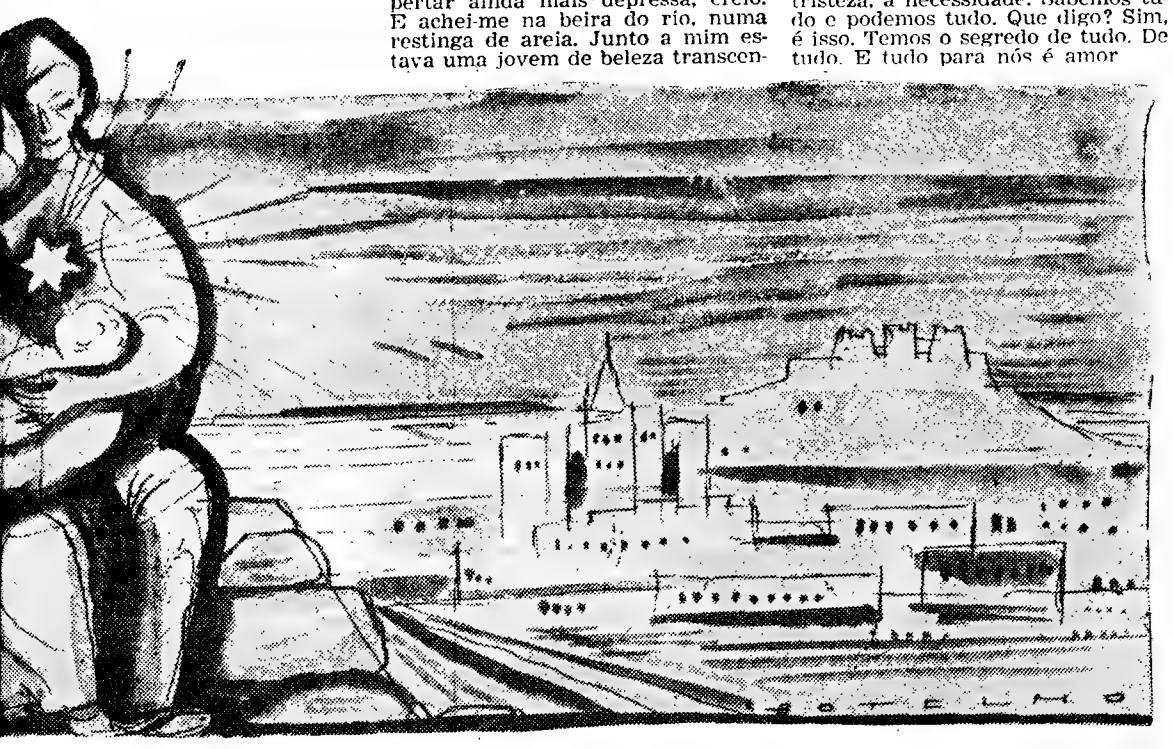
—Ou algum bebado.

—Abre lá a porta.

—Tenho medo, João.

—Qual medo! Abre lá, anda.

—Boa noite.



—Que é que quer?

—Perdoem vir incomodá-los. Mas precisava de alguém que me ficasse com esta criança. E' meu neto. Eu tenho de ir para muito longe... e, como sei que sois boas criaturas, vinha deixá-lo á vossa guarda.

—A nós?

—Ele não tem ninguém, boa mulher.

—Nem pai, nem mãe?

—Ninguém.

—E você? Não disse que era avô?

—Eu também já não sou ninguém, meu amigo.

—Ah! Você está mas é bêbado. Estás a ver isto? A dizer que não é ninguém... Ele lá tem as suas razões. A bebedeira é das de caixão á cova, lá isso é.

—Eu não estou embriagado.

—Não? Então há-de dizer ás autoridades como é que arranjou este pobrezinho e porque era que vinha deixá-lo aqui.

—Por favor. Fiquem com essa criança. Será um grande acto de humanidade, juro-lhes. E deixem-me ir embora.

—João, o menino é lindo!...

—Pois é. E amanhã apareciam as autoridades e os pais da criança a dizerem que a gente a tinha roubado. Ná! Vivemos numa barraca, lá isso vivemos. Mas somos muito honrados. Vivemos do nosso trabalho e não roubamos nada a ninguém, quanto mais crianças. Tomara pão p'ra nós!

—E' uma felicidade para mim saber que sois pessoas honradas. E' mais uma razão para insistir no meu pedido.

—João, nunca tivemos um filho.

—Mulher, tu estás doida!...

—Talvez ele nos viesse dar sorte.

—Mas então, vamos aceitar uma criança das mãos de um desconhecido, ficamos com ela, sujeitos a sei lá o quê, sem sabermos de quem é, de onde veio... A mim não me desgostava, mas...

—Ficai descansados. Nenhum mal vos acontecerá. Mas, ouvi, enheiro, saciei-me de todos os prazeres e de todos os vícios. Acabei por ficar na miséria, precisamente quando o meu corpo e a minha alma chegavam também ao descalabro. Descrente de todas as crenças, insensível a todos os sentimentos, sem um unico amigo, a mais ténue esperança — que me restava? Uma filha. E essa também a perdi. Nada me prendia á vida, então. A existência era um sacrifício que ideal algum me animava a suportar. Tinha um neto, é verdade: um ser recém-nascido a quem nem sequer tinha afeição. Resolvi acabar com tudo. Atirei-me ao rio. Sofri com indiferença as agonias da asfixia pela água, que para uma pessoa normal deve ser um suplício indescritível. Por instinto, é natural que tenha esbracejado. E natural que, não sabendo nadar, tenha agitado os braços na altura de me afundar. Não sei como foi. Apenas sei que voltei a dar acordo de mim, passado não sei se muito, se pouco tempo. Uma luz intensa fez-me despertar ainda mais depressa, creio. E achei-me na beira do rio, numa restinga de areia. Junto a mim estava uma jovem de beleza transcendente. Sorriu. Ajudou-me a levantar. Quando eu ia admoestá-la por me ter arrancado ás garras da morte, ela voltou a sorrir. Então, fitando o seu rosto sereno, iluminado por aquela luz intensa, eu soube o que jamais sonhara possível: Isto é complicado para os vossos raciocínios, para os vossos conhecimentos. Mas alguma coisa haveis de compreender do que então se me revelou. Tenho ainda a vibrar no cérebro a voz cristalina desse anjo.

—Um anjo?!...

—Sim. Não! Não é um anjo como nós imaginamos. Mas a sua voz era a de um anjo. Falou-me assim:

* * *

—Meu pobre homem! Que fizeste? Pesa-te assim tanto a vida? Tiveste sorte de eu vir a passar por aqui neste instante.

—Quem sois vós?!

—Modera a tua curiosidade. Tratemos primeiro de ti.

—Que lhe interessa a minha pessoa?

—Nada. Mas a tua vida...

—A minha vida também nada lhe interessa.

—A mim, não. Mas ao teu neto. Deixáste-lo fechado num quarto e morrerá de fome se ninguém lhe acudir.

—Mas quem é a senhora?! Que sinto não sei o quê desde que...

—Faz de conta que sou a tua consciencia.

—A minha consciência?

—Não o posso ser, evidentemente. Nunca a tiveste. Não negues. Sei toda a tua vida. E para não julgares que te minto vou dizer-te quem sou. Vivo num mundo que gira além, na órbitra de uma daquelas estrelas. Há muitos, muitos anos, o povo do meu mundo, deixou ficar na Terra vários casais de seres inferiores, que foram os vossos antepassados, a fim de poderem ser estudadas as condições em que nós próprios tinhamos evoluido até chegarmos ao que somos. Durante os milénios que transcorreram, temos observado a vossa evolução, o vosso aperfeiçoamento, as vossas crises. A's vezes, enviados do meu mundo vêm mesmo á Terra e por cá se demoram, entrando em contacto convosco. Os vossos antepassados tiveram-nos muito justamente por individuos imensamente superiores. Daí as lendas dos deuses poderosos. Lendas, disse eu? Não, realidades. Tudo quanto se conta, tudo quanto está escrito nos livros antigos, sagrados ou profanos, é realidade. A's vezes, a tradição oral ou escrita, os interesses dos homens, a maldade ou a imaginação desviaram um pouco a verdade. Mas no fundo, algo existiu que deu origem a tudo. Hoje, os homens estão a dois passos de atingir a perfeição que nós já alcançámos há muito. Tudo quanto há de mais belo, de mais luminoso. Falais de amor, de sentimentos? Que sabeis vós de tudo isso? O vosso amor é sómente o instinto de conservação da espécie. Os vossos sentimentos são apenas leis inexoráveis que nos dominam e a que obedeceis. Sois ainda escravos. Nós somos senhores de tudo no Universo. Somos imortais, somos puros, vivemos para o prazer sem que o prazer nos corrompa. Perdemos a noção do mal, da distancia, do tempo, porque para nós nada disso existe já. Dominámos definitivamente a dor, o esforço, a tristeza, a necessidade. Sabemos tudo e podemos tudo. Que digo? Sim, é isso. Temos o segredo de tudo. De tudo. E tudo para nós é amor

—Tudo isto eu compreendi, fulminantemente, porque estava sob o poderio daquela jovem que me salvara das águas. Compreendi mais: o meu neto pode ser feliz, por que a Humanidade está prestes a conseguir a felicidade absoluta, aquela felicidade que eu nunca tive, que eu já não posso ter. E' certo que eu podia ainda ter alguma esperança. Mas cometi o erro de ter destruido a minha própria vida. Não sei como aqui cheguei, nem o que me vai acontecer. Sei que estou sob o domínio daquela luz. Foi ela que me trouxe aqui. E' ela que me chama neste momento.

—Bem... Vocemecê falou, disse pr'aí coisas que a gente não compreendeu metade, e nós cá histórias só acreditamos no que vemos, mas...

—O' homem! Este senhor quis dizer que os sábios, ou lá quem é que governa, hão-de arranjar maneira de toda a genter ter o pãozinho p'ra boca, a casa, o que vestir e ainda alguma coisa p'ra divertimento, não é, meu senhor?

—Boa mulher, o teu bom coração, a tua vontade de compreender enternecem-me. Mas não é só isso. E' qualquer coisa de maravilhoso, qualquer coisa comparável... Olhai esta criança...

—Tão linda!...

—E' tal qual um menino de *presepe*.

—...olhai a serenidade com que dorme, com que sonha, talvez. Pois tudo será assim. Tudo será como um sonho de criança ...Uma paz infinita...

* * *

—Agora compreendo, meu anjo.

—Ainda bem.

—Compreendo e, tendo mais do que nunca razão para me sentir infeliz, é a felicidade que banha de calor tudo o que resta dos meus sentidos.

—Tens agora o que te faltou em vida.

—Confiança no futuro. Confiança na força humana. Confiança no cérebro e coração dos homens.

—Aquela mulher mostrou-te o caminho que devias ter seguido.

—Sim. Mas há uma coisa que me preocupa. Porque é que as minhas palavras os adormeceram?

—Bem vês, o que não se compreende totalmente toma-se como maravilha, com todos os seus efeitos entorpecentes. No entanto, do sonho alguma coisa fica que ajuda a compreender, ou até mesmo a edificar a realidade. Mas, tudo isto é complicado. Anda. Pelo caminho te explicarei melhor.

—Para onde me levais?

Para o fundo do mar.

—Mas não tinhas dito que era numa daquelas estrelas?...

—O meu povo? Sim. Mas tu escolheste o abismo para nele te lançares.

—E' cruel!

—Não. Foste tu que escolheste.

—Lavrei o meu próprio castigo.

—Chama-lhe o que quiseres. Castigo justiça... Mas não nos demoremos. Tenho que aproveitar o primeiro raio de Sol para regressar, enquanto o teu mundo ainda dorme.

Quase duas temporadas

sob o signo do Fundo do Teatro

não chegaram para erguer o nível

dos espectáculos em Portugal

Quando, há um ano, abriamos uma longa reportagem do que fora o ano teatral de 1954, assinalávamos com jubilo: a temporada decorreu, sob o signo dos autores portugueses. Raras épocas terão, de facto, decorrido com tantos exitos como essa de 1954, exitos artísticos e exitos de bilheteira. Hoje, ao traçarmos estas linhas de abertura, vem-nos á pena a pungente realidade: 1955 foi um ano quase negativo, no vasto panorama da produção portuguesa.

Então, uma grande interrogação fechava a ultima página do ano, ao reconhecer-se a ausência do Fundo de Teatro á data regulamentado. Hoje, abre-se um periodo para dizer que a efectividade do mesmo Fundo de Teatro em muito pouco contribuiu para erguer o nível da função teatral portuguesa. Não se contem, nesta rápida visão do ano que finda, numeros de caracter administrativo. Basta que se recorde serem poucos os países onde o auxilio ao Teatro se revista de uma expressão tão substanciosa em matéria de dinheiros e facilidades. Dir-se-ia, mesmo, que tudo é demasiadamente facilitado —e que o facto cega um tanto os orientadores de teatro. Muito luxo, muitas ambições, para mascarar maus elencos e más representações não bastam para justificar a concessão de subsidios e isenções de encargos. Sobretudo, se esses subsidios e isenções não favorecem a dramaturgia nacional, antes autores estrangeiros e uns vagos tradutores.

O exito indiscutível do Teatro português no II Festival Internacional de Paris, ao representar-se Gil Vicente e Cortês, não chega para apagar a mancha negra que pesa sobre a temporada que finda. E só se pode concluir: tudo continua por fazer, tudo está para rever.

Sob o signo do Fundo de Teatro

1955 abriu o seu pobre cartaz com uma realidade, «Prémio Nobel», que seria, mais tarde, distinguida com o «Prémio Gil Vicente» concedido pelo Secretariado. E com algumas fantasias: «Casado sem saber», no Avenida, peça de Tristan Bernard, com Assis e Clarisse Belo; e a «Irmã S. Sulpicio», no Apolo, um desarranjo teatral que pode ter dado dinheiro mas nunca merecimento e glória.

No teatro ligeiro, registavam-se, no Maria Vitória, a revista «Como é o tempêro?», com Salvador; no Variedades «Mulheres há muitas», no Monumental uma incrível «Parada musical»; no Coliseu dos Recreios, apresentava-se uma companhia de circo.

Depois, a temporada continuava. Continuava, que era como se se dissesse: estagnava. «Prémio Nobel» retirava-se da cena, depois de uma carreira mais do que centenária, dando lugar a «Um marido ideal», no Nacional. Era uma reposição e o cartaz dos espectáculos, até ao dia 19 de Janeiro, acusava apenas retiradas. Não se pode dizer, aliás, que «Aqui é Portugal», apresentada no Avenida, depois de longa carreira no Porto, com Mirita Casimiro, não constituiria uma vitória teatral. Era, pelo menos, uma vitória de cartaz.

«Para cada um sua verdade», no Nacional, asseguraria a actualidade de Pirandello, durante longos meses. O mesmo sucederia á revista «Oh! Zé, aperta o laço!», apresentada no Maria Vitória, por Salvador. «A solteira rebelde», que iria tentar quebrar o silêncio longo do Monumental, não chegou a passar de simples tentativa.

Tudo, aliás, até aí, decorria sob o signo da tentativa, um pouco á deriva, com alguns compassos de espera. A espera dos subsidios do Fundo de Teatro que viria para o primeiro espectáculo: apresentava-se «A Severa», de Julio Dantas, no Monumental, com Amália Rodrigues na protagonista. Não obstante todos os elementos encarecíveis que nele concorriam, o espectáculo enfermava pelo seu caracter oportunista. Iria o Fundo de Teatro nascer e viver sob o signo do tiro de maior ou menor calibre?

O segundo espectáculo oficialmente subsidiado creditar-se-ia, porém, pelo seu alto nível de representação e, até pela categoria do texto: «A casa dos vivos», apresentada pelo Teatro de Arte de Lisboa, no Trindade, com um grupo de «notáveis» da cena portuguesa. Sob os auspicios de Vasco Morgado, apresentava-se, em Março, esse notável actor que é Rodolfo Mayer, com a peça «As mãos de Eurídice», de Pedro Bloch. «Saias

(Continua na página seguinte)

Amélia Rey-Colaço conquistou em Paris um verdadeiro primeiro lugar para o Teatro português; Brunilde Judice, em «Casa de vivos» e « «Quando a verdade mente», um grande primeiro lugar de comediante

A reaparição sensacional de Eunice Muñoz e a «existencialista» de Laura Alves na revista «Mulheres há muitas» constituiram dois dos acontecimentos da época que finda

O ano teatral

(Continuação da página anterior)

curtas» reaparece e logo se eclipsa, para dar lugar, no Coliseu, á revista «Cidade maravilhosa», com Salvador: «A terceira palavra», de Casona, no Nacional, reafirmará a ductilidade de talento de Rogério Paulo e de Helena Felix; o Trindade anuncia, sensacionalmente, a estreia de «Yerma», de Lorca, que não segue, no desempenho, na montagem e na espiritualidade do ambiente, o rastro fulgurante da peça de Graham Green. Empalidecia a estrela a que o Fundo de Teatro emprestara estranho brilho. No Monumental, despedia-se «A Severa», com a «Ceia dos cardeais».

Entretanto, Maio trazia ao Maria Vitória, com Mirita á frente da organização e do desempenho, um novo autor teatral, Romeu Correia, que apresentava «Saura», uma verdadeira peça de teatro, com seu recorte simples, popular, a que o publico não daria a merecida atenção.

De novo subsidiado pelo Fundo de Teatro, o Monumental apresenta o segundo original português da temporada. É, ainda, uma reposição: «Sua alteza», de mestre Ramada Curto, com Villaret, Laura Alves e Gamboa. Já, então, para uma curta temporada, aparecia no Variedades a companhia folclórica argentina que tinha á frente Célia Quiró. «O tio Valente», de Aniches e Cadena, no Avenida, com mestre Alves da Cunha, não mereceria melhor carreira do que essa que o destino lhe votou.

Era Julho, Verão, em plena subida termométrica. A temporada findara com uma sensação de irrealidade caótica. O Fundo de Teatro funcionara a título experimental. Era preciso colher dessa experiência uma verdadeira lição para o futuro: em primeiro lugar, sem esquecer consagrados, exigir-se um lugar para os novos originais e para os novos autores; depois, uma representação que não se afogasse em ouropeis de encenação. Competência directiva e executiva, numa palavra. Critério selectivo, porque não é em vão que passam sobre o Teatro vinte e cinco anos de maus autores, más escolas, maus professores e mau publico.

A temporada de Verão

Representa-se, a abrir a chamada temporada de Verão, «Jogo de damas», de Raoul Praxy—um exito inesperado, com Laurinha, Gamboa e Villaret. Todo o mês de Agosto decorrerá, aliás, quase sem espectáculos. Apenas o Teatro do Povo fará as suas melancólicas despedidas, depois de uma carreira de duas dezenas de anos utilmente consagradas ao teatro popular e á educação das massas populacionais; e, no Avenida, sobe á cena, com um grupo de artistas em férias, a peça policial «Dez convites para a morte», versão do livro de Agatha Christie, segundo Noel de Arriaga. Demorar-se-á mês e meio no cartaz. E, entretanto, é Setembro, mês em que Vasco Morgado apresenta o primeiro espectáculo da temporada—«Melodias de Lisboa», posto em cena no Monumental com rigoroso primor por contraste com o triste agrupamento francês que nos vem visitar no Variedades: Moulin-Rouge Folies. É, aliás, dentro de uma espécie de nova tentativa, um espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro.

Segue-se, no Maria Vitória, «Festa é Festa», uma revista que fica á margem de outras iniciativas de Salvador. O Trindade inaugura a temporada, subsidiada pelo Fundo de Teatro, com a peça de Costa Ferreira. «Quando a verdade mente», um tema do nosso tempo, representado com a dignidade e a categoria dos seus ilustres intérpretes principais: Brunilde, Lalande, Alves da Costa e Augusto de Figueiredo. Para reabertura da temporada, o Nacional reedita o êxito de Paris, repondo «Tá mar», de Cortês. No Avenida, sensacionalmente, reaparece a grande Eunice Muñoz, «em Joana d'Arc», de Anouilh, espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro. O conjunto desarmónico, de categoria heterogénea, como os problemas ligados á encenação, aos «décors» e ao guarda-roupa desaparecem perante a sua interpretação. «A Muralha», de Calvo Sotelo, marca a primeira estreia da temporada nó Nacional. Depois, o acontecimento marcante da temporada devia ser a apresentação, no Trindade, de «As três irmãs», de Tchekhov. Um «décor» e uma interpretação fora das dificuldades que o texto oferecia não confirmaram as grandes expectativas.

A ultima estreia do ano será, no Monumental, o «Ballet de Espanha», com a ilusrte Mariemma á cabeça de um conjunto que impôs a sua técnica e a sua arte.

A presença do «New York City Ballet», em S. Carlos, do «Ballet Moderne», no Tivoli, e do «Ballet»-Concerto, de Fernando Lima, no Império, são acontecimentos assinaláveis, como é a apresentação de «Aí vêm os palhaços», posta em cena, com êxito, no Monumental para as crianças de Lisboa. Algumas reposições de Gil Vicente, — mo espectáculos culturais, muitas ambições e projectos irrealizáveis findaram com o ano que hoje morre. Outras, porém, nascerão, porque esperar, ambicionar e querer é próprio do homem. Daí, ser prematuro concretizar rumores que andam por aí. Retirar subsídio do Fundo de Teatro, a meio da temporada, seja a quem for—isso é que não. Até ao fim da vindima, sempre é vindima. E' tempo de corrigir aquilo que num projecto eram anunciados magníficos. A todo o tempo é tempo, sim. E, sobretudo, para ouvir os clamores dos autores portugueses que vão parar á Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais. Para quando, a sua vez? —M. A.

Pensão Belga

R. Actor Tasso, 11 — Tel. 40529 e 49671

Conforto moderno, telefones nos quartos, ambiente e serviço de bom hotel.

Crónica filatélica

Outro 1.º voo, e um voo com desastre

Aqui há semanas, foram-nos oferecidos por um distinto filatelista lisboeta, e querido amigo, o solicitador Encartado Mário de Jesus Pereira, dois sobrescritos de bastante interesse, cujo recebimento logo registámos, mas a que só hoje nos é possivel fazer a devida referência.

Um deles é um sobrescrito com o carimbo, que já possuiamos, do 1.º voo de Lisboa-Nova York, em 26 de Maio de 1939. Carimbo azul, já hoje nada vulgar, tendo ao lado, a violeta, o carimbo circular de Washington, May/30/1939, e, no verso, nada menos do que sete carimbos de Nova York...

Vale a pena acrescentar que tal voo foi o de regresso do 1.º Nova York-Europa, iniciado em 20-5-939, pelo potente hidro-avião transatlantico «Yankee Cliper», da Pan American Airways, saído, pelas 17 horas de Port Washington, Long Island, para os Açores, baía da Horta, onde amarou em 21, com mais de 100.000 cartas para toda a Europa. Chegou a Lisboa no mesmo dia 21, a Marselha em 22, e a Southampton em 23. Regresso e chegada a Marselha em 24, partida e chegada a Lisboa em 25, partida, amaragem na Horta e largada em 26, Washington em 27. Dentro deste quadro se localiza aquele sobrescrito que nos foi oferecido, com carimbo de Lisboa de 26-5-939.

A outra peça enviada por Mário de Jesus Pereira é um sobrescrito com quatro selos de Angola, e dois carimbos circulares de Luanda, de 26-IV-39. Aberto e queimado a toda a volta, faz parte da rara correspondência salva do desastre de avião da carreira Africa-Europa, ocorrido naquela data. Anexo, encontra-se o sobrescrito francês em que o anterior foi remetido para Lisboa, com carimbo de Paris, e os dizeres, também de carimbo: «Service Postal Français. Corespondance retardée par accident d'Avion. Prière de ne pas taxer».

Peças deste género são hoje muito raras, e bastante procuradas, havendo coleccinadores que a elas, exclusivamente, se dedicam. Quanto a nós, possuimos mais algumas, de que a seu tempo aqui daremos noticia, para conhecimento dos interessados. — V. C.

Mundo dos selos

Recebemos saudações de Boas Festas dos filatelistas E. Kehr, dr. J. M. Martins Soares, Luís António de Lemos Ramalho de Azevedo Coutinho, Hugo Fraccaroli, dr. José Salazar Carreira, Edições Ouro, J. M. Rebelo de Sousa, Leopoldo Trajano da Mata, dr. Manuel Fernandes Costa, prof. Alfredo Dias, dr. Querobino Martins, João Máximo da Silva, António Pereira de Oliveira Belo, Gomez Latorre, S. Rabayov, dr. Paulo Hohlfeldt Filho, Portugal Filatélico, dott. Palermo, almirante Magalhães de Macedo, Filipe C. Domingos e Coelho Dias. Retribuimos, com sinceros desejos de um Novo Ano feliz e próspero.

— O juri da II Exposição Filatélica do Chinde conferiu uma menção honrosa ao prof. Alfredo Dias, director da secção filatélica do «Diário», de Lourenço Marques, pela sua extraordinária actividade em prol do desenvolvimento da filatelia.

— O distinto filatelista J. Gomes de Sousa ofereceu-nos outro sobrescrito com carimbo português de censura de guerra. Sinceros agradecimentos.

— O próximo leilão Molder, em 10 ou 12 de Janeiro, além de muitos e valiosos lotes de selos, entre os quais um 5 reis de D. Maria, novo, impressão sarapintada, e um par de 100 reis de D. Pedro, novo e de beleza excepcional, — incluirá um formidável lote de 100 cartas antigas, quase todas com carimbos raros, e alguns deles raríssimos.

— Será distribuido dentro de dois ou três dias o novo numero do excelente Boletim do Clube Filatélico de Portugal, que insere inumeras gravuras e valiosa colaboração e uma destacada referência ao «Diário de Lisboa», e ao seu ilustre director.

— Lamentamos profundamente que para a FIPEX apenas se tenham inscrito os srs. Eduardo Cohen, dr. Vasconcelos Carvalho e Clube Filatélico de Portugal. O nosso país perde, assim, uma excelente ocasião de se destacar, como podia e devia, na grande capital filatelia internacional.

—O Menino Jesus enviou-nos este ano um belissimo album cheio de provas e de ensaios de Portugal, desde os clássicos, passando pelas Ceres, até aos «porteados», com variedades de cores, de denteados e de papeis... Porque o Menino Jesus nunca fora pródigo connosco, é muito comovidamente que aqui lhe deixamos um «muito obrigado»...

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos: *Flama*, suplemento do Clube dos Coleccionadores, Dezembro de 1955, director Artur Santa Bárbara, Rua de Santa Marta, 48, Lisboa; *dr. Benjamim C. Camozato*, vários exemplares da sua excelente secção filatélica no «Correio do Povo», Edificio Caiçara, Ap. 21, Porto Alegre, Brasil; *A. Laville, Suc.*, catálogo da 12.ª venda, 15, Rue de Saint-Hèlène, Lyon; *H. R. Harmer, Ltd.*, catálogo do leilão de 6 e 7 de Fevereiro de 1956, com França, Grã-Bretanha, estados alemães, etc., 41, New Bond Street, London, W. 1.; *Amedeo Palmieri*, «Il Bolletino Filatelico», revista, ano 45, n.º 520, Dezembro de 1955, Casella Postale 548, Firenze Itália.

Notícias diversas

Um indice do ano olivícola, no que respeita á rica região albicastrense: devido á seca do ano e á chuva na altura da apanha, a azeitona deu tão pouco que em alguns casos o azeite ficou a 30$00 o litro.

*

O Ministério do Exército foi autorizado a celebrar um contrato, por 2.075 contos, para a execução da empreitada de construção em Lisboa de 15 edifícios para paiois.

*

As instalações de aquecimento e eléctrica do Ministério do Interior custarão, respectivamente, 846.200 e 740.000 escudos.

*

Foi aprovado e posto em execução pelo Ministério do Exército, a título provisório, o Regulamento de Campanha — Serviço.

*

Os cidadãos americanos Peter Borba e D. L. Oliver foram agraciados com a comenda da Ordem de Benemerência.

*

Está vago o lugar de conservador do Registo Civil de Ponta do Sol.

*

Em 13 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, realiza-se, no Pavilhão dos Desportos, a hasta publica para venda das lenhas existentes no depósito do Parque Florestal de Monsanto.

*

Foi agora publicado o terceiro numero (2.ª série), da Revista Portuguesa de Seguros, que inclui vasta colaboração sobre mutualismo, estudos económico-sociais e divulgação de seguros.

Pensão São Jorge

R. Castilho, 59-1.º — Tel. 49906
Lisboa

A mais moderna, conforto, selecção e excelente cozinha. Comensais.

A. M. SILVA
ARMEIRO

Cumprimenta, desejando aos seus amigos e clientes festas felizes e próspero Ano Novo.

Rua da Betesga, 1
L. Praça da Figueira, 17-2.º — LISBOA
Telefones 3 1 3 1 3 - 3 1 3 1 4

BRAZ & BRAZ, L.DA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Novo Ano muito feliz.

EXCURSÕES
CAPRISTANOS
A SEVILHA — DIA DE REIS
Partida de Lisboa a 5 de Janeiro
Chegada a Lisboa a 8 de Janeiro
Informações:
Avenida da Liberdade, 72-A
Tel. 35505

ESTABELECIMENTOS
Jerónimo Martins & Filho, Lda.
—— LISBOA ——

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes boas festas e um Novo Ano feliz.

ARIPS-U IPREÇO
Rua de St.ª Justa, 109 — R. do Carmo, 64
Av. Almirante Reis, 126 (à Praça do Chile)

Desejam a todos os seus clientes e a todos os seus fornecedores um Novo Ano muito feliz e repleto de SAUDE, DINHEIRO e SORTE !

Policlínica de Arroios
P. DO CHILE. 14-1.º — T 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urı., 17 h
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos. 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes. 15 h
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Cor. e pulm., 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífiles, 15 h
Dr. Eurico Alves Pereira—Clín. ger., 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h.
Dr.ª Maria Manuela Antunes—Doenças senhoras, 13 h.
Dr. Luís Andrade—Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18.30 h.

Casa das Malas
180 — Rua Aurea — 182
JOAQUIM DA SILVA & C.ª (FILHOS)

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Ano Novo muito próspero.

Casa Hipólito, Lda.
TORRES VEDRAS
(Fundada em 1900)

Aos seus Amigos e Clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas Festas e feliz Ano Novo.

QUINTA DOS LOMBOS—TELEFONE 044048
CARCAVELOS
FLORA DE CARCAVELOS
DE LUCIANO DE MATOS

Deseja a todos os seus Clientes FESTAS FELIZES e um NOVO ANO muito próspero.

Pastelaria Benard
MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LIMITADA

Desejam um novo ano próspero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1956.

Adão
CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Telefone 24064

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Armazéns da Betesga, Lda.
Praça da Figueira, 15, e Rua dos Douradores, 222-1.º

Desejam um Ano Novo cheio de prosperidades a todos os seus Ex.mos Clientes.

Tudela & Esteves, Lda.
P. DA ALEGRIA, 40-A
Telef. 27443
Drogaria e Depositários
da NYMPHA DO MONDEGO

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

COELHO
PELEIRO
RUA DOS RETROSEIROS, 85

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

Dominguez & Lavadinho, L.da

Desejam aos seus prezados Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.

Rua da Assunção, 79 a 85
Rua dos Sapateiros, 135 a 143
LISBOA

METAL DISTENDIDO, LDA.
A melhor rede metálica para construção civil
«TRANCAPORTAS PORTUGUÊS»
CAMPO GRANDE, 10 a 10-B — Telefone 774132

Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos á fruição das mais venturosas prosperidades no Novo Ano.

CALÇADOS
MIRITA
O SAPATO ETERNO
Telefone 47839 — Avenida Almirante Reis, 6 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos e a todos deseja Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Auto Cais Sodré
De MANUEL DUARTE LEAO
Praça Duque da Terceira, 9
Telefone 2 6733

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

Restaurante "LA GONDOLA"
AVENIDA DE BERNE, 60 — LISBOA

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO — LEILÃO

Em 16 de Janeiro de 1956 e dias seguintes, ás 10,30 horas, na **estação de Braço de Prata,** proceder-se-á, nos termos do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 11.º da Tarifa de Operações Acessórias, á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos bem como de outros volumes encontrados abandonados e que não tenham sido reclamados.

De igual modo se procederá nas respectivas estações do destino, para com as **taras vazias,** de algumas remessas. **que se encontrem por retirar.**

Avisam-se mais uma vez e agora por este meio, os Srs. Consignatários das remessas, de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço das Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 13 de Janeiro, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Entre outras, encontram-se as remessas seguintes:

Transportadas ao abrigo da Tarifa 8/108, numeros: 2193, de Ceira-Central a Covilhã, 1 atado de sacos; 4206, de Penafiel-Central a Lisboa P, 1 pacote; 1546, de Castelo Branco a Lisboa P, 1 pacote; 312, de Urrós a Porto, 1 atado de sacos; 2695, de Leiria a Santo Tirso, 1 atado de sacos; 61620, de Covilhã a Lisboa-Rego, 1 pacote; 20204, de Viseu a Espinho, 1 garrafão com azeite; 21071, de Espinho a Campanhã, 1 pacote; 6 1036, de Porto a Lisboa P, 1 pacote; 8 636, de Sacavém a Coruche, 1 pacote; 3 210, de Paço d'Arcos a Tomar, 1 caixa; 1 769, de Ponte de Lima-Central a Lisboa P, 1 caixa; 11 622, de Castelo Branco a Gaia, 1 caixa com calçado; 4 227, de Lisboa-Central a Aveiro, 1 caixa com calçado; 5 290; de Cortegaça-Central a Belver, 1 saco com corda; 5 225, de Lagos a Lisboa-Terreiro do Paço, 1 pneu; 6 970, de Esmoriz a Fornos de Algodres, 1 fardo de novelos de fio; 5 996, de Mirandela a Rio Tinto, 1 pacote; 5 333, de Cortegaça-Central a Chaves, 1 saco com corda; 15 938, de Cais do Sodré a Torrão-Central, 1 pacote de fogareiros; 64 890, de Porto a Lisboa P, 1 pacote.

Transportadas em grande velocidade, numeros: 1 943, de Montargil-Central a Lisboa P, 4 jaulas vazias; 46 403, de Réguá a Lisboa P, 1 mala com roupa. 46 925, de Viseu a Lisboa P, 1 mala com roupa e 1 caixa com livros; 24 414, de Leixões a Lisboa P, 1 caixa com aparelho de medida; 24 106, de Gouveia a Lisboa-Rego, 1 caixa com escórias, 39 632, de Campanhã a Oliveirinha, 1 caixa com ferragens; 26 134, de Porto a Oliveira de Frades, 1 mala com roupa. 51 126, de Faro a Porto, 1 mala e 1 pacote com amostras; 742, de Trancoso-Central a Evora, 1 caixa com material eléctrico; 3 329, de Palma a Setubal 1 caixa com conservas; 1 904, de Lisboa-Alvalade-Central a Olhão, 1 pacote; 28 440, de Lisboa-Santo Amaro a Loulé 1 saco com escovas de aço.

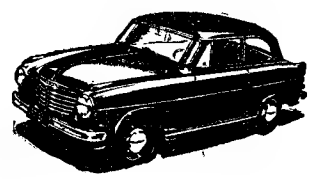
Transportadas em pequena velocidade, numeros: 7 017, de Lisboa P a Paialvo, 1 caixa de mercearias; 3 636, de Anadia-Central a Figueira da Foz, 2 caixas com livros; 30 676, de Esmoriz-Central a Castelo Branco, 8 volumes; 4 931, de Sendim a Esmoriz, 3 atados de barris; 79 345, de Paraimo a Santarém, 1 grade com garrafas de vinho; 43 732, de Torres Novas a Santarém, 2 sacos com cré fosfatado; 51-521, de Ponte de Sor a Entroncamento, 2 grades com garrafas de hipocloreto; 66 942, de Mogofores a Campanhã, 24 sacos com agripó (adubo), 82 260, de Lisboa-Rego a Covilhã 2 sacos com insecticida; 300, de Coimbra a Ponte de Sor, 1 caixa com peças de ferro; 7 062, de Cacela a Campanhã, 1 grade com lauça; 35282, de Campanhã a Ponte de Sor, 1 grade com louça de ferro; 49 370, de Monte Redondo a Cortegaça-Central, 5 barris vazios; 19 597, de Valado a Entroncamento, 1 caixa com louça; 69 057, de Mogofores a Mangualde, 1 caixa com garrafas de vinho; 63 280, de Vila Real de Santo António a Canas-Felgueiras, 1 caixa com calçado; 56 647, de Sampaio-Oleiros a Cachão, 1 fardo de papel; 17 695, de Setubal a Valongo-Lordelo-Central, 1 caixa com ferragem; 31 650, de Esmoriz-Central a Braga, 1 fardo de papel; 56 060, de Sampaio-Oleiros a Montemor 1 fardo de papel; 17 452, de Lisboa-Estrela a Olhão, 2 caixas com lanternas de vidro; 16 945, de Olhão a Messines, 5 rebolos de amolar; 88 992, de Evora a Lisboa-Jardim, 4 pneus; 81 450, de Lisboa-Jardim a Faro, 3 atados de sacos vazios; e uma porção de encerados inutilizados.

O leilão realiza-se no armazem do antigo cais do Poço do Bispo, da estação de Braço de Prata, com serventia pela Rua Direita de Marvila.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1955.

GOLIATH 1956

UM CARRO DE QUALIDADE



EM EXPOSIÇÃO

CICLO MOTORES — CINAL — PACHANCHO

DISTRIBUIDORES

AMÉRICO RODRIGUES, LD.ª

SUB-AGENTES

RECAUCHUTAGEM UNIVERSAL, LDA.

RUA 1.º DE MAIO 73 a 77

TELEF. 638308 LISBOA

MOTORES DIESEL

MERCEDES-BENZ

MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS
DE MÉDIA ROTAÇÃO, DE 25 A 500 H.P.
EFICIENTES. ECONÓMICOS. DURADOUROS

REPRESENTANTES

C. SANTOS LDA.

29, AV. DA LIBERDADE, 41—LISBOA
160, R. DE STA. CATARINA, 168—PORTO

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

COM O CAPITAL DE ESCUDOS 294.100.000$00

Pesquisas e extracção de diamantes na Província de Angola
em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E ADMINISTRADOR-DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

VICE-PRESIDENTE

Com. Alvaro Morna

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA

DIRECTOR-GERAL

José Tavares Paulo

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

REPRESENTANTE

Dr. Sílvio Guimarães

Tem em casa

19 gatos e 11 cães

e não concorda

com a Protectora

Chegamos á Rua das Janelas Verdes e procuramos o numero da porta. Na rua estreita de nomenclatura bem sonante e colorida, passam os «eléctricos» e expande-se no ar o ruído confuso das telefonias que captam cada uma a sua onda. Achamos numa pequena loja o local que procuramos. D. Maria José dos Santos, de estatura baixa, olhos verdes rasgados, não põe obstáculos e recebe com a melhor compreensão o nosso interrogatório.

—Exactamente, sou eu que tenho muitos gatos. Dezanove ao todo. Cães tenho onze. Tenho também um galo da India.

Comentamos que é quase a Arca de Noé...

—Como quiser — replica de pronto. —Há quem faça troça e não sei que mais, mas tudo me deixa indiferente. Os animais gostam de mim como eu gosto deles. Os sacrifícios não contam quando uma pessoa se dá a uma causa de bem fazer. Tenho quarenta anos, podia estar casada e rica, mas nem uma coisa nem outra. Ninguém quer tanto aos animais.

—Mas não a perturbam?

—Quase nada. Uns santinhos.

—E o que gasta com eles?

—Isso não digo. E' segredo. Mas gasto imenso. Quase tenho chegado a passar fome.

—A Protectora não a ajuda?

—Isso sim! Nada. Sou sócia. Os directores dizem que são muito meus amigos. Mais nada. De resto, deixe-me dizer-lhe, a protecção aos animais está mal feita, com muitos discursos e solenidades, mas deixando a desejar nos seus resultados.

—Que propõe então?

—O alargamento das instalações. Posses não lhes faltam. Além disto, delegados em todos os bairros.

A conversa desvia-se com uma imagem diferente, assinalada por um respirar de vida. Um cão doente? Mais que doente, informa-nos a D. Maria José: quase morto. Foi atropelado ali mesmo na rua, defronte de casa, por uma carro grande e negro, que seguia a toda a velocidade.

—Fiquei como louca, ao deparar com o animalzinho ali a ganir numa poça de sangue.

—O carro levou-lho para a Protectora?

—Não, senhor, não levou. O motorista saiu e disse que não dava importancia a estas coisas. Que tinha confundido o cão com um bocado de papel. A' luz do dia, calcule o senhor! De dentro, uma senhora bem vestida fez-lhe sinal para seguir. Ia com muita pressa, para uma reunião de beneficência. Ainda procurei a senhora, dias depois, mas não me recebeu. E olhe que tenho razão e testemunhas disso.

Ainda nos arriscamos a uma pergunta; o que é que lá no bairro pensam daquela tão expressiva zoofilia...

D. Maria José sorri brandamente, com corajosa compreensão humana: que uns acham amalucada (e sorri compassivamente), mas que outros, e muitos são, a respeitam e admiram.

—Sabem que eu amo os animais, mas é uma guerra viva, sabe? Até dizem que isto é um foco de doenças, imagine. Com isto tudo tão limpo como eu tenho, quer ver?

E tem. Atravessamos a casa pé ante pé, pé aqui pé acolá. A bicharada vem familiarmente, como crianças tímidas, a espreitar a visita. D. Maria José a todos os chama pelo nome de cada um: o Barbaças, o Lobito, o Lord, o Pinóquio, o Tody, o Capitão, o Brilhante, o Bolinhas, o Nina, o Titana...

Pé ante pé, para não pisar nenhum, voltamos á porta. Saímos. D. Maria José lá fica, a tomar conta do seu mundo. Se os cães pensassem — que pensariam eles da espécie humana?

A escolha de «toilletes» para o próximo «reveillon» parece preocupar sèriamente os membros da Sociedade Canina existente em Northwood, que promoveram uma completa passagem de modelos. Eis dois dos tipos de indumentária exibidos e, depois de tanta fadiga, não pode totalmente afirmar-se que sejam eles quem leva vida de cão...

UM FORMIGUEIRO LABORIOSO

A extenuante tarefa

do pessoal dos C. T. T.

para que toda a gente possa consoar

O armazem dos C. T. T., ali na Avenida 24 de Julho, tornou-se num autêntico carreiro de laboriosas formigas — formigas que saem, formigas que entram, sempre carregadas. Aos cantos montanhas de volumes. Estas «formigas» medem cerca de 1 metros e 70, usam farda e um boné com um emblema e as letras: C. T. T.

Na verdade, a semana do Natal é particularmente trabalhósa para o pessoal dos C. T. T. As encomendas postais duplicam, triplicam. Uma autêntica avalanche, que o não aterroriza — porque os serviços estão bem montados—, mas que o faz correr e suar. Um exército em batalha! O inimigo é silencioso, tem forma quadrangular — e chama-se encomenda postal!

Os serviços dos C. T. T. na Avenida 24 de Julho merecem os maiores aplausos. Na aparência, aquilo é só desordem — catastrófico e caótico. Montes de volumes. Meia duzia de funcionários, de olhos esgazeados. Mas não! E', por assim dizer, a harmonia na perturbação. Cada coisa tem o seu lugar. Os funcionários sabem o que devem fazer e fazem-no na perfeição. Os horários são cumpridos. E todos receberão, para consoar, as suas passas, os seus bolos, as suas prendas!

Pelas informações recolhidas e um pouco de observação, concluímos que as encomendas, na semana do Natal, atingem o triplo do volume normal. Há uma afluência excepcional de encomendas, provenientes das ilhas. Provàvelmente rendas, artigos de artesanato, bolos. O «Carvalho Araujo» transportava 360 malas. Da Província vieram 500. De Africa vieram poucas. De Portugal continental segue, igualmente, um numero maior de volumes para as ilhas adjacentes, em relação a Africa.

Os C. T. T. desenvolvem, então, trepidante actividade e o pessoal não tem mãos a medir. Duzentos carros cruzam a cidade. Encomendas que cheguem á Avenida 24 de Julho pelas 10 horas são seleccionadas e expedidas para as estações urbanas, de forma a que os destinatários as possam receber dentro de 24 horas.

Chegaram duas camionetas ao armazém onde nos encontramos. Bulício! Agitação!

Não nos forneceram numeros. Apenas aproximações, com reservas. O que podemos afirmar é que os C. T. T. vencem todas as dificuldades. Um exército! Um exército heróico, abnegado—e vitorioso!

O ano novo

e as crianças

por LYGIA TOLEDANO ESAGUY

Há crianças pobres que desejam colher estrelas, mas das suas mãos só escorregam lágrimas—aquelas lágrimas que elas pretenderam enxugar com os seus deditos de criança um pouco magoada já pela adversidade do destino.

Corre no tempo a distancia. Essas crianças crescem, e há sempre um cenário de vida de ontem que a sua retina não perdeu, para se esconder depois no subconsciente da alma. E a vida então, num tremular aceso, num recordando, parece que se parte em duas: aquela que ficou para trás, e aquela que hoje será no dia de amanhã, mais uma lembrança no futuro—amarga, essa lembrança, dolorosa? Talvez, mas também pode ser o eco de um sonho que lhes faça lembrar uma voz quente e afectiva, como uma ilusão que acalenta.

Os rumos na vida são incertos e, nas histórias reais ou fantásticas da existência, vemos na criança de ontem o homem de hoje, que, de ano para ano, espera ansioso, sempre com fé crescente, talvez um novo destino no barco que ele pilota, num mar onde as tempestades são tremendas e contínuas.

Onde existe a dor, existe alma e, um corpo sem dor, é uma vida onde tudo se nega, porque as mãos julgam prender-se a certezas, cujas raizes não são fundas nem produtivas. Nos olhos frios de uma alma que se julgou extensa, nasce a expressão do descrente que se avizinhou do falso.

Como lutar contra as vicissitudes que semeiam tantas e tantas amarguras, chegando a tocar as raias do desespero?

A criança também teve as suas ilusões. O sonho, o mundo miniatural por onde dispersou os seus sentidos, foi sempre mais ou menos dirigido e comandado por ela. Deseja criar o seu mundo á sua semelhança e... naturalmente, supôs, julgou, ou sentiu, que tudo viria a ser tão belo á sua volta, tal qual a sua fantasia criou... Para que do sonho igneo não restasse apenas fachos escuros, prometeu-se a si própria, quando cresceu mais uns palmos de altura, lutar e honrar a sua Pátria.

Os seus ideais não se converteriam em fogo-fatuo, mas sim numa concreta realidade.

Aquilo que aqui e além, em várias decepções julgou perdido, como sorriso vago, quase abstracto, ela sente depois, na luta pela reconquista, na ansia pelo triunfo, que as suas ambições não se convertem em anónimas para o Mundo, porque a sua sêde da vitória é tão forte, como a ansiedade de certas avesitas pela luz, na madrugada das Primaveras.

Ano Novo—novos talentos que surgem, novos valores que despontam, e sempre novas esperanças, porque as lágrimas de ontem semearão hoje rosas, nos seus desejos de luta por um ideal.

A luz que vem do supremo Deus para nós, podemos alcançá-la, se não esmorecermos nem esbarrarmos contra os rudes obstáculos da vida.

Através da obra literária do querido director do «Diário de Lisboa», que em justa homenagem foi exaltada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, no mês passado, e onde tivemos ocasião de render as nossas homenagens, encontramos a luz mais pura, a fonte mais cristalina, o sol mais quente, o caminho mais digno, a coragem mais forte e a fé mais elevada que nos pode levar á estrada da verdade.

Não recusamos ambições, sentimos que esperar é ter promessas, que a esperança cresce e nos enleia, as horas não se simulam em pétalas mortas, perde-se o desejo de chorar inuteis dores e de criar ódios que não acalmam a própria dor.

* * *

Ano Novo—é sempre novo, porque com ele vem a aspiração fremente de suspender bem alto a nossa fé e os nossos sonhos.

O poço sem fundo das trevas enche-se de luz; enchem-se de maior brancura as brancas rosas, lança-se a ternura em nossa alma. Mas, o que necessitamos, é estender, perpetuar esse frémito, essa vontade, que só pode criar forma e corpo, se ela se torna firme e se não deixa perder como as areias da praia que o mar consome.

Ano Novo—há crianças pobres que desejam colher estrelas, mas das suas mãos só escorregam lágrimas—aquelas lágrimas que elas pretenderam enxugar com os seus deditos de criança um pouco magoada já pela adversidade do destino. Mas, não! Crianças de hoje, homens de amanhã; o destino também se forja. Vivei longe do brilho baço da esperança vaga que alaga de silêncio a vossa alma! Não tendes o brinquedo com o qual tanto sonhasteis? O pão que comeis é codea escura e tendes frio? Não sabeis quanto de belo podeis vir a produzir pelas vossas boas acções e até mesmo através dos vossos ideais.

Se hoje dormis sobre espinhos, amanhã poderão nascer para vós as rosas mais raras e perfumadas. Não deixeis jámais que vossa alma se extasie num charco de água—lembrai-vos que ele não tem correntes!

Ainda sentireis no vosso espírito as marcas doutro Sol e nascerá um jardim multicolor sob os vossos passos.

LYGIA TOLEDANO EZAGUY

CHARUTOS CIGARRILHAS DE QUALIDADE PRINCEPS
Agentes: GASPAR CARMO & IRMAO, SUCRS.—PORTO

DESDE
AS PEQUENAS LEMBRANÇAS DE FINO GOSTO
ÀS JOIAS
E PRATAS DE GRANDE VALOR
encontra tudo na
Ourivesaria da Guia
Fundada em 1875
R. MARTIM MONIZ, 2/10
Telefone 28336
R. da Mouraria, 7/11 (junto á Capela de N.ª Sr.ª da Saude)

Restaurante Clementina
Casa que V. Ex.ª deve preferir
Comida muito sã. Preços acessiveis
Rua Jardim do Regedor, 37-1.º
Telefone 24669

RECORD BATIDO
Em facilidades. Não desequilibre o orçamento.
Compre a prestações desde 25$00 semanais na
ALFAIATARIA PENINSULAR, LDA.
Poço do Borratém, n.º 31, 1.º
Direcção técnica — J. C. Moura
Alfaiate diplomado

DISCOS
MICROGRAVADOS
BAIXA DE PREÇOS NAS MARCAS
ARCHIV – DEUTSCHE GRAMMOPHON
CORAL – LE CHANT DU MOND – POLYDOR
GRANDE SORTIDO PARA O NATAL
À VENDA EM LISBOA
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
Rua Nova do Almada, 112
SASSETTI & C.ª
Rua do Carmo, 56

UMA *genial* IDEIA

TORNADA REALIDADE

Os novos receptores NORDMENDE do ano de construção 1955/56 são o resultado de um trabalho de desenvolvimento com uma alta finalidade. Em capacidade, fácil manejo e criação arquitectónica, apresentam consideráveis melhoramentos e maior precisão. No lugar do BOM e CONSAGRADO surge ainda MELHOR. No intuito de oferecer ao público mais ainda em qualidade de som, capacidade e precisão técnica, desenvolveram os Engenheiros da NORDMENDE, uns

REGISTOS DE SOM

com os quais são equipados os novos modelos. Através de estes REGISTOS DE SOM, de grande merecimento, a audição de T.S.F. entra num novo estado. Se a técnica 3D representava já um progresso reconhecido, os novos REGISTOS DE SOM atestam um desenvolvimento de muito agrado para os exigentes musicais. Assim se criou algo de completamente novo, dando ao ouvinte a possibilidade de ele próprio colaborar na recepção das emissões. Tal como o organista puxa os registos do órgão para moldar o som, consoante as exigências da peça musical, basta um leve toque nas teclas dos REGISTOS DE SOM — Baixos, Voz, Orquestra, Solo e Jazz para cada emissão surgir surpreendentemente, verdadeira e fiel.

Os **REGISTOS DE SOM** são uma criação de efeitos surpreendentes, uma ideia genial que encontrou a sua realização impecável e convincente

NORDMENDE

A MAIOR FÁBRICA DE RÁDIOS DA ALEMANHA

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

O MAIS BONITO BRINDE para creanças e adultos

O RELOGIO MEALHEIRO

da Sociedade Portuguesa de Seguros,

em que só é possivel dar corda depois de se lhe introduzir diariamente uma moeda, obriga os pais e ensina os filhos a serem economicos. Aplique essas economias constituindo um dóte para os seus filhos ou para assegurar o futuro dos seus fazendo um seguro de Vida, que a Sociedade Portuguesa de Seguros lhe dará gratuitamente um destes lindos relogios.

Dirija-se á

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

RUA DA MADALENA 36, LISBOA — ou aos seus Agentes em todo o país, que terá todas as informações que carece.

Austria Email

PANELAS VERDES DE PRESSÃO

UM VALIOSO BRINDE

Com 80 % de economia fazem os cozinhados mais SAUDÁVEIS

A' venda em todas as boas casas

Distribuidores: Aparta[illegible] 910

ERICEIRA

Pensão Morais

TELEFONE 11

ABERTA TODO O ANO — SITUADA NO PONTO MAIS CENTRAL DESTA LINDA PRAIA — AMPLOS E CONFORTÁVEIS APOSENTOS — MAGNIFICA ESPLANADA — NESTA PENSÃO HÁ SEMPRE **LAGOSTA** — VIVEIRO PRIVATIVO

Proprietário — **A. MORAIS**

1956

Feliz Ano Novo

MABOR GENERAL

DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES DA METRÓPOLE E DO ULTRAMAR, A

MABOR

16-55

MAPLES

Os mais baratos e cómodos

Antiga casa Soares & Coelho

Rua do Norte, 61 (ao Camões)

Tele 26550

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

Mobílias tipográficas

Os que mais barato fabricam

Antiga casa Soares & Coelho

R. do Norte, 61 (ao Camões), Tel. 26550

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

Caminhos de Ferro

ZONA SUL

Serviço especial por ocasião das festas de Ano Novo

Para assegurar o transporte dos Srs. Passageiros que por ocasião das festas de ANO NOVO se deslocam na Zona Sul do País, a C. P. estabelece o seguinte serviço especial:

Dias 31 do corrente e 2, 3, 7 e 8 de Janeiro de 1956—Comboio n 8.011 (rápido do Algarve).

Efectua-se entre Lisboa-Terreiro do Paço e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação de e para Aljustrel e para Lagos.

Automotora n.º 9.728.

Efectua-se entre Faro e Lagos.

Automotora n.º 9.730.

Suspensa a sua circulação entre Faro e Lagos.

Dias 2 a 4, 8 e 9 de Janeiro de 1956—Comboio n.º 8.012 (rápido do Algarve).

Efectua-se entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Lisboa-Terreiro do Paço, com ligação de Lagos e de e para Aljustrel.

LIVROS

Compro. Policiais. Col. Vampiro e XIS. Pago 4$00 cada. Romances outras obras. Pago melhor. Postal G. Anselmo — Rua dos Cavaleiros, n.º 80, 1.º, ou carro de livros no Parque Mayer.

ENGENHEIRO

Jorge Duque

MISSA 1.º ANIVERSÁRIO

Um grupo de amigos de Jorge Duque participa que manda no dia 2 rezar missa de 1.º aniversário na Igreja dos Mártires, pelas 12 horas, por seu terno descanso.

Sonap

COLABORANDO COM AS ACTIVIDADES NACIONAIS

RECONHECIDA A EXCELÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS, A Sonap ORGULHA-SE DE ABASTECER, ENTRE OUTRAS DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, A COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE, EM CACIA

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

INDÚSTRIA BASE DA NAÇÃO

DECISÃO DO CONSELHO DE MINISTROS DE 24/4/47

55-130

O que foi a vida internacional

durante o ano de 1955

O «espírito de Genebra», as realidades e as ilusões

O ano de 1955, que coincidiu com o décimo aniversário do fim da guerra, foi assinalado por uma série de acontecimentos de decisiva importancia, no plano internacional. Por uma curiosa coincidência o ponto de partida para a sua eclosão e desenvolvimento ocorreu precisamente dez anos depois do desaparecimento do Fueher no abrigo da Chancelaria, sinal para a rendição incondicional do seu país. A realização da parada aérea de 1 de Maio deste ano, em Moscovo, teve incalculáveis consequências, dos pontos de vista estratégico e político, e foi nela que se gerou aquilo a que mais tarde foi dado o nome de «espírito de Genebra».

Este nasceu e sobreviveu, não em consequência da vontade deliberada dos homens para orientarem o Mundo no sentido da paz, mas por virtude de imperativos, irremovíveis e irreversíveis, que resultam da natureza e dos efeitos catastróficos das novas armas de destruição em massa. Resultou de uma fatalidade histórica que, traduzindo-se práticamente pelo ponto morto estratégico em que nos encontramos, baniu a ideia da guerra e tornou inevitável a construção inevitávelmente definitiva da paz.

O seu verdadeiro percursor foi o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, sir Winston Churchill, que, depois da leitura dos relatórios oficiais das experiências de Bekini, começou logo a advogar a realização de uma conferência «no mais alto escalão», a qual veio a ter efectivamente lugar em Julho. O seu mais eloquente intérprete foi o presidente dos Estados Unidos que, em Outubro de 1954, lançou a fórmula definitiva em que resolvia a situação criada: «Com as actuais armas de destruição não há alternativa para a paz».

O «espirito de Genebra» não resultou de quaisquer combinações politicas e as suas consequências não podiam nunca ser a realização de um programa préviamente concertado entre os dois blocos opostos. Sendo, essencialmente, a verificação de um facto irreparável, criou uma situação inteiramente nova, a qual já condicionava a evolução dos acontecimentos nas conversações diplomáticas, mas que passou a fazê-lo publicamente, com o conhecimento dos povos interessados.

O «espirito de Genebra» e a resolução dos problemas pendentes

O «espirito de Genebra» deixou, como era fatal, intactos os problemas pendentes quando do encontro em Genebra, dos chefes dos quatro governos das grandes potências vencedoras do conflito que terminou há dez anos: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética. Não trouxe para eles qualquer solução nas posições tomadas, de um e outro lado. Mostrou, pelo reconhecimento reciproco da impossibilidade de desencadear um novo conflito mundial, que essa solução teve de ser dada por meios pacificos.

Esta inovação de importancia capital para a História do nosso tempo e para a História da Humanidde, estabeleceu um condicionalismo novo no sistema tradicional das relações entre ás grandes potências. Pela primeira vez, a guerra deixou de ser uma forma de fazer politica, e neste sentido o conceito fundamental da doutrina Clauzewitz sofreu, com o aparecimento das novas armas, um desmentido rotundo. A revolução, assim operada, é de tal transcendência e extensão — nas suas repercussões imediatas e distantes ela afecta o conjunto da vida humana em todas as suas manifestações—que povos e dirigentes mal começam a habituar-se a ela, recusando-se a modificar o vocabulário que exprimia o estado de coisas existente anteriormente.

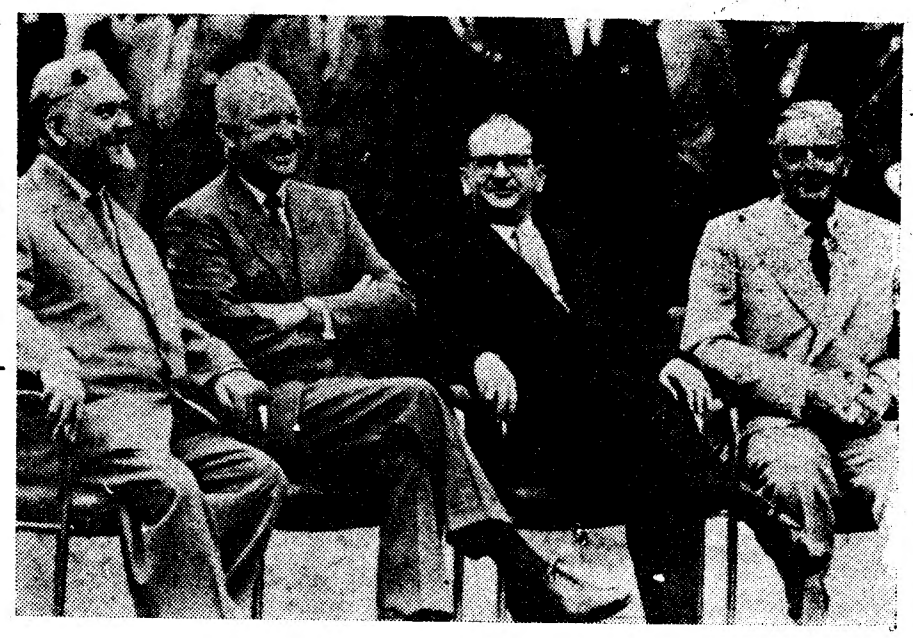
Neste momento pode dizer-se que os homens vivem num clima irreal em que á falta de uma adaptação a distancia continuam a pensar, a falar e frequentemente a agir sem contacto com as realidades predominantes que se impuseram á margem da sua vontade e dos seus desejos. Nada indica que essa adaptação seja fácil e muito menos que seja rápida. Mas é já em obediência aos seus ditames que está a decorrer a evolução de uma situação internacional em que a guerra fria—no sentido apocalíptico que lhe foi emprestado durante uma decada — sucedem novas formas de competição e concorrência, as quáis tendem cada vez mais, a relegar para segundo plano as considerações exclusivas de natureza militar.

No interior do bloco comunista

No interior do bloco comunista, o esforço de integração e penetração caracterizou, como no campo ocidental, as diversas iniciativas dos dirigentes soviéticos e dos seus aliados—da China á Alemanha Oriental. As viagens

Churchill, a maior figura da política britanica depois da era vitoriana, que se retirou da primeira linha da actividade, cedendo a Eden a posição de primeiro-ministro e a chefia do Partido Conservador

do chefe do Governo russo, Bulganine, e do secretário-geral do Partido Comunista, Kruchtchev, primeiro á Jugoslávia, depois aos países asiáticos — India, Birmania, Afeganistão—enquadram-se nessa tarefa de folego para adaptar a politica de Leste ás realidades geradas pela impossibilidade da guerra. Um dos acontecimentos mais importantes que se registaram nos ultimos meses do ano que finda agora, foi a entrada espectaculosa da União Soviética na concorrência com o Ocidente para o fornecimento de armas e capitais aos países económica e industrialmente atrasados—India, Egipto, Arábia Saudita. Esse acontecimento significa, de maneira inequivoca, que para os dirigentes comunistas a era da guerra fria foi ultrapassada e lhe sucedeu a era da co-existência competitiva.



O espírito de Genebra foi talvez esta fotografia: o sorriso dos Quatro Grandes diante da objectiva. Bulganine, Eisenhower, Faure e Eden foram os protagonistas dessa reunião que, quaisquer que sejam os seus resultados, fica sendo o acontecimento de maior expressão na política mundial durante o ano que hoje atinge o seu limite

Um rápido exame retrospectivo do que se passou nestes doze meses — do afastamento do sr. Churchill da cena política á agitação reinante do Norte de Africa, do rearmamento alemão á neutralização de diversos países europeus e asiáticos, passando pelas crises que levaram á vitória eleitoral dos conservadores ingleses e á covocação dos colégios eleitorais franceses—mostra que tudo se relacionou, de maneira visivel, com a mutação operada no cenário internacional por virtude do condicionalismo estratégico e politico gerado pelas novas armas com o seu corolário inevitável, o «espirito de Genebra».

Este apenas secundáriamente se entende com os sorrisos prodigalizados pelos dirigentes soviéticos e americanos, quando da conferência no mais alto escalão e nada tem com as ilusões que se suscitaram, prematuramente, quanto á possibilidade de ver qualquer dos blocos opostos abdicar das posições conquistadas e das vantagens adquiridas, ilusões que só podiam resultar de uma interpretação errada dos factos, os quais não serão afectados pela liquidação dessas ilusões.

O bloco ocidental em busca de uma politica

O malogro daquilo a que, impròpriamente, se chamou a segunda conferência de Genebra—reunião em Outubro dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros naquela cidade suiça — nada tem com o condicionalismo criado pela primeira. Só no plano de propaganda esse malogro pode apontar-se como um factor susceptivel de inverter os dados em que a vida internacional passou, no quadro interno dos dois blocos, a necessidade de estabelecer uma coesão maior entre os seus elementos e uma tendência comum para aceitar os factos consumados e tirar deles os ensinamentos mais convenientes.

No interior do bloco ocidental, a recente reunião do Conselho da N. A. T. O., seguindo-se ás tentativas para consolidar as organizações extra-atlanticas que reforçam a solidariedade ocidental—Pacto de Bagdad e S. E. A. T. O.—deram a medida do sentido em que aquela evolução está a fazer-se. Esse sentido foi posto em relevo pela decisão americana de aumentar a importancia do auxilio ao estrangeiro (militar e económico) e pela deliberação anglo-americana de fornecer os primeiros fundos para a construção da grande barragem de Assuan no Alto Nilo.

O bloco ocidental continua em busca de uma politica em que basear a sua estratégia e, depois de Julho, limitou-se a procurar responder ás iniciativas do adversário nos pontos onde estas se fizeram sentir de maneira deliberada—Médio Oriente, Alemanha, etc. Malogradas as tentativas que tiveram a sua expressão nas fórmulas vindas do outro lado do Atlantico do «containment», cujo profeta foi o sr. Kennan, e do «roll back», cujo inspirador foi o sr. Burnhan, sou a evoluir. O que se verificou ainda se não produziu o esforço de imaginação indispensável para lhe dar uma sucessão adequada á natureza, á gravidade e á extensão dos acontecimentos a que estamos a assistir.

O que dizem os astros

para o ano de 1956

segundo o astrólogo Radini

Era muito melhor adivinhar do que ser rei... E convencida como está da verdade deste conceito, a Humanidade lança-se desenfreada na busca de sinais que possam dar-lhe a conhecer antecipadamente as causas e os efeitos dos acontecimentos.

Um ano que finda é sempre um somatório de realidades, boas ou más, que constituem experiência insuficiente para dar ás pessoas a capacidade de aguardarem serenamente os factos que o futuro lhes reserva e esquecerem de uma vez o inefável desejo de querer adivinhar. Por isso, dentro desse quadro de realidades, quiçá no grupo das boas ou talvez entre as más, aparece sempre o desejo insaciável de prever o que poderá reservar-nos o ano seguinte.

Satisfazendo a natural curiosidade dos nossos leitores, e um pouco também nossa, vamos reproduzir as previsões para o ano de 1956, elaboradas pelo astrólogo Carlos Radini, bem conhecido nos meios onde se cultivam as ciências ocultas. Eis trezentos e sessenta e seis dias (o próximo ano é bissexto) de futuro em pouco mais de duas duzias de linhas de prosa impressa.

A situação internacional apresentar-se-á confusa, especialmente na Alemanha Oriental, Brasil e Japão. A França, apesar das dificuldades governamentais que sofrerá, e de eleições, seguidas eventualmente de dissidências várias, encontrará a fórmula precisa para defender o País nas suas representações políticas, o que se verificará a partir do equinócio da Primavera.

Até Maio dar-se-ão alguns acidentes marítimos, que afectarão principalmente os países que possuem grandes frotas mercantes. Também haverá graves acidentes de viação.

Uma parte do ano será favorável á Russia existindo mesmo a possibilidade, especialmente no quarto trimestre, de ela efectuar importantes acordos com os Estados Unidos da América.

Neste ultimo país registar-se-ão várias greves, que acarretarão consequentes dificuldades políticas. As condições astrais marcam uma modificação importante no regime estado-unidense, pelo que Eisenhower não será reeleito. Além disso, o actual presidente americano estará sujeito a novas dificuldades de saude.

Os governantes de todo o Mundo, de uma maneira geral, terão dificuldades na resolução dos problemas internos.

O Governo de Pequim, depois de atravessar algumas dificuldades, usará de boa diplomacia necessária para resolver favorávelmente os seus assuntos. A Algéria, Tunisia e Marrocos, mostrar-se-ão agitados. Por sua vez, o clima astrológico na Alemanha mostra-se confuso.

A Bolsa internacional, após momentos de expectativa, apresentar-se-á favorável, especialmente para a França.

O ultimo trimestre trará profundas alterações na tradição inglesa e, no Reino Unido, morrerá uma figura de grande projecção internacional.

A partir de Julho-Agosto verificar-se-ão importantes modificações no Governo da Russia.

O período de Setembro-Outubro mostra-se bastante duvidoso para os países da América Central, Inglaterra, França, Africa do Norte e União Soviética.

No Brasil haverá tendência para seguir um regime de ditadura ou, pelo menos, verificar-se-á uma modificação importante no regime actual. O seu presidente terá dificuldade em manter-se no Poder, principalmente, se não for apoiado pelas forças armadas.

Os países sul-americanos suportárão questões internas, principalmente a Argentina.

Um importante acontecimento visará o Pacto do Atlantico, no qual provávelmente interferirá a América do Norte.

Na Indochina haverá dificuldades de ordem política. A India tem aspectos astrológicos favoráveis, excepto para os seus governantes.

Os eclipses que marcam os principais acontecimentos podem reservar a morte de um governante (rei, presidente ou chefe) e bem assim dificuldades legislativas em que poderão observar-se erros graves em julgamentos e tribunais.

Alguns empreendimentos militares serão infortunados e lançarão os povos em desacordo.

A lunação de Maio-Junho mostra perigo de morte para uma mulher que desempenhe cargo de governante ou ocupe posição de relevo no seu país.

Todavia, o período final do ano de 1956 será excepcionalmente bom para todo o Mundo.

Valha-nos isso, ao menos.. Sempre nos resta a esperança de podermos compartilhar das benesses que se espalharão pela Terra nesse final do ano que vai começar.

Sim, porque nós estamos convencidos de que o nosso profeta não deve andar muito longe da verdade ao fazer as citadas afirmações. Muitos dos acontecimentos previstos hão-de, por certo, transformar-se em verdades consoladoras ou desagradáveis. Isto porque desde que o Mundo é Mundo, e a um ano se sucede outro ano, sempre aconteceu a Terra suportar esperanças e desilusões, alegrias e tristezas, privações e desafogos.

De toda a sorte, para lá do que os «astros» lhe possam reservar a si, particularmente, fazemos votos para que o ano de 1956 não seja pior que o seu antecedente. Possam os astros, na sua inevitável trajectória, assegurar-nos um futuro tanto quanto possivel tranquilo e isento de sobressaltos que nos afectem o músculo cardíaco.